

Letraria 

AD francesa

(1969-2019):

50

anos de presença nos
estudos da linguagem

Claudiana Narzetti
Renata Nobre Tomás
Lorena Nobre Tomás
Carlos Renato R. de Jesus
Luiz Carlos Martins de Souza

(Organizadores)

AD francesa

(1969-2019):

50


anos

de presença nos
estudos da linguagem

Claudiana Narzetti
Renata Nobre Tomás
Lorena Nobre Tomás
Carlos Renato R. de Jesus
Luiz Carlos Martins de Souza
(Organizadores)

AD francesa
(1969-2019):
50 anos de presença nos
estudos da linguagem

Araraquara
Letraria
2020



AD francesa (1969-2019): 50 anos de presença nos estudos da linguagem

PROJETO EDITORIAL

LETRARIA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

LETRARIA

CAPA

LETRARIA

REVISÃO

LETRARIA

NARZETTI, C.; TOMÁS, R. N.; TOMÁS, L. N.;
JESUS, C. R. R. de. **AD francesa (1969-2019): 50
anos de presença nos estudos da linguagem.**
Araraquara: Letraria, 2020.

ISBN: 978-65-990072-8-6

1. Análise do discurso francesa. 2. Estudos da
linguagem. I. Título

CDD: 410

APOIO:



FAPEAM

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DO AMAZONAS

CERTIFICADA PELA ISO 9001:2008

SUMÁRIO

Apresentação	8
O sonho do discurso: a chave para todas as ideologias Colin MacCabe	15
O nascimento da Análise do discurso francesa: tendências de AD na França nos anos 1960 Claudiana Narzetti	29
A corporalidade do <i>ethos</i> discursivo nas propagandas de cerveja Carlos Renato Rosário de Jesus	51
Os sentidos de “feminismo” e “feminista” em páginas antifeministas do Facebook Anndra Karolina da Silva Balieiro	74
Esteriotipização das identidades amazônicas em dizeres de famosos Josué Jacob Almeida Mouzinho	92
Discursos sobre as mulheres em propagandas de cervejas Max Alan Moura da Silva	108

As formações imaginárias de João Cabral a partir da análise do discurso de <i>Morte e Vida Severina</i> : o poeta da razão? Márcio José da Silva	123
Análise do discurso publicitário de escolas de idiomas na cidade de Manaus e o ensino e aprendizagem de língua inglesa Claudia Patricia Cadena Montoya	142
A sétima dor de Maria: ressentimento camuflado e a espetacularização midiática em torno do perdão Fernando Ferreira da Silva Ananias	158
Análise discursiva do poema “Mal secreto”, de Raimundo Correia: os sentimentos por trás das máscaras Vitória Carvalho dos Santos	173
Ciência sob a ótica dialógica de Bakhtin: como organizar o percurso metodológico? Fernanda Dias de Los Rios Mendonça	188
Uma leitura Bakhtiniana da obra <i>Bufólicas</i> , de Hilda Hilst Emilly Monique Oliveira Silvano	204
Os gêneros da desinformação Ester Cordeiro da Fonseca	221

O dialogismo entre gêneros no projeto de ensino “Teatrocafé”: relato de experiência Maria Gabriella Flores Severo Fonseca	236
Biblioteca Pública do Estado do Amazonas: os discursos de valor propagados na esfera jornalística manauara Raquel Souza de Lira Maria Evany do Nascimento	250
Sobre os autores e organizadores	265

| Apresentação

O ano de 1969 marca o nascimento da Análise do discurso francesa com a publicação de trabalhos importantes, como o livro *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux, um dos principais nomes desse campo de estudos, e do número 13 da revista *Langages*, cujo tema era a “Análise do discurso”, e reunia artigos fundamentais na área, como os de Jean Dubois, “Énoncé et énonciation”, e de Zellig Harris, “Analyse du discours”.

Sabemos, entretanto, que a história da AD é longa. Primeiramente, não começa em 1969. A sua emergência acontece a partir da conjunção de forças diversas que se desenvolveram na primeira metade do século XX: o estruturalismo na Linguística; as releituras de K. Marx por L. Althusser e de S. Freud por J. Lacan; a epistemologia histórica, de G. Bachelard e de G. Canguilhem; a configuração política francesa. Os trabalhos pioneiros no campo são publicados alguns anos antes de 1969, como alguns artigos de Pêcheux. Além disso, uma vez constituída, a AD não estagnou no que foi proposto nesses anos iniciais, tanto teórica quanto metodologicamente: 1969 marca o início de uma grande jornada, caracterizada por revisões, refinamentos, retificações, expansões. Há de se considerar, ainda, que, nascida em solo francês, a Análise do discurso logo disseminou-se por diversos países, dentre eles o Brasil. Aqui, desde os anos 1980, a Análise do discurso é um campo profícuo de investigações, estando presente nas mais diversas universidades desde a graduação até a pós-graduação.

Por esse motivo, organizou-se um evento comemorativo de seus 50 anos de emergência intitulado “50 anos da fundação da Análise do discurso francesa (1969-2019)”. Este livro reúne artigos resultantes de trabalhos apresentados nesse evento, realizado na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na cidade de Manaus, em 2019. O Seminário teve por objetivos: a. homenagear os 50 anos de fundação

desse campo de estudos tão profícuo, especialmente aqui no Brasil; b. divulgar pesquisas concluídas ou em andamento, nos mais diversos níveis, da graduação à pós-graduação; c. promover discussões visando a consolidar fundamentos teóricos e metodológicos de pesquisas. O evento, realizado nos dias 14, 15 e 16 de agosto de 2019, teve uma programação que incluiu conferências, mesas-redondas, Grupos de Trabalho com propostas de temáticas específicas e Sessões de comunicação livre, visando à integração entre pesquisadores em diversos níveis acadêmicos em um espaço de socialização de investigações.

O livro se compõe de 15 artigos, organizados em 3 eixos temáticos.

No primeiro eixo, são reunidos artigos que tratam de elementos da história da Análise do discurso francesa. O artigo “O sonho do discurso: a chave para todas as ideologias” é a palestra que Colin MacCabe proferiu no evento. MacCabe, entre os anos 1960 e 70, estabeleceu contato com alguns atores da Análise do discurso francesa, e em especial com Althusser e Pêcheux, e entrou para a história da análise fílmica a partir da abordagem discursiva. Nesse artigo, o autor relembra alguns fatos históricos e teóricos marcantes da AD francesa e de sua transposição para a Grã-Bretanha.

Claudiana Narzetti, em “O nascimento da Análise do discurso francesa: tendências de AD na França nos anos 1960”, realiza uma investigação acerca do contexto histórico da emergência da Análise do discurso francesa. A autora apresenta inicialmente um panorama dos diversos projetos de análise do discurso, em seguida, evidencia os pontos de proximidade e de distanciamento entre esses projetos e, por fim, relaciona esse contexto histórico de surgimento, marcado pela heterogeneidade, à diversidade de abordagens no campo da Análise do discurso na atualidade.

No segundo eixo, são reunidos artigos que têm embasamento teórico e metodológico na Análise do discurso francesa. O artigo “A

corporalidade do *ethos* discursivo nas propagandas de cerveja”, de Carlos Renato Rosário de Jesus, faz uma análise de propagandas de cerveja, a partir do conceito de *ethos* discursivo, tal como proposto no campo da AD francesa em seus atuais desenvolvimentos. Após uma exposição sobre a noção de *ethos* nos estudos da linguagem e da AD, o autor apresenta uma análise de campanhas publicitárias de três diferentes marcas de cerveja. A conclusão é que nas propagandas analisadas há uma variação entre um *ethos* mais popular e um *ethos* mais elitizado, os quais são materializados nas diferentes cenografias.

Em “Os sentidos de ‘feminismo’ e ‘feminista’ em páginas antifeministas do Facebook”, Anndra Balieiro investiga como se constitui o discurso antifeminista nesse novo espaço de circulação e de disputa de sentidos, que são as redes sociais. A autora evidencia, com base na análise de postagens nas páginas do *Facebook*, que os sentidos atribuídos aos termos *feminismo* e *feminista* são todos negativos, ou seja, o discurso antifeminista, a partir do seu posicionamento, constrói um simulacro do movimento feminista, reforçando estereótipos negativos.

O artigo “Esteriotipização das identidades amazônicas em dizeres de famosos”, de Josué Jacob Almeida Mouzinho, analisa os efeitos de sentido das representações das identidades amazônicas em dois enunciados de cantores brasileiros e dois enunciados de personagens de uma novela (*Malhação*), que circulam na mídia nacional, a partir do conceito de formação discursiva da Análise de Discurso materialista pecheutiana.

O artigo “Discursos sobre as mulheres em propagandas de cervejas”, de Max Alan Moura da Silva, analisa discursos sobre a mulher materializados em anúncios publicitários de cerveja, a partir de conceitos da análise do discurso francesa. A despeito de ser um *corpus* já amplamente abordado em outras pesquisas, o artigo apresenta resultados atuais, em primeiro lugar devido à composição

do *corpus* – são analisados anúncios de cervejarias ditas feministas; em segundo porque mostra discursos em oposição e não um discurso homogêneo sobre a mulher – ao lado do velho discurso da mulher como metáfora de produto a ser consumido e da associação da mulher ao sexo, e da mulher que só está perto de um homem a quem ela oferece cerveja, mas como alguém que não consome, um discurso inovador, da mulher como símbolo de resistência e da mulher como consumidora ativa do produto.

Márcio José da Silva em “As formações imaginárias de João Cabral a partir da análise do discurso de *Morte e Vida Severina: o poeta da razão?*”, analisa as formações imaginárias de João Cabral de Melo Neto como poeta da razão, servindo-se de alguns conceitos da Análise do discurso: discurso, interdiscurso, formação discursiva, formação ideológica e formações imaginárias, em vista do poemadrama *Morte e Vida Severina: auto de natal pernambucano*.

O artigo “Análise do discurso publicitário de escolas de idiomas na cidade de Manaus e o ensino e aprendizagem de língua inglesa”, de autoria de Claudia Patricia Cadena Montoya, trata dos efeitos de sentidos de propagandas de escolas de inglês e sua relação com o ensino e a aprendizagem desse idioma. Montoya constatou que nenhum dos anúncios analisados fez referência ao processo de ensino-aprendizagem, enquanto o primeiro utilizou-se de um discurso de valorização da diversidade e das diferenças culturais, o outro reforçou o imaginário de que a aprendizagem de língua inglesa é difícil e penosa.

No artigo “A sétima dor de Maria: ressentimento camuflado e a espetacularização midiática em torno do perdão”, Fernando Ferreira da Silva Ananias problematiza o imaginário do brasileiro como um povo cordial. Para tanto, o autor delimita sua análise para as entrevistas em que mães enlutadas afirmam perdoar os assassinos de seus filhos. Ananias fundamenta o trabalho principalmente nos

conceitos de *ressentimento*, da psicanálise, e de *silêncio constitutivo*, da análise do discurso.

Fechando esse eixo, o artigo “Análise discursiva do poema ‘Mal secreto’, de Raimundo Correia: os sentimentos por trás das máscaras”, de Vitória Carvalho dos Santos, apresenta uma análise de um texto literário sob a perspectiva da Análise do discurso francesa e de seus desenvolvimentos no Brasil. A autora considera tanto fatores sociais e históricos quanto a própria materialidade linguística para a descrição-interpretação do *corpus* selecionado. As conclusões apontam que o poema é polissêmico e trata de questões relativas à natureza humana, atuais ainda hoje.

No terceiro eixo, reúnem-se artigos cujo referencial teórico-metodológico é a Análise dialógica do discurso, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Em “Ciência sob a ótica dialógica de Bakhtin: como organizar o percurso metodológico?”, Fernanda Dias de Los Rios Mendonça apresenta uma proposta de um percurso metodológico-analítico para as pesquisas orientadas pela perspectiva dialógica bakhtiniana. Além das etapas para a construção dessa metodologia, a autora discute conceitos importantes do Círculo, como os de língua, enunciado e texto. Mendonça aborda ainda as especificidades das Ciências Humanas e o papel ativo do sujeito pesquisador no processo de constituição de uma pesquisa.

O artigo intitulado “Uma leitura bakhtiniana da obra *Bufólicas*, de Hilda Hilst”, de Emilly Monique Oliveira Silvano, faz uma análise da referida obra a partir dos conceitos de gêneros do discurso, dialogismo e carnavalização elaborados pelo Círculo de Bakhtin. A análise descreve os aspectos genéricos dos poemas que compõem as *Bufólicas*, destacando o aspecto da hibridização genérica, uma vez que são poemas que se concluem com uma moral da história, elemento estrutural das fábulas. As implicações da hibridização são abordadas na análise das relações dialógicas, pois a obra de Hilst

pode ser considerada um enunciado concreto que estabelece uma relação dialógica especial com fábulas e com contos de fadas, cujos personagens são reapropriados e ressignificados em seu interior. A carnavalização é a perspectiva a partir da qual se estabelecem as relações dialógicas acima citadas. Em suma, o artigo de Emilly Silvano faz uma abordagem ampla da obra em questão, e trata-se de uma consistente aplicação da teoria do discurso de base dialógica a uma obra literária.

Em “Os gêneros da desinformação”, Ester Cordeiro trata de uma temática bastante discutida e complexa na contemporaneidade: o fenômeno das *fake news*. Neste artigo, a autora amplia os dados coletados durante uma pesquisa de iniciação científica, cujo foco foi analisar as notícias falsas à luz dos estudos bakhtinianos em relação às dimensões dos gêneros do discurso. Após análise do *corpus* coletado em mídias digitais, a pesquisadora verificou que a desinformação materializava-se em diferentes gêneros, além da notícia. Por isso, ela expande a análise para os gêneros da desinformação, conceito mais abrangente e indispensável quando se investiga uma temática que se encontra em gêneros tão distintos, como montagens, *tweets* e mensagens de WhatsApp.

O artigo “O dialogismo entre gêneros no projeto de ensino ‘Teatrocafé’: relato de experiência”, de Maria Gabriella Flores Severo Fonseca, faz um relato de experiência, fundamentado teoricamente, do processo de realização de um projeto de ensino visando à leitura de clássicos literários, como os de Shakespeare. O artigo apresenta todas as etapas de realização do projeto e os resultados satisfatórios alcançados. Trata-se de leitura incontornável para aqueles que têm interesse em projetos criativos de ensino de literatura na escola.

Por fim, o artigo “Biblioteca Pública do Estado do Amazonas: os discursos de valor propagados na esfera jornalística manauara”, de Raquel Souza de Lira e Maria Evany do Nascimento, aborda como a

imprensa manauara discursivamente atribui valor a um patrimônio cultural material da cidade de Manaus, a Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. Trata-se de uma análise discursiva de notícias publicadas nos principais jornais da cidade, na qual as autoras articulam conceitos da análise dialógica do discurso e da análise do discurso francesa, cujas conclusões apontam para a existência de valorações diferenciadas atribuídas à Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, em uma tensão entre velho e novo, tradição e inovação, monotonia e animação.

Os artigos aqui compilados são uma amostra do que hoje caracteriza o campo da Análise do discurso tal como praticada no Brasil, a partir das bases construídas em outros tempos e lugares – diversidade do referencial teórico-metodológico, dos *corpora* e das questões investigadas. A diversidade atual espelha a diversidade inicial do campo, o que lhe permite dar cada vez mais respostas não só sobre o funcionamento geral do discurso, mas também sobre os discursos concretos em circulação em nossa sociedade.

O SONHO DO DISCURSO: A CHAVE PARA TODAS AS IDEOLOGIAS

Colin MacCabe

Bom Dia!

É um enorme prazer estar em Manaus, mesmo que apenas virtualmente, porque Manaus é um dos lugares mais extraordinários da Terra e minha visita aí em 1982, há muito tempo atrás, ainda é algo que guardo vividamente na minha memória.

Mas não estou aí fisicamente com vocês. Além disso, eu só tenho uma pequena ideia de com quem estou dialogando.

O Luiz me falou sobre o grupo no Brasil interessado nos trabalhos de Michel Pêcheux, e suas pesquisas em discursos. Fiquei encantado, pois acho que é um trabalho muito interessante. Acho muito difícil entender o que está acontecendo no Brasil em 2019.

No entanto, me deixem falar um pouco o que foram os anos 70 em Londres e Paris. Acho que vou começar a história em 1967: eu tinha 18 anos, e era o verão do amor. Para nós, não era uma questão o modo como nós íamos fazer a revolução.

A revolução tinha acontecido: eu era um *hippie*. E a música, o sexo e as drogas... era tudo simplesmente muito bom e tudo isso transformaria a sociedade em um perpétuo carnaval...

Bom, infelizmente não foi bem assim o que acabou acontecendo.

Eu acho que o primeiro momento terrível foi a invasão de Praga pelos países membros do Pacto de Varsóvia, em 22 de agosto de 1968. Além disso, o assassinato de Martin Luther King, e, talvez

mais visivelmente, os assassinatos da seita de Charles Manson cuja celebração de 50 anos, se é que essa é a palavra certa, está sendo no mesmo dia de gravação desse vídeo. Esses fatos significaram que fomos puxados de volta para a realidade do mundo da política.

Então em 1970 aparece um ensaio, escrito por um filósofo comunista francês chamado Louis Althusser, cujo título era “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”, que se tornou, para muitos de nós, um texto fundamental e o programa-chave com o qual nós, a partir de então, tentamos desesperadamente produzir uma posição, que poderia ser a transformação da sociedade para uma outra mais justa e igualitária.

Althusser foi muito importante, porque ideologia é muito importante. O maior problema para o marxismo e para quem deseja a justiça social é que as pessoas, que deveriam se beneficiar desta crescente justiça social, se recusam cegamente, e por vezes não tão cegamente, a aceitar tal análise.

A questão de como a ideologia funciona com certeza está desde o início do marxismo. Na verdade, e tem sido extremamente importante ainda mais com o consumismo, quando as forças tradicionais de progresso da classe trabalhadora parecem ter sido capturadas para um estilo de vida burguês.

Então, estávamos interessados em *Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado*. E foi ótimo como Althusser conseguiu nos mostrar que a ideologia não eram ideias vagando pelos ares, mas um conjunto de práticas que produzem e reproduzem um consenso, um mesmo entendimento.

Mas ainda era terrivelmente difícil dissipar essa ideologia. Terminei meus estudos na Escola Normal Superior de Paris, em 1973. Nessa época, eu tive uma conversa com Althusser. Foi uma experiência inesquecível, porque Althusser era maníaco-depressivo, então não

o víamos com frequência na “École”. Quando o víamos, ele parecia uma alma vagando pelo inferno. Mas, ocasionalmente, ele ficava bem lúcido (aliás, aparentemente um grande sintoma dele era que ele ficava rabiscando um livro de Spinoza). Quando ele estava lúcido, ele era extraordinário, com profundas reflexões...

Eu me lembro no dia 18 de junho de 1973. Foi o aniversário do discurso de Charles de Gaulle de 1940, quando de Londres, ele apelou para que os franceses reagissem ao domínio alemão, que não desistissem, mas lutassem mais ainda. Althusser deu umas três horas de palestra sobre como De Gaulle foi a única pessoa, em toda a história humana, que salvou a burguesia duas vezes: uma em 1940, e outra vez em 1958, com a instalação da quinta república.

Então eu fui até Althusser no final daquela palestra e eu disse:

- Professor, eu estou realmente levando muito a sério essa sua noção de língua. Você poderia me indicar onde essas suas noções de ideologia estão sendo usadas com seriedade na tentativa de analisar a língua, e como ela funciona como base material para as ideologias?

E ele disse: - Eu posso sim! Pra você, eu indico um livro que se chama *Les Verités de la Palice*¹, escrito por Michel Pêcheux.

E eu comprei esse livro. E eu li esse livro: de trás para frente, de dentro para fora, de cima pra baixo, ... de todo jeito! Eu até o editei em inglês e tenho muito orgulho disso!

Eu me propus a aplicar a perspectiva analítica de Pêcheux para elaborar uma teoria da ideologia cujos fundamentos estariam na língua, e que permitiria de uma forma real, não de um jeito interminável

1 NOTA DOS TRADUTORES: título original da obra fundamental da abordagem materialista de Análise de Discurso, *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, cuja primeira edição para o inglês foi feita por Colin MacCabe e Stephen Heath, como ele esclarece adiante, e na qual Eni Orlandi se baseia para dar título à sua edição no Brasil: *Language, Semantics and Ideology: Stating the Obvious*. The MacMillan Press Ltd, London, 1982.

e sem fim, apontando para o que poderia ser, mas permitindo produzir uma perspectiva de como a ideologia realmente funciona nos dias de hoje.

Bem, o livro de Pêcheux é uma longa, uma longa análise da história filosófica das tentativas de lidar com os modos pelos quais as pessoas analisaram orações relativas restritivas [determinativas] e não-restritivas [explicativas]².

O que são as orações adjetivas relativas restritivas e não-restritivas? Bem, uma relativa restritiva é uma relativa que realmente especifica de quem é que você está falando, nos especifica realmente de quem é que falamos. Então em “O homem que pagou prostitutas para ganhar a eleição de 2016 é racista”, a relativa aí é uma relativa restritiva que lhe diz quem é este homem. Se você tirar da sentença a cláusula relativa (o trecho “que pagou prostitutas para ganhar a eleição de 2016”), você só tem “o homem é um racista”. Nós realmente temos a cláusula relativa incorporada, acoplada dentro da sentença. Se, no entanto, você tenta outro tipo de sentença, como “Donald Trump, que é o presidente dos Estados Unidos, é um racista”, você pode tirar “que é o presidente dos Estados Unidos” e a sentença se sustenta por si mesma.

Tradicionalmente os linguistas analisam as relações de coordenação como de sentido não-restritivo e as de subordinação como de sentido restritivo e eles estão satisfeitos em fazer essa distinção entre determinativas e explicativas: a relativa que determina o que a sentença significa, ou seja, você não pode eliminar essa parte da sentença sem que ela perca seu modo de especificar de quem se fala; e a sentença mais simples, da qual, se você tirar a cláusula

² NOTA DOS TRADUTORES: Na parte II de *Semântica e Discurso...*, Pêcheux refaz o percurso de Gottlob Frege e analisa os mecanismos lógico-linguísticos da articulação e do encaixe. A tradução brasileira utiliza os termos “determinativas” e “explicativas”. Optamos por manter os termos utilizados por MacCabe e relacioná-los com os termos da tradução brasileira.

relativa, você vai ter duas sentenças. Agora as cláusulas relativas restritivas sempre deram problema, de um jeito ou de outro, para a Filosofia e para a Lógica. Particularmente para a Lógica.

Gottlob Frege, inacreditavelmente preocupado com “o homem que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias, morreu na pobreza”, porque era uma sentença em que, em vez de dizer “Kepler morreu na pobreza”, existe uma pressuposição na sentença de que essa pessoa existiu³!

Foram essas pressuposições que causaram enormes problemas para a Lógica: qual era o *status* dessas entidades virtuais?

Pêcheux viu, na maneira em que essas orações relativas funcionam, uma maneira básica de entender como a ideologia trabalha. Agora você pode pensar que eu quero dizer isso no nosso Inglês antigo. Se você entendeu o que eu disse sobre orações adjetivas restritivas e não restritivas sem qualquer dificuldade – se você não entendeu, você ainda pode retomar os meus exemplos e eu deveria ter empregado outros como outra ferramenta pedagógica... Mas, o ponto é que as relativas restritivas e não-restritivas são absolutamente essenciais no funcionamento de uma língua.

Você poderia argumentar... Eu acho que o atual debate de Chomsky... Eu não estudo Linguística há mais de 30 anos, mas eu acho que a atual questão de Chomsky torna essa distinção quase tão importante quanto a distinção entre verbo e substantivo. Assim como em todas as línguas que conhecemos se distingue, em algum nível, entre estados e ações, também todas as línguas que conhecemos distinguem entre esses dois tipos diferentes de relativas, então certamente elas têm enorme importância na língua, muito mais importância do que uma simples descrição técnica poderia sugerir.

3 NOTA DOS TRADUTORES: Ver *Semântica e Discurso...*, parte II, tópico 3.

Ok, o que Pêcheux faz? Pêcheux diz que na realidade se observarmos essas relativas restritivas [determinativas] e não-restritivas, [explicativas] vamos ver que elas nos mostram dois modos fundamentais pelos quais a ideologia funciona na língua.

Primeiro vamos observar a relativa não-restritiva [a explicativa]... Vamos usar, em certo sentido, a mais fácil: "Donald Trump, que é presidente dos Estados Unidos, é um racista". Se você retirar a cláusula restritiva, a sentença simplesmente repete... Você está simplesmente representando o mundo. Nada de novo está sendo dito sobre o mundo do qual você está falando. Você está funcionando exatamente como o sujeito clássico da filosofia. Você está funcionando como alguém completamente no controle da língua que você está usando. Simplesmente está sendo capaz de substituir, de recuar e de construir a certeza de que você é o centro do significado, o centro da subjetividade. A relativa não-restritiva é da área do consciente e do pré-consciente.

Se nós avançarmos para a relativa restritiva, entretanto, nós, na verdade, encontramos o que de fato acontece: é que a relativa restritiva está constantemente contrabandeando para o nosso discurso o que Pêcheux nomeia como "pré-construído". Ela está contrabandeando coisas que agora você já sabe: que Trump pagou prostitutas para ganhar as eleições de 2016, mas esse conhecimento está sendo passado sem percebermos, contrabandeado... um contrabando introduzido a partir de um outro discurso. Então nós temos essas duas formas fundamentais de discursos, maneiras em que um discurso simplesmente se repete e se expande e se mostra a si mesmo de outra maneira, em que o exterior do discurso aparece dentro do discurso, como se já estivesse sempre lá.

E Pêcheux analisa isso ainda mais: o primeiro é o efeito de sustentação, o ego, o centro-significado; o segundo é o que ele chama de interdiscurso: é o modo, segundo o qual, enquanto falamos, outros

discursos já estão lá esperando para serem costurados, de uma forma que sugere que eles estavam sempre lá, antes de falarmos deles!

Agora, para Pêcheux, o interdiscurso é a realidade material do que Althusser chama de Grande Sujeito "S", o Sujeito com S maiúsculo. O Grande Sujeito "S" é explicado em um exemplo famoso do qual vocês, que viveram durante os anos setenta, vocês têm referência ...quer dizer ...milhões de vezes o policial nas ruas diz: "Ei, você!" e você se vira, porque sabe que é com você! que você está sendo interpelado... – Interpelado é um termo legal francês para o que acontece quando um policial lhe convoca – e esse foi um exemplo exato de como somos sempre já sujeitos: quando o policial me diz: "Ei você!". Isso não tem nada a ver comigo, mas eu já estou lá dizendo: "ah sim! Sou eu! É comigo que ele está falando!".

Althusser usou essa noção de Grande Sujeito a partir do grande Outro de Lacan. Mas há uma diferença crucial entre o grande Outro de Lacan e o grande Sujeito de Althusser. E, se há vantagens nisso, há também desvantagens. Mas fundamentalmente o problema é que o Sujeito, o grande Sujeito de Althusser, é um superego aterrorizante que produz o Sujeito como um ego assujeitado aterrorizado. O Outro de Lacan é um campo do desejo e da linguagem, que irrompe como inconsciente num mundo de significado e sentido. Então Pêcheux, ao se fundamentar em Althusser, na verdade cometeu um erro tremendo, na medida em que reproduz uma posição sobre a ideologia em que a sujeição é inevitável. E é muito difícil ver nisso de onde surgiria qualquer resistência. Por outro lado, a transformação althusseriana do grande Outro em grande Sujeito não deixa de ter vantagens positivas.

O Outro lacaniano, esse campo de desejo em que tentamos nos inscrever enquanto nos interpretamos, o desejo dos nossos pais, este Outro lacaniano é muito mais insistentemente enfatizado do que a resistência. A resistência é simplesmente quando o inconsciente entra em erupção na significância.

O que Althusser está fazendo é, na verdade, colocando essas operações lacanianas dentro das instituições sociais e, na verdade, eu acho que isso teve um aspecto muito positivo.

Então nós temos aspectos positivos e aspectos negativos, mas o ponto é: se vocês estão interessados em Pêcheux, então vocês vão ter que ficar muito mais atentos aos Aparelhos Ideológicos de Estado e na relação deles com o corpo.

Se Althusser tem a grande vantagem de ter feito da ideologia um conjunto de práticas, ele tem a enorme desvantagem de que essas práticas são francamente muito incorpóreas, desencarnadas.

Se vocês trouxerem de volta o corpo, o qual nunca pode ser esgotado em suas representações, nesta última posição dos vários lugares onde a linguagem e o desejo funcionam, então, como pode muito bem ser, o tipo de abordagem de Pêcheux tem muito a dizer sobre isso.

Há ainda mais um equívoco em Pêcheux: no efeito de sustentação, na área consciente e pré-consciente, porque ele pensa o efeito de sustentação de modo equivalente, de tal modo que o sujeito, o significado e o sentido funcionam perfeitamente.

Mas a partir de Freud já estamos sabendo que piadas, lapsos, etc. sempre interrompem esse momento. Então se vocês pegarem esses dois conceitos de Pêcheux, o que vocês estão tentando entender é infelizmente perspectivas muito mais complexas, efetivamente perspectivas em que as variáveis envolvidas se tornam tão grandes, que o sonho de uma análise de discurso gerada computacionalmente, torna-se francamente, mesmo com o poder de computação que temos agora, simplesmente ridícula... E isso se conecta com o grande problema sobre definição do *corpus* em que se acreditava que a ciência do materialismo histórico iria produzir os aparelhos ideológicos de estado e as línguas que constituem esses *corpora*.

Francamente isso não é simplesmente pensamento positivo, mas ignora completamente o que Derrida está nos ensinando exatamente na mesma época, e no processo de demolição de Lévi-Strauss completamente: que é impossível constituir o *corpus* independentemente de sua posição como um falante da língua.

Então não é que não possamos encontrar regularidades, formalismos etc., mas essas regularidades, formalismos etc., eu enfatizo, são para ser incorporados em uma descrição social incrivelmente fixa, em que o analista sempre terá um lugar.

Assim, isso foi, de certa maneira, o que empolgou Pêcheux. Eu acho que a análise das relativas, a noção do interdiscurso, de efeito de sustentação, tudo isso é material ainda a ser melhor desenvolvido.

Mas temos – e isso precisa ser dito! –, que arrancar, francamente, um discurso abominável de autoridade leninista, em que sucumbem, também, tanto o trabalho de Althusser quanto o meu próprio trabalho, o qual eu acho muito difícil de ler atualmente sem me sentir física e mentalmente doente.

Por isso, há muita coisa feita com essa atitude que tem que ser jogada fora, mas há dentro dele uma coisa que é chata e irritante sobre o termo “todo complexo com dominante”. Porque Pêcheux e Althusser sabem quão complicada a situação social era para se descrevê-la. Então, eles têm sentenças intermináveis, ou seja, quer dizer, metade das frases de *Semântica e Discurso*, do Pêcheux, são dedicadas a dizer quão complexas são essas relações, sem nunca especificar ou dar um exemplo concreto.

Vamos agora falar sobre a revista *Screen*⁴ O Luiz [Carlos Martins de Souza] me pediu para eu falar sobre Pêcheux, mas também me pediu para falar sobre os estudos do discurso na revista *Screen*. E eu devo enfatizar que vários números da revista *Screen* trilharam um longo caminho com o trabalho de Pêcheux, mas não diretamente em suas páginas, a não ser no maravilhoso período entre 1973 e 1977.

Em 1978, eu escrevi um artigo sobre o trabalho de Pêcheux, foi então que a cumplicidade terminou e os problemas começaram. Mesmo que você trabalhe em uma pequena revista, você pode reconhecer esse padrão.

Nessa época nós nos preocupávamos com o discurso. E aqui eu não vou me referir só a Pêcheux, mas vou simplesmente dizer que o discurso é o termo-pivô que enfatiza que a língua não é só usada simplesmente por sujeitos falantes, mas que o sujeito é constituído em suas divisões pela língua e a língua não está simplesmente representando uma realidade fora dela, mas é uma parte crucial de como essa realidade funciona.

E esse conceito de discurso estava lá na revista *Screen*: sobretudo numa série de artigos realmente magníficos que Stephen Heath escreveu sobre foco narrativo, sobre o espaço narrativo e, acima de tudo, sua análise brilhante do filme de Orson Welles, *A Marca da Maldade*⁵. Há também o artigo muito famoso de Laura Mulvey sobre o prazer visual, o olhar masculino e o cinema narrativo.

4 NOTA DOS TRADUTORES: Nos anos 70, na França e na Inglaterra, com o engajamento político dos intelectuais, desenvolveram-se e convergiram, nos estudos cinematográficos, a partir da influência de Althusser, Lacan, e Pêcheux, abordagens do funcionamento da ideologia e do funcionamento da subjetividade. A Revista *Screen* foi uma das principais perspectivas defendidas dessa convergência na Grã-Bretanha, e se firmou como abordagem teórica nos Estudos Cinematográficos como *Screen Theory*. Colin MacCabe e Stephen Heath foram seus principais editores. Martins de Souza explicita a influência do filósofo francês Michel Pêcheux em seus procedimentos analíticos e abordagens teóricas no artigo "Cinema, Ideologia e Inconsciente: Colin MacCabe, Stephen Heath e a *Screen Theory*, o elo perdido entre a análise de discursividades e a análise fílmica".

5 *Touch of Evil*, 1958, direção de Orson Welles, distribuído pela Universal.

Nós estávamos interessados exatamente no modo pelo qual os discursos funcionam nos filmes.

Em 1978, Paul Willemen – ele era uma pessoa brilhante – escreveu um artigo que nos estraçalhou, dizia-se. Qualquer tentativa de produzir uma análise de forma objetiva sobre um filme era uma ilusão que ou estava envolvida com a política, ou não havia realidade para o texto, havia simplesmente as diferentes posições políticas que tentavam reivindicar e representar o texto.

Eu não posso dizer o quanto eu discordo desse argumento voluntarista. Agora eu sei o quanto ele simplesmente ignora os grandes avanços que eu ainda penso que foram feitos pela *Screen*. Eu ainda acho que nós fizemos e contribuímos para o conhecimento e para o avanço da história da análise fílmica.

A compreensão do filme como discurso é muito forte na *Screen*, mas tem as suas fraquezas, porque, em que nível você coloca a análise desta forma na qual está se posicionando o sujeito e a realidade? Isso está no leitor? Está na realidade? E o que fazer com o texto? Mas, daí, o que fazer com o simples fato de que a maioria dos espectadores de “A Marca da Maldade” não chega, ou pelo menos resiste fortemente às fronteiras fundamentais de sexo e raça, que Heath pensa que mostra em sua análise, e que constituem o texto? Como você os ancora no texto? Na verdade, eu acho que se ancora no texto, porque se ancora no texto de Orson Welles, mas isso, é claro, não foi uma solução que estava disponível para nós, porque nós havíamos simplesmente abolido o autor!

Como alguém pode começar a pensar no autor? Não como uma consciência da qual nasce o texto, mas como um corpo material histórico de cujos desejos e história nasce então o texto.

É, eu penso, que é uma questão muito importante, mas não uma questão com a qual pudéssemos lidar na revista *Screen*. Então eu

tenho algumas respostas pedagógicas propriamente minhas, mas há um artigo num livro meu, intitulado "Sobre o discurso"⁶, que é um excelente artigo em que vocês podem encontrar todos os argumentos que eu falei aqui. E depois há um artigo publicado na *Screen* chamado "Sobre o discursivo e o ideológico em filmes: notas sobre as condições de uma intervenção política"⁷, que é o pior artigo que escrevi em minha vida. Eu nunca o coloco no meu CV e enfim, ele não é nada bom...

Mas o que ele tenta fazer... o que ele tenta fazer... é argumentar que há um nível discursivo dentro do filme que não é simplesmente o ideológico do conteúdo e que talvez seja o mais importante nível do político no filme, um modo inteiro pelo qual se constitui o espectador...

Então, de modo que, embora tenha sido escrito exatamente há 40 anos atrás, eu desisti de tentar produzir uma teoria completa e totalizadora de como o texto fílmico funciona, em favor do sentimento de que eu realmente deveria entender muito melhor sobre a prática de fazer filmes antes que eu pudesse voltar a estas questões teóricas.

Então a discursividade foi muito importante para a *Screen*, mas nos levou ao problema de onde você localizava as discursividades nos filmes.

Espero que vocês tenham uma ótima conferência e estou ansioso para responder suas perguntas através de alguma forma tecnológica de comunicação. Vamos torcer para que dê certo e funcione bem.

Muito obrigado...

6 NOTA DOS TRADUTORES: No original "On Discourse". In: MAcCABE, C. *Tracking the Signifier: Theoretical essays: Film, Linguistics, Literature*. Minneapolis, USA: University of Minnesota Press, 1985. 152 p.

7 NOTA DOS TRADUTORES: No original "The discursive and the ideological in film: Notes on the conditions of political intervention", *Screen Magazine*, n. 19, v. 4, 1978.

| TRADUÇÃO

Luiz Carlos Martins se Souza (coordenação)

Kayson Nonato

Wilson Maia

| REFERÊNCIAS

GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

HEATH, S. **Question of Cinema**. Bloomington, USA: Indiana University Press, 1981.

HEATH, S. Film and System: Terms of Analysis, Part 1. **Screen Magazine**, University of California, Los Angeles, n. 16, v. 1, p. 7-71, 1975a. Disponível em: <http://screen.oxfordjournals.org>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HEATH, S. Film and System: Terms of Analysis, Part 2. **Screen Magazine**, University of California, Los Angeles, n. 16, v. 2, p. 91-113, 1975b. Disponível em: <http://screen.oxfordjournals.org>. Acesso em: 01 jun. 2010.

MacCABE, C. **Tracking the Signifier**: Theoretical essays: Film, Linguistics, Literature. Minneapolis, USA: University of Minnesota Press, 1985.

MacCABE, C. (org.). **The Talking Cure**: Essays in Psychoanalysis and Language. London, UK: Palgrave Macmillan, 1981.

MacCABE, C. The discursive and the ideological in film: Notes on the conditions of political intervention. **Screen Magazine**, University of California, Los Angeles, n. 19, v. 4, p. 29-43, 1978. Disponível em: <http://screen.oxfordjournals.org>. Acesso em: 13 maio 2010.

MARTINS DE SOUZA, L. C. **Cinema, Ideologia e Inconsciente:** Colin MacCabe, Stephen Heath e a Screen Theory, o elo perdido entre a análise de discursividades e a análise fílmica. 2011. Qualificação (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

O NASCIMENTO DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: TENDÊNCIAS DE AD NA FRANÇA NOS ANOS 1960

Claudiana Narzetti

| Introdução

Hoje o termo *análise do discurso* é extremamente polissêmico, na medida em que pode nomear diversas tendências de abordagem e tratamento do discurso. Testemunha isso a proliferação de adjetivos especificadores – AD francesa, AD materialista, AD crítica, AD semiolinguística ou, ainda, AD derivada de Pêcheux, de Foucault, de Maingueneau...

Sobre esse fato, faz-se necessário interrogar: em que medida isso não é herança, resultado ou consequência das configurações iniciais do campo? Para responder a essa questão, deve-se considerar como ponto de partida que a AD não foi um campo homogêneo desde o início de sua história.

Malidier (2003, 1994) aponta como marcos de surgimento da AD dois trabalhos: o discurso de encerramento do Colóquio de Lexicologia de Saint Cloud, em 1968 (um “manifesto” da AD), de Jean Dubois⁸ e a *Análise Automática do Discurso*, de 1969, de Michel Pêcheux. Paveau e Rosier (2005), por seu turno, apontam o trabalho de Dubois sobre o vocabulário político francês nos séculos XVII a XX. Pode-se, ainda, incluir nesse rol o artigo do autor publicado na *Langages*, n. 13, de 1969 (aliás esse número da revista *Langages* é um dos marcos fundadores da AD francesa, tendo por título “Análise do discurso”).

⁸ Nesse colóquio, Jean Dubois expôs a metodologia de análise de discurso proposta por Zellig Harris (que depois foi traduzida na *Langages*, n. 13).

Malidier (2003, p. 36) aponta a existência de duas tendências principais de AD constituídas a partir desses trabalhos – a AD sociolinguística e a AD teoria da articulação:

[...] o campo da análise do discurso, largamente investido pelos linguistas e historiadores marxistas, era o lugar de confrontos teóricos muito vivos. A clivagem principal se situava entre aqueles que, na perspectiva de uma teoria do discurso, procuravam 'articular' língua, ideologia e discurso, e aqueles que, próximos da 'sociolinguística', se prendiam à descrição da diferenciação linguística dos grupos sociais.

Porém, podemos apontar a existência de outros projetos de AD, como aquele de Maurice Tournier, desenvolvido na Escola Normal Superior de Saint Cloud, de modo que haveria, em meados dos anos 60, na França, pelo menos três tentativas ou projetos de AD – isto é – que se davam esse nome e esse objetivo. Pode-se mencionar também o empreendimento de Michel Foucault que, não sendo voltado à elaboração de um método de análise do discurso como objetivo final, abordava de maneira incisiva o problema do discurso.

Paveau e Rosier (2005), por sua vez, propõem a existência de 6 projetos de AD nesse momento de emergência do campo. A nosso ver, todos esses projetos são marcados por especificidades que ainda restam ser elucidadas com o objetivo de questionar se podem receber o rótulo de AD.

Desses dois principais projetos iniciais de AD mencionados por Malidier (2003), um é amplamente conhecido e disseminado no Brasil – aquele delineado por Michel Pêcheux. Esse projeto de AD visava a construir, muito além de um método de análise do discurso, uma teoria que o sustentasse. Por esse motivo, o autor propôs denominá-lo de uma "semântica discursiva", mas também recebeu outros qualificativos, tais como, o empreendimento ou centrado em uma

articulação teórica ou, ainda, a AD materialista (mais atualmente). Esse projeto de AD foi introduzido no Brasil principalmente por Eni Orlandi, ainda nos anos 1980.

Os outros projetos não são tão conhecidos no Brasil. Por isso, esse artigo volta-se a fornecer um conjunto de informações sobre eles, abordando as características e propostas de cada empreendimento, distinguindo seus pontos de proximidade e de distanciamentos. O objetivo principal é ampliar o conhecimento sobre a história do campo, uma vez que esse conhecimento é condição para a compreensão do presente.

1. Panorama de projetos de AD

A primeira tendência é aquela derivada dos trabalhos de Jean Dubois, professor na Universidade de Paris X – Nanterre. Nessa instituição, ele constitui um grupo de professores-pesquisadores e orienta teses como as de Denise Maldidier e de Jean-Baptiste Marcellesi, as primeiras a serem recebidas como trabalhos de análise do discurso. Resultados desses trabalhos são publicados em 1968, na revista *Cahiers de lexicologie*, e em 1971, em *Langages e Langue Française*. Em 1971 temos: “Le discours politique de la guerre d’Algérie: approche synchronique et diachronique”, de Maldidier, e “Éléments pour une analyse contrastive du discours politique”, de Marcellesi. Muitas outras pesquisas seguindo as propostas de análise do discurso de Dubois são publicadas no período de 1969 a 1971 nas revistas *Langages e Langue Française* – as de Geneviève Chauveau, Dennis Slakta, Lucile Courdesses, Régine Robin, dentre outros.

Segundo Mazière (2007), Dubois introduz o sintagma Análise do discurso de 1967 a 1972, quando professor da Paris X – Nanterre. A parte mais técnica de análise linguística do discurso surgiu de Dubois e seu grupo, técnica esta que deriva da adoção do método

distribucional de Harris: “A AD se impôs pela transferência de métodos linguísticos americanos para as análises lexicais sociopolíticas na França” (MAZIÈRE, 2007, p. 31).

A partir dos trabalhos iniciais de Dubois, desenvolve-se um projeto de AD coordenado por Jean-Baptiste Marcellesi e Bernard Gardin, que Maldié (2003) denomina de uma AD sociolinguística.

O outro projeto é aquele derivado dos trabalhos de Michel Pêcheux, que trabalha no Laboratório de Psicologia Social de um centro de pesquisas científicas, juntamente com Paul Henry e Michel Plon, que são seus primeiros companheiros. Pêcheux vai, aos poucos, constituindo um grupo de pesquisadores de áreas diversas – Linguística, Psicologia, Matemática, Informática. Na primeira metade da década de 1970, atuam juntamente com Pêcheux: além de Michel Plon e Paul Henry, Denise Maldié, Régine Robin, Claudine Normand, Catherine Fuchs, Françoise Gadet, Claudine Haroche, Jacqueline Léon. Destes pesquisadores, alguns são ligados ao grupo de Dubois, constituído em Nanterre. A aproximação se dá por intermédio de Robin, que encontrou Pêcheux no seminário do linguista Antoine Culioli, do qual os dois participavam.

O último projeto a ser mencionado aqui é o de Maurice Tournier. Este poderia ser nomeado, conforme Paveau e Rosier (2005), com o termo de lexicologia política. Marcava-se não só pela fascinação e pelo emprego da ferramenta informatizada, mas também pela vontade de sondar a ideologia dos discursos. Tratava-se de um projeto de AD ligado ao trabalho de tratamento automático das línguas (à tradução automática), que, desde o princípio, colocava o problema do sentido (por exemplo, da equivalência ou não entre expressões).

Esses projetos de AD surgiram, conforme Maldié (1994), de maneira independente e paralela – os estudiosos mencionados faziam suas pesquisas isoladamente. Apesar de terem surgido paralela e independentemente, conforme demonstrado por Maldié (1994),

esses projetos de AD mantiveram, nos primeiros anos da década de 1970, uma significativa proximidade. Porém, esses projetos marcaram-se também por pontos de diferenças e descontinuidades importantes. Começamos pelos pontos de proximidade. A partir deles, se pode ter uma visão geral das ambições, dos pressupostos e das perspectivas da AD francesa no seu momento de surgimento. Quanto a esses pontos, o artigo aborda apenas os dois projetos principais de AD considerados por Malmidier, não abordando, portanto, a proposta de Maurice Tournier.

2. Pontos de proximidade

O primeiro ponto de proximidade entre os projetos de análise do discurso em torno de Pêcheux e de Dubois (que, de agora em diante, designaremos por AD sociolinguística) é o fato de que ambas respondem a uma mesma demanda – fornecer um instrumento para as ciências sociais. Estas, segundo Pêcheux (1997 [1969]) e Chauveau (1971, 1978), trabalhavam de maneira selvagem sobre os textos e discursos que constituíam seus *corpora*. Tratava-se, assim, para o grupo da sociolinguística, de formular um método de AD embasado em conhecimentos científicos da Linguística que permitisse às ciências sociais a produção de resultados mais refinados. Chauveau (1978, p. 9, tradução nossa⁹) alerta, nesse sentido, para:

[...] a necessidade de uma sociolinguística onde a análise do discurso, encarada primeiramente como problema linguístico, seria capaz de trazer aos sociólogos ou aos pesquisadores de outras disciplinas os princípios metodológicos rigorosos que faltam atualmente.

9 “[...] la nécessité d’une socio-linguistique où l’analyse du discours, envisagé d’abord comme problème linguistique, serait capable d’apporter aux sociologues ou à des chercheurs d’autres disciplines les principes méthodologiques rigoureux qui manquent actuellement”.

Tratava-se, para Pêcheux, de formular um método de mesmo tipo, porém com uma função de cavalo de Tróia (Cf. HENRY, 1997).

Esses dois projetos apresentavam-se, nesse sentido, como uma alternativa aos métodos de análise de conteúdo, dentre os quais aqueles elaborados por sociólogos e psicólogos dos EUA e aqueles formulados por lexicólogos na França (Cf. CHAUVEAU, 1978; PÊCHEUX, 1997 [1969]). Nesse sentido, há um esforço de construção de uma concepção de *sentido* nova e refinada.

O segundo ponto é um pressuposto de base muito semelhante. Pêcheux *et al.* (1997 [1982], p. 254-255, grifos nossos), descrevendo a problemática que marca a emergência de sua análise do discurso, assim abordando o referido pressuposto:

Se os discursos ideológicos eram de fato os mitos próprios de nossas sociedades, comparáveis àqueles que haviam sido estudados por Vladimir Propp, depois Claude Lévi-Strauss, deveria ser possível construir procedimentos efetivos capazes de restituir o traço da estrutura invariante desses discursos (o sistema de suas funções) sob a série combinatória de suas variações superficiais, "empíricas": portanto, reconstruir alguma coisa dessa "estrutura presente na série de seus efeitos".

As ideologias eram concebidas por Pêcheux como estruturas percebidas pelos sujeitos apenas em seus efeitos (ilusórios, distorcidos, parciais). Sendo o discurso uma das modalidades da ideologia, ele também poderia ser abordado em termos de uma estrutura de base que se apresenta empiricamente sob a forma de variações superficiais (as diferentes palavras/expressões empregadas).

A proposta sociolinguística apresentava um pressuposto muito semelhante, a nosso ver, com a diferença de que sua base é estritamente linguística (notadamente, a teoria gerativa de Chomsky).

O discurso é concebido em termos de uma estrutura derivando de um *modelo de competência* que se apresenta nos textos sob a forma de um *modelo de desempenho* relacionado à existência, na sociedade, de diferenças linguísticas entre os grupos sociais. Há um modelo de competência dos grupos – o discurso que os indivíduos desse grupo sustentam. Há um modelo de desempenho – as diferenças de realização desse único discurso. Para dar um exemplo concreto, mencionamos a seguinte passagem de Malidier (1971, p. 58, tradução nossa¹⁰):

Comprometíamos-nos nesta análise com a hipótese seguinte: se é possível determinar as frases de base que subjazem ao discurso político da guerra da Argélia no seu funcionamento sincrônico e talvez diacrônico, teremos estabelecido em certa medida um modelo de competência, comum a todos os locutores; as variações de desempenho poderão então sincronicamente ser postas em relação com as clivagens sócio-políticas [...].

Entendemos que esse pressuposto está profundamente imbricado não só com a concepção de discurso em termos de repetição, paráfrase, etc., mas também com o método empregado, no caso a análise do discurso de Harris (englobando a constituição de classes de equivalência e a construção de frases de base, enquanto estrutura do discurso, por meio das transformações das superfícies discursivas em toda a sua variação), que caracterizam as duas propostas de análise do discurso em igual proporção. O emprego do método distribucionalista elaborado por Harris, com todas as consequências

10 "Nous nous engageons dans cette analyse avec l'hypothèse suivante: s'il est possible de déterminer les phrases de base qui sous-tendent le discours politique de la guerre d'Algérie dans son fonctionnement synchronique et peut-être diachronique, nous aurons en quelque sorte établi un modèle de compétence, commun à tous les locuteurs; les variations des performances pourront alors synchroniquement être mises en relation avec des clivages sociopolitiques [...]."

mencionadas acima (apontadas por COURTINE, 2009 e MARANDIN, 1979) caracteriza o terceiro ponto de proximidade entre o projeto do grupo de Pêcheux e o dos sociolinguistas.

Uma outra proximidade incide no objetivo central de definição de um objeto designado como *discurso*. Esse objeto é definido de modo semelhante, por exemplo, na obra *Análise automática do discurso*, de Pêcheux (1997 [1969]), e no artigo de Guespin “Problématique des travaux sur le discours politique” (1971). Essas definições muito próximas, entretanto, são especificadas e particularizadas por outros conceitos, o que acarreta uma diferença extrema na concepção de discurso, de que trataremos adiante.

Os projetos de AD do grupo de Pêcheux e dos sociolinguistas assemelham-se, ainda, na perspectiva do *contraste* entre discursos. Os primeiros trabalhos práticos objetivavam identificar a diferenciação discursiva e/ou linguística de classes/grupos sociais, ou seja, as diferenças/contrastes quanto ao emprego de certas formas linguísticas, quanto ao sentido dado a elas, quanto às posições acerca de determinados temas.

Seja a formulação das hipóteses de investigação orientada mais particularmente para problemas linguísticos (determinação de regras ‘retóricas’, tipologia dos discursos, categorização dos índices da enunciação) ou sociolinguísticos (investigação de correlações específicas entre comportamentos verbais e não verbais), a análise do discurso é fundamentalmente comparativa. (CHAUVEAU, 1978, p. 31, tradução nossa)¹¹.

11 “Que la formulation des hypothèses de recherche soit orientée plus particulièrement vers des problèmes linguistiques (détermination de règles « rhétoriques », typologie des discours, catégorisation des indices de l’enonciation) ou sociolinguistiques (recherche de corrélations spécifiques entre comportements verbaux et non verbaux), l’analyse du discours est fondamentalement comparative”.

As análises de Malidier (1971), Courdresses (1971), Marcellesi (1976), Gardin (1976) e Pêcheux e Wesselius (1977) são alguns exemplos. Essa perspectiva foi alvo das críticas de Courtine (2009), para quem a base teórica marxista da análise do discurso deveria priorizar a abordagem da *contradição* e não do simples contraste entre discursos.

Outra semelhança diz respeito ao fato de que as análises práticas empreendidas apresentam resultados centrados na identidade dos discursos, na repetição de uma estrutura única. Os discursos dos grupos sociais se diferenciam entre si, mas esses discursos em si mesmos são tomados como uma unidade. A determinação desse tipo de resultado decorre dos pressupostos da AD que mencionamos mais acima. A constituição do *corpus* a partir da presença de uma palavra-chave ou termo-pivô e a obrigatoriedade de seleção de sequências discursivas produzidas conforme condições de produção estáveis e homogêneas também estão relacionadas a esses resultados (Cf. COURTINE, 2009). Para Pêcheux (1997 [1983], p. 313), “A existência do *outro* está, pois, subordinada ao primado do *mesmo*”: aquilo que há de heterogêneo, de diferente, de estranho nas sequências empíricas visadas fica reduzido ao resíduo (não é analisado); os discursos são comparados e diferenciados enquanto unidades fechadas e homogêneas em si mesmas, como se eles não tivessem em seu interior elementos de outros discursos.

Uma última semelhança é o embasamento na teoria marxista e o engajamento político no partido comunista francês, o que tem reflexos nos objetivos últimos de uma análise do discurso.

A teoria marxista, conforme apontado por diversos estudiosos, era um referencial incontornável dos anos 60-70 na França. A configuração da AD é resultado disso. Ambos os projetos de AD se constituíram sobre a base marxista – conceitos como classes sociais, luta de classes, ideologia, história, contradição e transformação são

constitutivos de suas reflexões e teorizações. O objetivo, como vimos acima, era que a AD fosse um instrumento para as ciências sociais, mas um instrumento que favorecesse a transformação social no sentido marxista do termo.

Dos analistas do discurso ligados ao grupo de Nanterre, Robin, Maldidier e Gadet, principalmente, assumem a perspectiva de Pêcheux, engajando-se no projeto de uma teoria do discurso, centrada numa “problemática da significação” (MARANDIN, 1979, p. 34) ou do *sentido*, em relação com uma teoria das ideologias conforme pensada por Althusser.

Marcellesi, Gardin Guespin, Chauveau, Courdesses, Slakta etc., dão continuidade, em diferentes graus, à perspectiva de Dubois, cuja análise do discurso insere-se numa sociolinguística e busca, assim, evidenciar a individuação linguística dos grupos sociais, centrada nos traços formais que diferenciam os discursos e os tipos de discurso (MARANDIN, 1979). O manifesto desse grupo é o livro *Introdução à sociolinguística*, de Marcellesi e Gardin. Mas em todos os artigos dos pesquisadores citados há referência à análise do discurso enquanto um campo de pesquisas no interior de uma linguística social (ampliada), na qual o discurso é um objeto linguístico.

A seguir, o artigo aborda as especificidades, isto é, os pontos de distanciamento, descontinuidades (enfim, individualização) desses dois projetos constitutivos do campo da AD francesa.

3. Pontos de distanciamento

A análise do discurso de Pêcheux foi concebida para ser esse dispositivo instrumental. Como dissemos, esse instrumento deveria favorecer o aparecimento de objetos novos, que exigiriam uma nova rede conceitual, o que seriam as condições para a produção de um corte epistemológico. Assim se explica a tese de Henry (1997, p. 36) segundo a qual Pêcheux “concebeu seu sistema como uma espécie

de 'Cavalo de Tróia' destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar aí uma reviravolta". E, além disso, esse instrumento traria consigo uma problemática marxista, o que teria uma função no projeto de Althusser e seu grupo de fazer a teoria marxista vir a ocupar o lugar no campo dos conhecimentos sociais. Nesse sentido, a análise do discurso de Pêcheux, enquanto dispositivo instrumental, deveria suplantar o emprego da Análise de Conteúdo, muito forte nas pesquisas em ciências humanas e sociais. É esse lugar que a AD de Pêcheux viria a ocupar.

Mas a reflexão de Pêcheux não visava apenas à questão epistemológica das ciências sociais. Na linha de Althusser, Pêcheux também reflete sobre a sua função social, que seria efetuar "uma adaptação ou uma readaptação das relações sociais à prática social global, considerada como o invariante do sistema" (HERBERT, 1973 [1966], p. 26). Elas teriam, assim, uma função na manutenção da estrutura social. Isso se explica, segundo Pêcheux, pelo fato de essas ciências terem uma relação direta com a prática política, que, na sociedade capitalista, visa a uma transformação das "relações sociais dadas" em "relações sociais produzidas", mas sem provocar uma mudança efetiva na estrutura da sociedade (HERBERT, 1973 [1966]).

Como propõe Althusser (1979), toda prática, transformando uma matéria-prima em um produto, realiza-se por meio de instrumentos. Pêcheux, seguindo essa proposição, avança que o instrumento da prática política, à qual estão ligadas as ciências sociais, como vimos, é o discurso. É através do discurso, prossegue o autor, que as dissimetrias da sociedade (principalmente a oposição trabalhador/não-trabalhador), ao mesmo tempo, são asseguradas e são apagadas (HERBERT, 1973 [1966]). É por isso que o discurso se constitui como o objeto teórico da AD de Pêcheux.

Assim, podemos dizer que a AD de Pêcheux, conforme concebida pelo autor na segunda metade da década de 60, não foi projetada exclusivamente para análise do discurso político, como se essa análise sozinha pudesse conduzir/subsidiar a revolução do proletariado. Os fins de Pêcheux são políticos, mas os meios são teórico-epistemológicos. Evidentemente, a AD foi aplicada muito mais para o discurso político, por pesquisadores da Linguística e da História. As outras ciências sociais, que lidavam diariamente com outros tipos de discursos, raramente usaram o dispositivo pecheutiano. Quanto a isso, a distinção de Nietzsche (1988) entre *finalidade* e *uso* é bastante elucidativa: o *fim* visado por Pêcheux com a AD não correspondeu ao seu *uso* no campo da pesquisa científica. Esse uso, além disso, conduziu a uma história do campo da AD, que, tratando das diversas linhas que compuseram o campo, evidenciou a importância do discurso político, mas deixou no escuro a bastante ousada, um tanto onírica, estratégia de Pêcheux. Se, no campo geral da AD, o discurso era identificado ao discurso político, isso não pode ser estendido à AD de Pêcheux quando se quer colocar sobre a sua história uma lente de aumento.

O projeto de AD sociolinguística também tinha por intuito favorecer a transformação social. Os meios pensados para este fim vinham de outras referências teóricas, bem diferentes. Se em Pêcheux ela vinha de Althusser e de seu modelo de leitura da obra de Marx, bem como da história epistemológica das ciências exatas (Bachelard, Canguilhem), na AD sociolinguística ela vem de Voloshinov. A proposta da AD sociolinguística partia de tese desse autor de que a linguagem é o principal indicador das menores mudanças sociais em vias de se realizar. As mudanças sociais poderiam ser favorecidas ou sufocadas por meio da linguagem. Assim, mostrar as mudanças sociais e favorecê-las por meio da afirmação e da legitimação das mudanças que afetam a linguagem ou as línguas (novas palavras, novos discursos, novos sentidos) seria favorecer que as mudanças acontecessem.

Nota-se aqui uma diferença qualitativa – o projeto pecheutiano parece ter sido minuciosamente planejado com base na história das ciências, enquanto o projeto de Marcellesi e Gardin parecia ser um tanto mais intuitivo e genericamente planejado.

A análise do discurso projetada por Pêcheux não se resumia, entretanto, ao estatuto de um dispositivo instrumental. O método era apenas uma parte de um todo cuja outra parte era a teoria do discurso. Teoria e método, para Pêcheux, são inseparáveis, não é possível construir um método sem uma teoria.

Como o próprio Pêcheux explicitou, a teoria do discurso que ele buscava formular se sustentava sobre a articulação (ou, pelo menos, *tentativa* de articulação) do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise (Cf. PÊCHEUX; FUCHS, 1997 [1975]). Para o autor, uma teoria deve ser capaz de produzir conceitos e conhecimentos científicos através de uma *articulação teórica* que para ele, seguindo Althusser, era bem diferente de um trabalho interdisciplinar.

A nosso ver, a problemática de Pêcheux e o modo de articulação de determinados conceitos dessas três ciências é que definem a especificidade da análise do discurso pecheutiana em relação às outras linhas contemporâneas de análise do discurso. Tal especificidade se torna ainda mais marcada se levamos em conta que se trata do Materialismo Histórico (MH) de Althusser, da Linguística de Saussure e da Psicanálise de Lacan, conforme a leitura de Althusser. Tal configuração distancia radicalmente a AD de Pêcheux da AD de Marcellesi, que, como veremos, apoiava-se sobre a Linguística de Voloshinov e sobre um marxismo bem mais ampliado, sem fazer nenhuma referência à Psicanálise.

Como se sabe, o objeto da teoria do discurso é o *discurso*. Esse objeto não é empírico, não se identifica com nenhum tipo de discurso existente na realidade, mas é resultado de um trabalho de pensamento, de uma construção teórica, que evidentemente

deve ser capaz de permitir uma descrição e uma caracterização de qualquer tipo concreto de discurso (isto é, *qualquer discurso* na acepção dada a esse termo no sistema de Pêcheux). O conceito de discurso formulado por Pêcheux, que não se identifica com nenhum outro conceito de discurso das outras linhas de AD, é definido a partir de uma problemática sócio-histórica (marxista), que se sobrepõe à perspectiva linguística.

Evidentemente, esse conceito é produzido também a partir de um trabalho sobre conceitos linguísticos, e a Linguística é essencial nesse processo (conforme sustentamos acima, essa ciência é parte do “aparelho de transformação” mobilizado por Pêcheux na constituição da AD). Mas é a partir do MH que Pêcheux concebe esse novo objeto (Cf. MALDIDIER, 2003).

Assim, o discurso é definido como uma das materialidades da ideologia, como determinado pelo lugar ocupado pelos sujeitos falantes e como um objeto sócio-histórico, cuja natureza é muito mais que linguística, social.

Já a AD sociolinguística entendia que deveria ser desenvolvida por meio de um trabalho interdisciplinar que reunisse conceitos advindos de campos de saber distintos, mas complementares. Não seria a produção de conceitos novos, mas a correlação entre conceitos e a problematização de conceitos já formulados.

É pelo fato de correlacionar estruturas linguísticas e estruturas sociais que, para Marcellesi e Gardin (1975, p. 258), a Linguística social “deve ser o campo dos trabalhos pluridisciplinares complementares”. Segundo Guespin (1971), a sociolinguística pede auxílio a outras ciências sociais, mas estas são tomadas como auxiliares, como apoio para o esclarecimento das condições de produção. Assim, caberia ao linguista fazer o estudo dos fatos linguísticos; ao psicólogo, o estudo do sujeito; e ao sociólogo/historiador, o estudo da situação.

Resulta disso que o discurso é um objeto linguístico.

A análise do discurso projetada por Pêcheux não pertenceria, do ponto de vista epistemológico, ao campo da Linguística, nem de uma ciência da linguagem (mais ampla que uma Linguística da *langue*), nem tampouco de uma sociolinguística. Na verdade, ela pertenceria a uma ciência das ideologias, como uma de suas teorias regionais, própria da *ciência da história*, ou Materialismo Histórico.

Já na *Análise automática do discurso*, o autor esclarecia, ainda que sem maiores desenvolvimentos, que a teoria do discurso poderia intervir no campo de uma teoria da ideologia (Cf. PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 161). Em “A semântica e o corte saussuriano...”, o autor afirma que o desenvolvimento da teoria do discurso, enquanto teoria dos efeitos de sentido, “depende apenas parcialmente de uma abordagem linguística” e que parece indispensável, para esse fim, realizar uma “mudança de terreno” em relação à Linguística (Cf. HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 14-15). Isso porque o estudo do sentido exigiria a introdução de novos objetos, pertencentes ao terreno teórico “que determina as formas e os conteúdos da mudança”, isto é, o Materialismo Histórico (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 25). Por fim, em *Semântica e Discurso*, Pêcheux é explícito ao afirmar que seu objetivo é “desenvolver as consequências de uma posição materialista – no elemento de uma teoria marxista-leninista da Ideologia e das ideologias – com respeito ao que chamamos ‘processos discursivos’” (Cf. PÊCHEUX, 1988, p. 32).

Para entendermos o campo epistemológico da AD na perspectiva da tendência sociolinguística, é necessário iniciar com as reflexões do grupo sobre a Linguística social.

Em 1973, Marcellesi e Gardin publicam o livro *Introdução à Sociolinguística: a linguística social*. Nessa obra, explicam que a constituição/instituição da Sociolinguística representava um grande projeto para a Linguística e não simplesmente a fundação na França

de um ramo a mais para a linguística. O termo *sociolinguística* empregado por Marcellesi e Gardin não designava um dos ramos da linguística (ou uma de suas subdisciplinas, localizadas em sua margem por oposição àquelas que ocupam seu centro). A sociolinguística é, para esses autores, a verdadeira *Linguística social*.

Dizemos *verdadeira* porque, segundo os referidos autores, a Linguística então existente, em seus desenvolvimentos estruturalistas e gerativistas, cuja abordagem seria imanente e formalista, não trazia o social para o núcleo das reflexões, dos problemas e das questões, e das respostas das pesquisas. Saussure, por exemplo, conforme os autores, apesar de ter afirmado o caráter social da língua e, portanto, da Linguística, não teria conseguido elevar essa ciência a uma ciência social de fato.

A *Linguística social*¹², como concebida pelo grupo de Marcellesi/Gardin, estuda todos os fenômenos da linguagem, todos os níveis linguísticos: fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, enunciativos e discursivos. Mas, diferentemente, da abordagem estruturalista, todos os fenômenos são estudados do ponto de vista da mudança e da variação e não da sincronia (e, além disso, supondo a existência de diversas normas sociais e não de uma *língua*) e são remetidos a fenômenos sociais, abandonando a perspectiva imanente. Isso porque há um pressuposto da Linguística social que diz: a toda estrutura/mudança linguística corresponde uma estrutura/mudança social. Os níveis linguísticos são concebidos como pertencendo a um *continuum*, ou seja, não há ruptura entre eles.

12 Empregaremos aqui, preferencialmente, o termo *Linguística social* para designar o campo para cuja constituição os trabalhos de Marcellesi e Gardin visavam a contribuir, pois o termo *sociolinguística* pode remeter para um dos ramos da Linguística e se identificar, por exemplo, com o projeto de Labov.

A Linguística social é, assim, uma linguística ampliada. Em primeiro lugar, porque elimina uma oposição estabelecida por certos autores entre centro e margens, baseada na existência da cientificidade. Todas as suas subdisciplinas são igualmente importantes e têm a possibilidade de constituir saberes científicos. Em segundo lugar, porque o enunciado, a enunciação, o discurso são todos concebidos como fenômenos linguísticos, podendo/devendo ser objeto da Linguística social. Eles são estudados em disciplinas, ou campos de pesquisa, no interior da Linguística social, como a análise do discurso, por exemplo.

Desse modo, a análise do discurso é um dos ramos da Sociolinguística, a Linguística social. Trata-se do solo epistemológico da Linguística.

A Linguística social tem por objetivo “colocar em evidência o caráter sistemático da co-variação das estruturas linguísticas e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito” (BRIGHT apud MARCELLESI, 1971). A proposição de Bright é assumida por Marcellesi e Gardin porque, para eles, as estruturas sociais determinam de alguma forma as estruturas e os usos linguísticos. Outro problema comum dessas diversas disciplinas, segundo Marcellesi e Gardin (1975, p. 18), seria “a determinação das condutas linguísticas dos grupos sociais”. Trata-se de uma opção metodológica: ao invés de buscar as identidades, como o faria a Linguística estruturalista, a Linguística social busca as diferenças, as particularidades. Como se vê, a Linguística social é um estudo de fatos de língua, mas cuja perspectiva é social e contrastiva, e não imanente e generalista como o das linguísticas estruturalistas. Devido a sua perspectiva social, essa ciência não pode jamais deixar de investigar as determinações sociológicas dos fenômenos linguísticos. Assim se justifica a inclusão de AD no interior da Linguística social.

Com base nesse pressuposto, o objeto privilegiado da Linguística social seria a transformação linguística, definida, segundo Marcellesi

e Gardin (1975, p. 233), como aquilo que “*traduz e pratica* uma transformação de relações sociais”. A transformação linguística é entendida pelos autores como um objeto novo e, sendo assim, o seu estudo não significaria o retorno ao estágio das investigações diacrônicas, em que se buscariam as mudanças linguísticas gerais. Nem todas as mudanças seriam encaradas como *transformações* pela Linguística social, já que estas sempre traduzem/refletem transformações nas relações sociais.

A Linguística social reafirma que a linguagem reflete a realidade (reflete as menores mudanças sociais, reflete a luta de classes) ou que, visto de outro ângulo, as estruturas e mudanças sociais determinam a linguagem (por exemplo, numa perspectiva discursiva, o uso de determinadas palavras por determinados grupos e sua rejeição por outros ou, ainda, o aparecimento de vocabulários técnicos ligados ao aparecimento de grupos exercendo uma dada atividade produtiva) e busca, assim, correlacionar os fenômenos linguísticos e os fenômenos extralinguísticos, para no fim apontar as possíveis causas. Tomando como seu objeto a transformação linguística, tal como definida acima, a Linguística social se opõe, por exemplo, à teoria de Saussure, que, segundo Marcellesi e Gardin (1975), encararia as transformações como algo negativo e, portanto, a ser evitado. Além disso, anuncia/denuncia as consequências políticas em torno da questão: na medida em que as transformações sociais se expressam em formas linguísticas novas, elas podem chegar à consciência dos sujeitos; mas, se as transformações linguísticas são freadas, e as mudanças sociais precisam se expressar em formas linguísticas antigas, o efeito contrário se dá, e as ideologias (conservadoras) se mantêm.

Os pontos de descontinuidades não se resumem a estes, mas são eles os mais importantes quando se buscam as especificidades de cada projeto de AD. Esses pontos estiveram no centro dos debates ocorridos entre Pêcheux, Marcellesi e Gardin, como representantes maiores dos dois projetos aqui abordados.

| Considerações finais

A emergência da AD francesa foi marcada pela confluência de um conjunto de esforços vindos de pesquisadores com perspectivas teóricas e políticas próximas em alguns pontos e bastante diversas em outros. Apesar dessas diferenças, o que talvez aconteceu na prática dos trabalhos do campo foi uma espécie de construção coletiva, em que os trabalhos concretos ainda estavam tateando, buscando teorizações e metodologias, fazendo o sincretismo de propostas e referenciais. Dificilmente se encontra um trabalho de AD sociolinguística ou de AD materialista exclusivo; frequentemente, há combinação. Isso parece ser algo esperado em um campo que está em construção.

Conforme Paveau e Rosier (2005), a expressão *Análise do discurso* funciona numa polissemia que deve ser substituída pela homonímia – cada tendência deve ter seu próprio nome, de modo a especificar sua orientação teórica e metodológica. Hoje temos a vantagem do tempo e da história: reconstruir esses pontos de proximidades e distanciamentos pode ser um caminho para esse objetivo.

Esse gesto não significa, entretanto, que a articulação de conceitos e orientações metodológicas de diferentes projetos de AD seja algo a ser evitado. A articulação, para ser bem sucedida, depende dessa diferenciação. O necessário, no momento atual da AD, em especial no Brasil, é fazer uma abordagem ampla e precisa do discurso, e não uma abordagem empobrecida e genérica.

| Referências

ALTHUSSER, L. De *O Capital* à Filosofia de Marx. In: ALTHUSSER, L. et al. **Ler O Capital**. v. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-74.

CHAUVEAU, G. Analyse linguistique du discours jaurésien. **Langages**, Paris, n. 52, p. 7-109, 1978. Disponível em: <http://bit.ly/2TzKJc8>. Acesso em: 21 out. 2011.

CHAUVEAU, G. Problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. **Langue Française**, Paris, n. 9, p. 6-21, 1971. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1971_num_9_1_5568. Acesso em: 22 jun. 2010.

COURDESSES, L. Blum et Thorez en mai 1936 : analyses d'énoncés. **Langue française**, Paris, n. 9, p. 22-33, 1971. Disponível em: <http://bit.ly/2vG9BWN>. Acesso em: 30 out. 2011.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

GARDIN, B. Discours patronal et discours syndical. **Langages**, Paris, n. 41, p. 13-46, 1976. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1976_num_10_41_2302. Acesso em: 14 jul. 2010.

GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. **Langages**, Paris, n. 23, p. 3-24, 1971. Disponível em: <http://bit.ly/339Wklt>. Acesso em: 03 maio 2010.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007 [1971]. p. 13-32.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-38.

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social [1966]. **Tempo Brasileiro, epistemologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 30/31, p. 3-36, 1973.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: reler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 15-28.

MALDIDIER, D. Le discours politique de la guerre d'Algérie: approche synchronique et diachronique. **Langages**, Paris, n. 23, p. 57-86, 1971. Disponível em: <http://bit.ly/38MhBCZ>. Acesso em: 06 maio 2010.

MARANDIN, J.-M. Problèmes d'analyse du discours. Essai de description du discours français sur la Chine. **Langages**, Paris, n. 55, p. 17-88, 1979. Disponível em: <http://bit.ly/2x2O5f1>. Acesso em: 06 maio 2010.

MARCELLESI, J.-B. Éléments pour une analyse contrastive du discours politique. **Langages**, n. 23, p. 25-56, 1971. Disponível em: <http://bit.ly/3aMuL4g>. Acesso em: 23 nov. 2011.

MARCELLESI, J.-B.; GARDIN, B. **Introdução à sociolinguística**. Lisboa: Aster, 1975.

MAZIÈRE, F. **A análise do discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAVEAU, M.-A.; ROSIER, L. Éléments pour une histoire de l'analyse du discours. Théories en conflit et ciment phraséologique. **Comunicação no Colóquio Franco-Alemão « L'analyse du discours en France et en Allemagne »**. 2005. Disponível em: <http://bit.ly/3b1vQ8v>. Acesso em: 23 jul. 2011.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1983]. p. 311-319.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969]. p. 61-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. *et al.* Apresentação da análise automática do discurso *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1982]. p. 253-278.

PÊCHEUX, M.; WESSELIUS, J. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: três organizações estudantis em 1968. *In*: ROBIN, R. **História e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 265-282.

A CORPORALIDADE DO *ETHOS* DISCURSIVO NAS PROPAGANDAS DE CERVEJA

Carlos Renato Rosário de Jesus

1. Introdução

A proposta de discutir a relevância dos diversos elementos que cooperam para a eficácia do discurso, a partir da noção de *ethos* discursivo, apoia-se na formulação de Maingueneau (2011, 2008), segundo a qual é por meio da enunciação que se revela a personalidade do enunciador, isto é, a representação daquele que fala está ligada ao ato de enunciação, o que torna o *ethos* uma noção discursiva, construída primordialmente através do enunciado proferido em conjunto com a expressão corporal do locutor, por exemplo. Mas não apenas isso. A posição de quem fala, o conjunto do quadro da comunicação, revela as estratégias, pré-discursivas ou não, que constituem os mecanismos que levam à adesão do público, ou melhor, da formulação de uma “imagem” a ser erigida junto ao ouvinte.

Assim, nossa abordagem pretende verificar como a elaboração do *ethos* discursivo assume uma corporalidade reveladora de determinado efeito de sentido, proveniente da sustentação de determinados estereótipos, em algumas propagandas de cerveja. Para isso, procederemos a uma breve retomada do termo *ethos* nos estudos da linguagem para, a seguir, fazer a análise de algumas campanhas publicitárias veiculadas na televisão brasileira de três marcas de cerveja: Skol, Nova Schin e Heineken.

2. A noção de *ethos* nos estudos da linguagem e da AD

A interpretação do termo *ethos*, na atualidade, é bem mais ampla do que na Antiguidade Clássica, quando o termo foi forjado, ligado aos estudos de retórica, quando, então, *ethos* dizia respeito à elaboração da imagem que faz de si o orador diante de uma assembleia, a fim de conseguir sua adesão. Essa é a visão de Aristóteles que, ao longo do livro I da sua *Rhetorica*, discorre sobre os instrumentos de persuasão do orador no discurso retórico. Em poucas palavras, o *ethos* está ligado aos “traços de caráter que o tribuno deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade), para causar boa impressão: são suas aparências” (cf. BARTHES, 1975, p. 203). No mundo romano, Cícero, que segue de perto a tradição aristotélica, confere ao termo *ethos* maior importância e sentido. Ele parece ser mais “pragmático”, pois considera que a vida do orador é importante elemento do *ethos* e que este seja efetivamente o que demonstra para o auditório. Além disso, deve granjear para si a benevolência do auditório, enquanto para Aristóteles o caminho deve ser inverso. Admirador e divulgador da obra de Cícero, Quintiliano retoma o debate ciceroniano acerca do *ethos*, só que de um ponto de vista mais moralizador, no sentido de que o termo não é apenas construído através do discurso do orador, mas se faz existir pela “reputação do homem público, sua posição pessoal e sua inserção junto às instituições que sustentam seu discurso” (CRUZ, 2009, p. 55). Os desdobramentos dessa prerrogativa alcançarão a Idade Média, particularmente no que tange aos embates religiosos que sucederam ao fim do Império Romano e aos últimos dias do assim chamado “império retórico”, por volta do séc. XVI, até o momento em que a noção de *ethos*, enquanto um discurso que “passa a ter que recorrer a um poder externo para se tornar plenamente eficaz” (id., *ibid.*, p. 59), encontra eco na sociologia de Bourdieu, que advoga a favor de que a eficiência do discurso não está relacionada à sua substância linguística, mas, sim, se estabelece

como resultado entre a posição social do enunciador e seu discurso. Há, evidentemente, outros elementos que entram em jogo nesse processo, especialmente se tratarmos de “eficácia” do discurso, no caso de uma abordagem teórica enunciativa, por exemplo. Mas, por ora, vamos nos ocupar apenas das linhas gerais desse pensamento.

Dessa forma, passando pela redenção da retórica por Chain Perelman nas décadas de 60 e 70, em que o autor evidencia a necessidade do orador em se adaptar ao seu auditório, ao fazer uma imagem positiva de si que resulte na confiabilidade de sua pessoa em relação às suas crenças e valores, a noção de *ethos* acaba por transitar e encontrar espaço no âmbito de diversas disciplinas e teorias, por exemplo, a pragmática, teorias da enunciação e a AD. Nas teorias da Enunciação, o estilo pode ser pensado (nos moldes do pensamento clássico, em que se preconiza um discurso que, pelos seus recursos internos e técnicas estilísticas, visa à construção de um *ethos* do orador que quer conseguir a adesão do ouvinte) sob a perspectiva do *ethos*. Isso porque

Pensamos no estilo como o modo próprio de dizer de uma enunciação, única, depreensível de uma totalidade enunciada. Essa perspectiva faz com que as relações de sentido convirjam recorrentemente para um centro que, longe de mostrar um sujeito empírico, cria o próprio sujeito. Por isso, afirmamos que o ato singular de dizer emerge do dito, também em se tratando de totalidade. O centro, o referencial interno, remete, porém, à exterioridade do próprio estilo, pois só por oposição ao externo, o interno significa. O que é, por sinal, a exterioridade do estilo, senão o outro, pelo qual se constitui o um? Esse outro, além do tu, instituído intersubjetivamente, o que é, senão a própria situação de comunicação? (DISCINI, 2003, p. 17-18).

A enunciação diz respeito aos elementos linguísticos que, “ao serem ditos por alguém, trazem à cena a relação da linguagem com

aquele que fala, com aquele ao qual se atribui a realização destas expressões linguísticas em certas condições” (GUIMARÃES, 2010, p. 123). Assim, o sujeito (locutor) do dizer ganha importância, e sua relação com o destinatário também. O sentido se produz no ato do funcionamento da língua, na interação entre locutor e destinatário, ou seja, “o locutor não é aquele responsável pelo dizer no sentido psicológico, mas é aquele que o enunciado representa como responsável pelo dizer. E representa exatamente pelo funcionamento de certas palavras que significam porque estão marcadas pela enunciação” (id., ibid.). Diante disso, uma análise enunciativa será sempre também argumentativa (id., ibid., p. 133).

Que a língua pode ser compreendida em termos de jogo argumentativo, já na Antiguidade, isso era considerado, ao menos intuitivamente, nos tratados dos grandes pensadores e teóricos da Retórica. Ou seja, se, para os antigos, a Retórica era uma arte que combinava a articulação dos argumentos e do estilo em vista de uma mesma função, a de persuadir (REBOUL, 2004), paralelamente, nos dias de hoje, o reexame dos procedimentos retóricos antigos sobressai-se pela contribuição aos estudos da linguagem:

Das velhas retóricas às vertentes atuais, os estudos dos fatos da linguagem têm se beneficiado muito das ideias e instrumentos de trabalho fornecidos pela Retórica. O que há de comum entre elas é o fato de se empenharem em fazer uma descrição do ato discursivo. Um balanço dessa contribuição nos é dado por Osakabe:

É nessa mesma perspectiva que se vê clara a necessidade e a possibilidade de recuperação, para a Linguística, da contribuição da Retórica, tal como a conceberam Aristóteles e Perelman. Não, evidentemente, no sentido de eliminar as preocupações e conquistas que a linguística desenvolveu e cristalizou no transcorrer de sua história, desde Saussure, mas no sentido de romper essa mesma cristalização, em benefício de uma visão

mais globalizante do fenômeno da linguagem. Isto é, no sentido de se oferecer como uma das alternativas para o conflito que se configura. (MOSCA, 2004, p. 45-46).

Ainda no âmbito das teorias da enunciação, é preciso enfatizar que, se o *ethos* se desdobra no registro do “mostrado” e do “dito”, como veremos posteriormente, sua eficácia se dá em virtude do fato de que atua na enunciação sem ser efetivamente explicitado no enunciado. Portanto, o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, muito embora o público possa construir representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale (*ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo).

3. A noção de *ethos* nos estudos da AD

No que se refere à perspectiva da Análise do Discurso, os estudos de Maingueneau são de crucial importância para a inserção dos estudos sobre o *ethos* no espaço da interpretação dos fenômenos de uma análise que considera os dados institucionais. Segundo Amossy (2008, p. 24),

Dominique Maingueneau retoma e refina as categorias de cena e cenografia que introduzira em seus trabalhos precedentes para fazer o levantamento de como o *ethos* aparece não apenas no discurso argumentativo, mas em toda troca verbal.

Maingueneau retoma a problemática do *ethos* da retórica clássica no intuito de inscrevê-lo num quadro de análise do discurso que, para além do discurso privilegiadamente oral, também sustente uma vocalidade específica, “que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa por meio de um tom que indica quem o disse” (MAINGUENEAU, 2008, p. 72). Ou, como resume Possenti (2011), é na semântica global de um discurso que também se define um *ethos*

característico e, “além de um ‘conteúdo’, de uma ideologia e de um posicionamento, a análise pode depreender dos textos um certo tom, que será uma espécie de reduplicação do posicionamento” (POSSENTI, 2011, p. 151). O tom que um texto assume revela o tipo de discurso, crenças e valores preferidos, que ativam no leitor um feixe de emoções (AMOSSY, 2008).

Em outro lugar, Maingueneau (2011, p. 18) contrapõe as noções de “caráter” e “corporalidade” ao *ethos* projetado, que “recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao ‘fiador’ pelas representações coletivas estereotípicas” (id., ibid.). Ou seja, o *ethos* constitui “uma maneira de ser a partir de uma maneira de dizer e de uma maneira de se apresentar no mundo, o que implica um caráter [...] e uma corporalidade [...]” (id., ibid.). O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos, e a corporalidade é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e mover-se no espaço social (MAINGUENEAU, 2008). Ambos se apoiam sobre representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos que a enunciação reforça ou transforma e que circulam sob a forma de diversos signos de uma coletividade (id., ibid.).

Entende-se por “fiador” a projeção, ou melhor, a construção da caracterização que o destinatário faz do corpo do enunciador, a partir de índices liberados na enunciação. O fiador está associado à multiplicidade de tons resultantes da “vocalidade” de textos orais ou escritos. Assim, “a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância enunciativa encarnada, que exerce o papel de fiador da fala” (MAINGUENEAU, 2008, p. 72).

Aquele fiador construído para além do texto e do locutor em si é resultado desse jogo interativo, em que aparece a noção de “incorporação”, ou seja, a ação do *ethos* sobre o co-enunciador (destinatário). Segundo Maingueneau (2004, p. 99), “a ‘incorporação’ opera em três registros indissociáveis”:

- a enunciação leva o coenunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe dá corpo;
- o coenunciador incorpora, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso.

O *ethos* não se limita a textos orais, em que o locutor está presente fisicamente ou no campo visual de seus interlocutores, mas abrange também textos escritos. Por isso, o tom que subjaz ao texto confere-lhe uma autoridade e remete a uma caracterização da corporalidade do locutor, uma imagem construída, formada, como vimos, por feixes psicológicos que constituiriam seu caráter. O *ethos* é, pois, encarnado através de representações sociais, cujo efeito pode ser positivo ou negativo, a depender da própria natureza projetada, mas que deve estar em compasso com o “mundo ético” do qual o fiador participa ou faz crer participar.

A percepção do destinatário (ou co-enunciador, no dizer de Maingueneau) depende de sua interação com o texto, de modo que seja possível acionar uma certa elaboração dos indícios textuais. Isso porque, ainda segundo o autor,

O enunciador não é um ponto de origem estável que se ‘expressaria’ dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75).

É necessário, pois, verificar a constituição da cena de enunciação efetiva do discurso a ser enunciado, como forma de validar a si mesmo. Engloba três cenas, convencionalmente chamadas por Maingueneau de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”. A primeira corresponde ao tipo de discurso (literário, religioso, filosófico, etc.); a segunda diz respeito ao gênero (o editorial, o sermão, o guia turístico, etc.); e a cenografia, não sendo necessariamente imposta pelo gênero, pode ser construída pelo próprio texto, ou seja, a maneira pela qual ele pode ser enunciado (MAINGUENEAU, 2008, p. 75).

Do mesmo modo, ainda segundo Maingueneau (id., ibid.), não se pode contentar, como na retórica tradicional, em fazer do *ethos* um meio de persuasão, pois ele também é “parte da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência”.

Com efeito, o estudioso analisa a construção do *ethos* em diversos níveis da linguagem, como a propaganda impressa, por exemplo. Para ele, já que a noção de *ethos* envolve certa dificuldade de definição, nos termos com que as ciências da linguagem hoje lidam com o tema, é preciso inscrevê-la numa problemática precisa (MAINGUENEAU, 2011). A premissa fundamental do estudioso, como vimos, é a de que o *ethos* se mostra no ato da enunciação e não é, pois, dito no enunciado. Há que se distinguir, então, um “*ethos* discursivo” e um “*ethos* pré-discursivo”. Tal distinção advém do fato de que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Uma coisa é, por exemplo, ler um livro de um autor desconhecido, em que não se espera que o leitor elabore representações prévias. Mas isso muda se se trata de autores célebres. E isso mostra que o ato de comunicação é extremamente complexo e que, nele, convivem elementos diversos, de que não se sabe dizer ao certo em que medida fazem parte ou não do discurso, mas que influenciam a construção do *ethos* pelo destinatário (id., ibid., p. 16). Ou seja, é, em última instância, uma decisão teórica:

saber se se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuir poder às palavras, ou se se devem integrar a ele – e em quais proporções – elementos como as roupas do locutor, seus gestos, ou seja, o conjunto do quadro da comunicação (id., ibid., p. 18).

Além disso, ainda segundo Maingueneau, o *ethos* de um discurso (o *ethos* efetivo) resulta da interação de diversos fatores, e não somente do *ethos* pré-discursivo e do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também de fragmentos do texto manipulados pelo enunciador diretamente (*ethos* dito), como por exemplo: “é um amigo que vos fala”; ou indiretamente, através de metáforas ou alusões variadas. O *ethos* dito, além de incidir sobre a figura do fiador, também pode ocorrer sobre o conjunto de “uma cena de fala, apresentada como modelo ou antimodelo de uma cena de discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 80). Tal cena é também chamada de “cena validada”, uma vez que já instalada na memória coletiva, como modelo valorizado ou não, fixada nas representações sociais estereotipadas.

Em síntese, podemos dizer que a noção de *ethos* é de fundamental importância para o discurso, porque é com a construção de sua própria imagem que o enunciador legitima seu dizer, ao forjar uma imagem veiculadora de valores historicamente e socialmente aceitos, de acordo com a conveniência de determinado contexto. É o próprio Maingueneau quem melhor resume essa perspectiva:

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir

em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer (MAINGUENEAU, 2008).

É com essa noção que passaremos à análise do *corpus* proposto neste trabalho.

4. A constituição de um *ethos* discursivo nas propagandas de cerveja: análise de casos

Será preciso destacar, antes de tudo, que o conceito de cena de enunciação ocupa lugar fundamental para a análise que segue. Como o *corpus* é retirado do ambiente discursivo publicitário, cena englobante, portanto, a cena genérica caracteriza-se por pertencer ao gênero da propaganda. Não por acaso, o gênero não opera indiferentemente em relação ao suporte que o abriga e que influencia diretamente a escolha de traços estilísticos, composicionais e linguísticos empregados pelo texto (MARCUSCHI, 2008).

O terceiro elemento que integra a “cena de enunciação” é a cenografia, que, como veremos, é representada de modo diverso nas duas linhas de análise dos filmes publicitários escolhidos. A cenografia “define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). A atenção dedicada a esse elemento é fundamental para perceber a forma como o discurso se manifesta, pois, ainda segundo Maingueneau (id., *ibid.*, p. 87-88), a cenografia

[...] é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém.

Isso dito, é preciso considerar, ainda, que, como elemento constitutivo da cena de enunciação, não há que se negar a importância da explicitação do *ethos* na publicidade como elemento essencial para se chegar à persuasão, finalidade última da propaganda, cujo discurso é eficaz quando consegue caracterizar não só o produto e o serviço que se quer vender, mas também o leitor (neste caso, um comprador em potencial) (MURARO, 2003). A publicidade deseja, pois, persuadir, associar o produto que vende a um corpo em movimento, a um estilo de vida; procura não incorporar, por meio de sua própria enunciação, aquilo que ela evoca, isto é, procurando torná-lo sensível (MAINGUENEAU, 2001).

Para este trabalho, selecionamos três comerciais, veiculados em 2012, de três marcas de cervejas consumidas no Brasil e optamos pelo suporte televisivo, embora sejam bastante comuns propagandas em outros meios, como rádio, revistas (o meio impresso de um modo geral), *outdoors*, panfletos, etc. A escolha das marcas de cerveja foi feita com a finalidade de ser o mais representativa quanto possível dos estereótipos que, comumente, a maioria das marcas de cerveja veiculam. De um lado, duas marcas que representam um tipo de propaganda mais comum em relação a esse produto (Skol 360 e Nova Schin); de outro, uma marca que apresenta nuances mais diferenciadas em relação às duas primeiras (Heineken). De fato, invariavelmente, as propagandas de cerveja levam em conta os mesmos aspectos, temas e ambiente (praia, barezinhos, gente jovem, festa, etc.), o que é, como veremos, bastante sintomático. No caso da cerveja Heineken, as propagandas são um pouco diferentes, o que servirá para uma contraposição mais interessante em relação ao que se propõe nossa abordagem. Faremos alguns comentários preliminares para, em seguida, proceder às considerações mais analíticas.

O primeiro vídeo publicitário, largamente veiculado no meio televisivo, é da Skol 360, intitulado “praiabilidade”, e dura 30 segundos.

Trata-se de uma variante da cerveja Skol, que, segundo o anúncio, evita a sensação de estufamento, comum quando se mistura bebida com algum alimento. Assim como em muitas outras propagandas de bebida, esta se passa na praia, em dia ensolarado, com pessoas jovens em clima de festa segurando a lata ou a taça de cerveja, em cenas sequenciais. As pessoas que bebem uma marca diferente (não mostrada no vídeo, ou melhor, mostrada com uma etiqueta branca, com um símbolo quadrado), repentinamente têm o corpo “estufado”, após o que se imagina ser o fato de beberem cerveja de outra marca. Não é por acaso, também, que o nome dessa variedade da Skol seja “360”, em referência à circunferência completa de determinado objeto, medido em diâmetro, frequentemente representado por uma bola. É como se fosse uma ironia, pois, o efeito que a bebida da marca Skol produz é justamente o contrário, segundo o texto do vídeo.

Os que bebem a Skol 360, na sequência, aparecem sempre felizes e sorrindo, dividindo a cena com mulheres bonitas e sensuais, obviamente com a cerveja Skol na mão. Do meio da propaganda para o final, aqueles que beberam cerveja de outra marca vão embora da praia, ficando com todo o divertimento apenas os que bebem a Skol 360. O quadro final da propaganda é o seguinte¹³:



Figura 1 – *Frame* da propaganda da Skol 360

Fonte: YouTube (cf. referências)

¹³ Todas as imagens aqui apresentadas são *frames* dos vídeos utilizados para a análise. Cf. referências.

Como se vê, em primeiro plano está a cerveja, em lata e em garrafa, ao lado de uma taça cheia e espumante. Em segundo plano, uma praia repleta de pessoas jogando bola ou se divertindo de outra forma, ao lado de uma palhoça, que parece ser um bar, que tem como plano de fundo o pôr do sol. Chamam a atenção, logo na entrada do segundo plano, as mulheres de corpo bem torneado, de costas, e o *slogan* da bebida: “a cerveja com praiabilidade”. O fato de não haver, pelo menos no campo de visão mais perceptível, ninguém tomando cerveja parece evidenciar ainda mais a importância do primeiro plano, em que aparecem os recipientes com a cerveja. Isto é, é como se a marca dominasse o ambiente, de modo que tudo ao redor acontecesse por causa dela. A “entrada” para a praia é a cerveja, sem a qual o substantivo abstrato “praiabilidade” não pode proporcionar o concreto, a praia, onde está toda a alegria e a diversão. Neste caso, o coenunciador, para ter acesso à corporalidade desse quadro cênico, deve aderir à corporalidade do primeiro plano, que é a cerveja.

Esse processo ocorre de modo semelhante em outra propaganda, desta vez da Nova Schin, com o detalhe de que, neste caso, não há locução em *off*, seja para anunciar o produto ou para descrevê-lo. Há apenas uma música, tocada por uma banda famosa (pelo menos nos anos 80, a Blitz), presente na praia onde se desenvolve o vídeo. Ao longo das sequências das imagens, pessoas anônimas e alguns famosos aparecem segurando a cerveja, jogando bola, passando protetor solar, agindo “naturalmente”, enfim.

Nesse exemplo, também se recorre à distribuição da imagem em planos distintos, como se observa na imagem abaixo:



Figura 2 – *Frame* da propaganda da Nova Schin

Fonte: YouTube (cf. referências)

Também em primeiro plano, a cerveja serve de acesso ao quadro cênico do segundo plano (praia, sol, mar, palhoça), que o coenunciador relaciona à imagem que a cena representa.

Em outra cena da propaganda, as imagens são paralelas, dividem a mesma tela, conforme se vê abaixo, de modo a justapor e aproximar ainda mais o cenário agradável da praia à escolha da cerveja Schin (observe-se como as mãos pegando as latas sugerem a “escolha” daquela paisagem calorosa).



Figura 3 – *Frame* da propaganda da Nova Schin

Fonte: YouTube (cf. referências)

Ou então, sem mudar o cenário da praia, relacionar a Nova Schin à companhia de mulheres e homens namorando.



Figura 4 – *Frame* da propaganda da Nova Schin
Fonte: YouTube (cf. referências)

O vídeo termina com uma cena muito parecida à que ocorreu na propaganda da Skol 360, isto é, o cenário de uma praia bastante movimentada, com sol forte, ondas do mar e pessoas jovens:

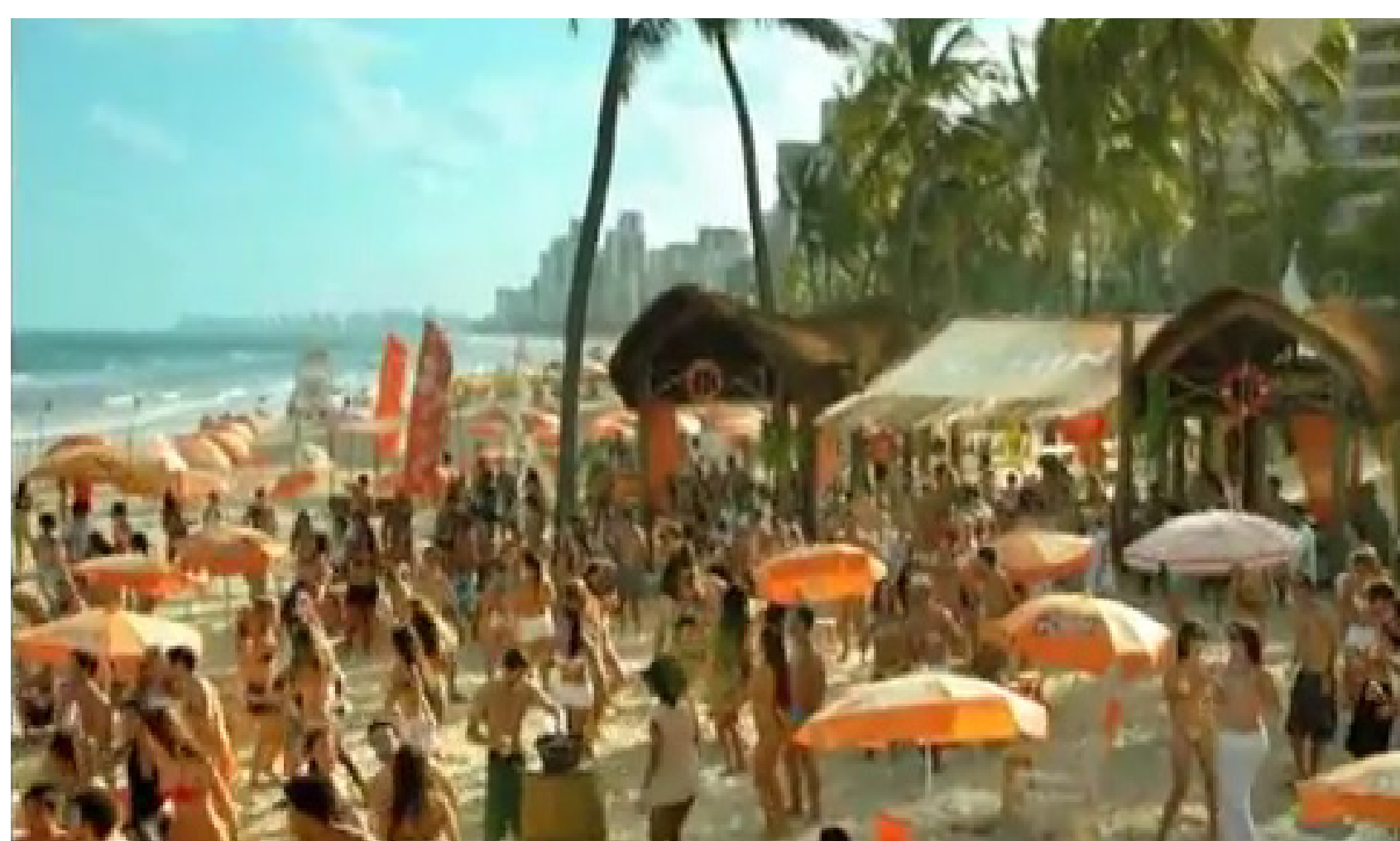


Figura 5 – *Frame* da propaganda da Nova Schin
Fonte: YouTube (cf. referências)

A disposição das imagens acima deixa instaurada uma materialidade que retoma e reatualiza alguns estereótipos socialmente construídos, afirmados e confirmados através dessa “cena de fala” ou “cena validada”, em que tanto a Nova Schin quanto

a Skol 360 privilegiam na sua campanha: um tipo de imagem que representa o ideal de prazer, beleza e satisfação para além da mera apreciação da bebida. O enunciador – no caso, a cerveja, cristalizada através do uso cuidadoso do primeiro plano da cena ou das imagens justapostas – está associado ao estereótipo socialmente aceito e compartilhado das delícias que o ambiente litorâneo, jovem, musical, belo e festivo proporciona. Trata-se de um grupo social bastante padronizado em termos de idade, forma física e procedência. Assim, o público-alvo constrói um fiador persuasivo, que reúne as condições e atributos que o coenunciador almeja e com os quais passa a se identificar, ao relacioná-las com as marcas das bebidas. Ao mesmo tempo, passa a incorporar essas “qualidades”, passíveis de serem alcançadas, já que pertencentes a um espaço social comum e acessível, a praia, embora potencializadas ao nível máximo dos encantos que oferece. A chave de acesso a tudo isso é o consumo da cerveja, cujas qualidades e descrição enquanto produto são deixadas de lado, algo que não se esperaria de um vídeo publicitário, em que a informação sobre o produto é fundamental.

É verdade que, no caso da Skol 360, durante os primeiros segundos do vídeo, há uma breve locução sobre vantagem da fórmula dessa cerveja em relação às demais, pois evitaria a sensação de inchaço após ingerir algum alimento depois de tomá-la. Mas não parece ser essa a ênfase da campanha publicitária. Afinal, mesmo quando mostra montagens de pessoas que, ao consumirem outra marca (não mostrada no vídeo), “incham” (tanto que, durante os diálogos, chamam umas às outras de “baiacu”, em referência a um tipo de peixe que intumescce quando em perigo ou assustado), o ambiente e todo o cenário discursivo ainda é de uma festiva e ensolarada praia. Trata-se, aqui, da “cena validada”, representada através de um antimodelo, isto é, o fato de que ninguém quer ficar “gordo”, “inchado”, ou ir embora cedo da praia. O coenunciador é levado a se colocar em uma cenografia festiva, de modo que só será possível aproveitar

os prazeres daquele cenário paradisíaco se estiver apto, isto é, não “inchado” ou incapacitado de se inserir naquela paisagem.

O *ethos* representado nessas duas propagandas (da Skol 360 e da Nova Schin) é muito bem delineado e projetado para configurar um determinado caráter (feixe psicológico), de determinado consumidor, que, em termos de *ethos* discursivo, se consubstancia no “*ethos* dito”. O fiador assume tais contornos estereotípicos, porque se presta a atingir um público que, imagina-se, irá incorporar mais facilmente o conjunto de esquemas especificados nessa forma de relação com tal grupo socialmente aceito, pois este representa e veicula valores positivos associados ao prazer individual e coletivo. Isso parece evidenciar-se quando cotejamos tais campanhas com outro vídeo publicitário, o da cerveja Heineken.

O vídeo escolhido dessa marca, produzido fora do país e, na época (2012), em constante veiculação na rede televisiva do Brasil, tem cerca de 30 segundos, pois foi compactado do vídeo publicitário original, que dura cerca de 1 minuto e meio, a partir do qual formulamos nossas considerações. Nessa sequência – que, na verdade, trata-se do vídeo final de uma extensa campanha publicitária que reúne um personagem principal com um ou dois personagens secundários de cada vez, ao longo de diversos outros vídeos –, um homem vestindo *smoking* chega de carro e entra num luxuoso salão de festa, sob o holofote de câmeras fotográficas, possivelmente advindas dos repórteres que cercam a entrada do local. Todos usam roupas de gala, e o recém-chegado é muito bem recebido pelos presentes (por alguns de maneira inusitada, como o homem asiático, que simula uma luta de artes marciais com as mãos, jogando com uma garrafa de cerveja Heineken), os quais parecem já conhecê-lo (são, de fato, os personagens dos vídeos anteriores). Dispensa uma taça de Martini que lhe é oferecida, é seguido pelo olhar de admiração das pessoas, principalmente o das mulheres, impressiona a todos com suas habilidades, que vão desde arremessar uma bola de basquete

ao cesto até tocar flauta com a banda que anima a festa, quando, então, recebe uma garrafa de cerveja Heineken, e, ao final, a cena se abre para que se visualizem todos dançando animadamente, e o vídeo é encerrado.

Logo no começo da cena, já se veem algumas particularidades: o biotipo das pessoas é mais diversificado: há negros, asiáticos, brancos, indianos, um homem obeso com indumentária de um rico *cowboy*, jovens, velhos, etc. Todos elegantemente vestidos e, claro, sendo servidos com a cerveja Heineken:



Figura 6 – *Frame* da propaganda da Heineken

Fonte: YouTube (cf. referências)

Desta vez, o *ethos* projetado volta-se para um estereótipo diferente da Skol ou da Nova Schin. Aqui, o ambiente mais “sofisticado” e reservado distancia-se daquele mais popular e aberto. O enfoque é direcionado a um único personagem, que é o centro das atenções de todos os presentes e se destaca com habilidades insólitas. Importante notar que não há locução em *off* no vídeo, apenas uma música de fundo que, ao final, descobre-se vir de uma banda que anima a festa. Trata-se do mesmo recurso usado pela Nova Schin (apenas música, sem locução em *off*), com a diferença que de, no caso da Nova Schin, a música da banda tematiza a própria cerveja.

A cenografia discursiva, desta vez, apresenta-se a partir de duas importantes vertentes necessárias à “incorporação”, isto é, relação entre o coenunciador e o *ethos* do discurso, resultando na corporalidade de um fiador que constituirá a base sobre a qual se apoiará o coenunciador para sustentar a credibilidade necessária ao discurso, que demanda a sua inserção no estereótipo montado pelo vídeo.

Primeiramente, o fato de ser ambientada numa festa privada, fechada, aparentemente destinada a uma classe social mais privilegiada, contrasta com o fato de haver maior diversidade racial e física. Isto é, a identificação do destinatário com o *ethos* pretendido com esse aspecto do vídeo ocorre devido à pluralidade de biótipos e estereótipos sociais ali representados. Os privilégios de uma festa tão exclusiva e, por falta de uma palavra melhor, elitista, podem ser acessíveis, paradoxalmente, a todos, já que todos estão ali representados. Optar pela cerveja Heineken em vez do Martini apresentado como qualidade inerente ao que se considera “correto” e elegante para quem está ali presente, como fez o protagonista, reforça a construção de um fiador socialmente elevado, privilegiado, que legitima para o coenunciador a configuração daquele discurso, cujos tons instituem, ainda, a prerrogativa de acesso àquele universo distinto.

Em segundo lugar, a caracterização do protagonista, centro de todas as atenções, sua significativa recusa do Martini, a finalização do filme com a garrafa de Heineken na mão, enquanto todos dançam no salão, bem-vestidos, rodeados de bebida e música, oferece indícios de um sujeito que reúne todas as qualidades de alguém que se destaca em um ambiente tão plural:

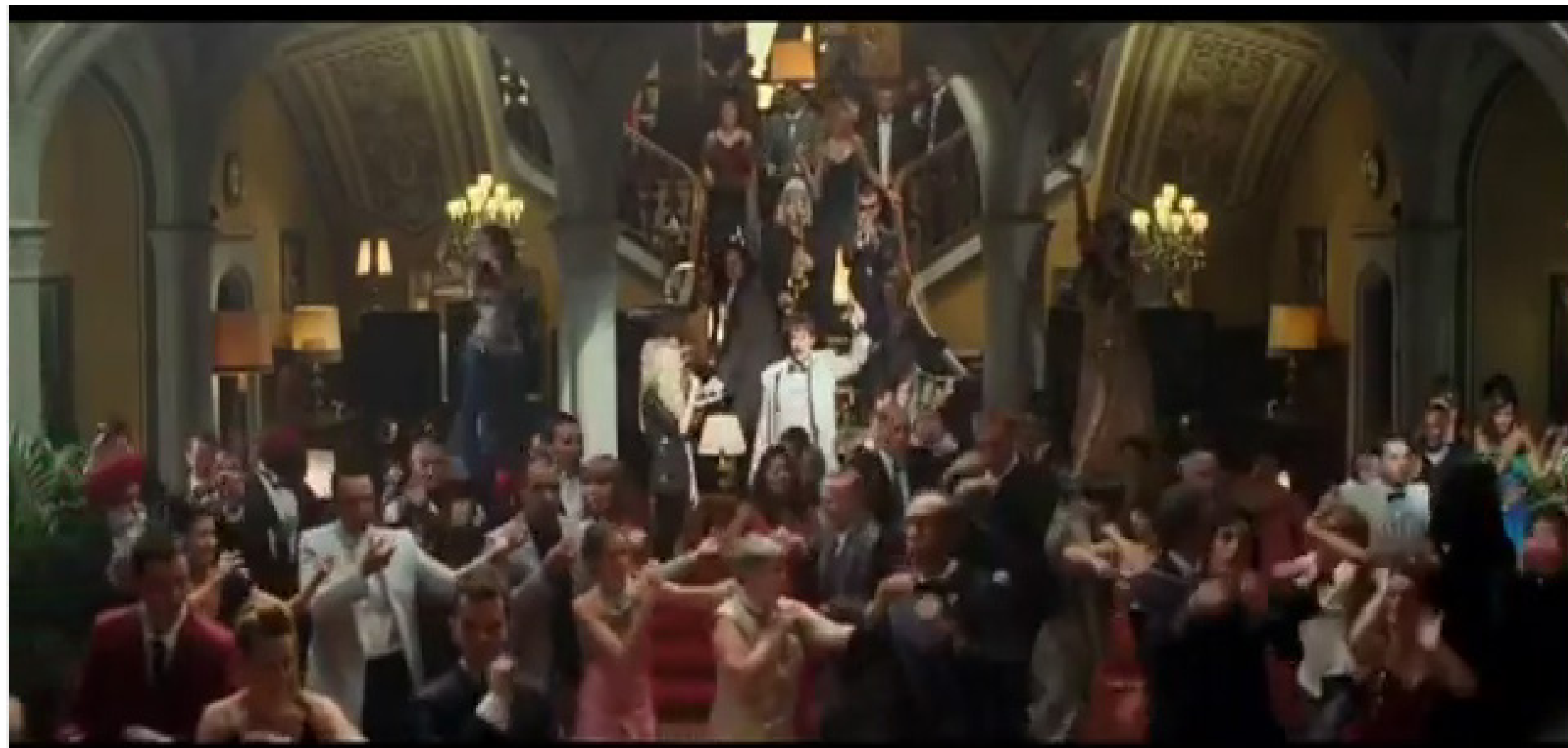


Figura 7 – *Frame* da propaganda da Heineken

Fonte: YouTube (cf. referências)

É nesse sujeito, agregador e canalizador de toda a pluralidade instaurada nessa cenografia, que se estabelece a especificidade do *ethos* dito. É ele, o protagonista, na verdade, a corporalidade do discurso, a materialidade que procura infundir junto ao coenunciador aquele terceiro aspecto da “incorporação”, isto é, a constituição de um corpo que canaliza a necessidade de adesão do público. A validação da cena ocorre através da autoridade do fiador construído por meio da abertura e, ao mesmo tempo, do estreitamento dos estereótipos ali presentes. Em outras palavras, enquanto a ambientação e os personagens secundários da cena apresentada expandem o acesso àquele meio, tornando-o socialmente diversificado, a concentração dos elementos visuais co-ocorrendo para destacar a figura do protagonista tem por finalidade causar a impressão de que está a “restringir” o acesso generalizado àquele grupo.

O consumidor da cerveja Heineken, portanto, pertenceria a um grupo socialmente mais exclusivo, cujo *ethos* é construído de forma mais elaborada e sutil, ou seja, a cenografia voltada para o desejo de ascensão social, tida como cena validada, pois é um valor socialmente aceito e desejado. Embora aparentemente restrito e fechado, o produto da campanha (a Heineken) torna o ambiente acessível, uma vez que sua corporalidade é favorecida pela marca.

5. Conclusão

Em nossa análise, procuramos deixar evidente que a formulação do *ethos* discursivo e a consequente incorporação (em seus três registros, como vimos acima) do fiador pelo coenunciador manifesta-se de maneiras diferentes nas propagandas selecionadas. Se, por um lado, nas propagandas da Skol 360 e da Nova Schin ficou implicado um tipo de corporalidade que se destina a um público específico, mais popular, por assim dizer, pois envolvido na cena validada da praia e suas inflexões (festividade, prazer, lazer, etc.), por outro lado, a propaganda da Heineken tem o mesmo objetivo, só que procede de maneira diversa, apostando numa certa, e aparente, “elitização” de seu produto e, por conseguinte, do público, cuja adesão se dá pela identificação com a cena validada: a festa, o ambiente requintado, que funciona como prestígio social. As análises mostraram que as diferentes cenografias estão, em alguma medida, relacionadas a estereótipos que já circulavam de forma cristalizada na sociedade, envolvidas num *ethos* discursivo, que se manifesta em contornos persuasivos e socialmente marcados. Em suma, as diferentes cenografias mantêm sempre uma relação com um já-dito, que permanece e que permite ao coenunciador identificar-se a certa imagem de enunciador e, conseqüentemente, a certos discursos. Tais discursos estão relacionados a estereótipos, ou imagens cristalizadas, como a de que prazeres como praia, festa e namoro coexistem e estão diretamente relacionados à bebida (no caso, as marcas Skol 360 e Nova Schin); ou de que, a partir da bebida escolhida, evidencia-se um determinado nível social. A depender de qual posição assume o público, configura-se e assume-se o *ethos* correspondente, sempre presente e formulado com a finalidade de constituir-se como autoridade, validação e adesão ao discurso veiculado.

| Referências

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 19--.

BARTHES, R. A retórica antiga. *In*: COHEN, J. *et al.* **Pesquisas de retórica**. Tradução Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

CRUZ, D. F. da. **O ethos dos romances de Machado de Assis: uma leitura semiótica**. São Paulo: Nankin/Edusp, 2009.

DISCINI, N. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2003.

GUIMARÃES, E. Semântica e Pragmática. *In*: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (org.). **A palavra e a frase: Gramática e dicionário, Fonologia e Fonética, Morfologia e Sintaxe, Semântica e Pragmática, Lexicologia e Lexicografia**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010. (Introdução às ciências da linguagem)

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia, incorporação*. *In*: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOSCA, L. do L. S. Velhas e Novas retóricas: Convergências e desdobramentos. *In*: MOSCA, L. do L. S. (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 120-144.

MURARO, M. L. C. O *ethos* no discurso publicitário das sandálias Havaianas. **Caderno de Pós-Graduação em Letras**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 57-67, 2003.

POSSENTI, S. *Ethos* e corporalidade em textos de humor. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-29.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCATOLIN, A. **A invenção no *Do Orador* de Cícero**: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

<http://www.youtube.com/watch?v=CPg6UwPRIs4> (Skol 360 – Praiabilidade)

<http://www.youtube.com/watch?v=Tbm0BkJZvZc> (Nova Schin – Estação cervejão)

<http://www.youtube.com/watch?v=TLgetLmlggA> (Heineken – A festa)

OS SENTIDOS DE “FEMINISMO” E “FEMINISTA” EM PÁGINAS ANTIFEMINISTAS DO FACEBOOK¹⁴

Anndra Karolina da Silva Balieiro

| Considerações iniciais

Visto que as redes sociais representam hoje o espaço principal de circulação de posições determinadas sobre assuntos em pauta, faz-se necessário investigar de que forma os grupos que se mobilizam através delas constroem os sentidos de seus discursos. O objetivo desse artigo é, portanto, analisar como se configura atualmente o discurso antifeminista no espaço do cotidiano, mais especificamente no âmbito das relações interdiscursivas estabelecidas via redes sociais.

A sensação de liberdade de expressão que afeta os usuários das redes sociais permite que expressem “suas ideias” de maneira menos sistematizada, posicionando-se favorável ou contrariamente quanto a qualquer tipo de questão que os interesse. Por esse motivo, as redes sociais fornecem materiais relevantes para uma análise do discurso.

Para entender como se constroem os sentidos, utilizamos tanto de algumas materialidades linguísticas que se destacaram no decorrer da pesquisa, quanto de sequências discursivas selecionadas durante o processo de análise. A partir desses dois momentos, concluímos que a matriz de sentido do discurso antifeminista nas redes sociais se constrói a partir de apontamentos negativos sobre o discurso feminista, e isso pode ser observado no decorrer do trabalho.

14 Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica feita com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Esse artigo, portanto, se encontra dividido em três partes. Primeiro faz-se uma elaboração teórica sobre a questão da ideologia e da linguagem e sobre os desdobramentos da Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux. Segundo tem-se alguns apontamentos importantes para as análises no que concerne ao feminismo e os antifeminismo. E, por fim, a metodologia e as análises das publicações¹⁵.

1. Análise do discurso

1.1 Ideologia e linguagem

A ideologia é um conceito muito discutido dentro da teoria marxista e das ciências sociais em geral, e pode ser conceituada como “um sistema (possuindo lógica e o seu rigor próprio) de representações [...] dotado de uma existência e de um papel históricos no seio de uma determinada sociedade” (ALTHUSSER, 1987, p. 27), sendo então, algo como um conjunto de práticas de uma determinada classe ou grupo social. De acordo com Althusser (1987), é através da ideologia que os indivíduos são interpelados como sujeitos, e isso significa que a nossa existência na sociedade depende diretamente da ideologia na qual estamos inseridos. Portanto, é apenas pela intervenção ideológica que os indivíduos se constituem em sujeitos, e a partir disso são capazes de se fazer existir dentro da sociedade. Ela funciona como um “laço de coesão social” (ALTHUSSER, 1987, p. 199), ligando indivíduos a sua condição de existência – tanto os da classe dominada quanto os da classe dominante.

É possível notar a ação da ideologia em todos os âmbitos da sociedade, uma vez que sua materialização acontece através das ações dos indivíduos. Althusser (1987, p. 126) postula que “A ideologia

15 O termo “publicações” será comumente utilizado nesse artigo para se referir ao *corpus* coletado, de forma que engloba tanto textos de linguagem não verbal quanto verbal.

é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, ou seja, a ideologia não reflete o mundo real, mas um mundo imaginário que se constrói através do que é disseminado e construído pelas formações sociais dominantes. Pode-se dizer que essa construção se dá basicamente através da linguagem, de forma que ela é a manifestação mais expressiva da ideologia no espaço cotidiano, “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra. É justamente nesse domínio que a conversação e suas formas discursivas se situam.” (VOLOSHINOV, 2006, p. 35).

O *corpus* desse trabalho, por sua vez, advém dessa palavra do cotidiano, uma vez que as redes sociais – de onde partem os discursos analisados – fazem parte do que Voloshinov classifica como ideologia do cotidiano, uma vez que se tratam de discursos fora dos sistemas ideológicos constituídos.

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, *ideologia do cotidiano*, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como, a arte, a moral, o direito, etc. (VOLOSHINOV, 2006, p. 121).

O contexto social imediato determina então que essa ideologia não se encontra definitivamente organizada, pois não segue uma sistematização. Porém a ideologia do cotidiano é quem alimenta as outras ideologias, de forma que é apenas através dela que as outras se mantêm produtivas através da “avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, [portanto] opera-se na língua da ideologia do cotidiano.” (VOLOSHINOV, 2006, p. 121).

As posições ideológicas de um sujeito historicamente situado, que é parte de uma formação social e tem suas ações moldadas pela ideologia, são delimitadas pelas formações discursivas da formação

ideológica a qual ele pertence. Essas concepções mencionadas são desenvolvidas pela Análise do Discurso francesa, doravante AD e estão diretamente ligadas através da relação entre ideologia e linguagem, já que o discurso é uma das materialidades da ideologia.

Pêcheux, um dos mais importantes teóricos da AD, desenvolve em seus estudos essas concepções já mencionadas e elas fazem parte da sua teoria do discurso. Epistemologicamente a AD nasce de uma articulação teórica entre questões das ciências sociais, do marxismo e da psicanálise, aos estudos da linguagem. Seu desenvolvimento ao decorrer dos anos se dá através de inúmeras pesquisas e contribuições de diferentes pesquisadores.

É necessário considerar nesse artigo que, em seu momento inicial, a AD se desdobra através de uma estabilidade discursiva do *corpus* que analisa, porém as atualizações levadas aqui em consideração já passam a trabalhar não apenas com “justaposições contrastadas”, mas também com “influências internas desiguais” que afetam as sequências discursivas do *corpus*, ou seja, tratando dos discursos e das formações discursivas como heterogêneos em sua constituição.

1.2 Formação Ideológica, Formação Discursiva e Sentido

Considerando que a sociedade funciona a partir de relações sociais, e que essas relações sociais são relações de classe em que há uma constante intervenção ideológica, Pêcheux (2011, p. 72-73) estabelece o conceito de formação ideológica “para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em dado momento”. Logo as ações dos sujeitos presentes em formações sociais são guiadas por essa “força confrontada a outras”, que é a formação ideológica.

Assim como a definição de formação ideológica, o conceito de formação discursiva ou FD é de grande importância para a teoria do discurso desenvolvida por Pêcheux. A ideia da FD surge para suprir a questão da produção de sentido nos enunciados dos sujeitos, uma vez que, dentro das práticas sociais, os sujeitos não são os reais produtores dos seus discursos, pois se encontram assujeitados e interpelados constantemente pelas ideologias.

As formações ideológicas são um conjunto de práticas e de manifestações que representam ou podem representar determinadas posições de classe. Pode-se considerar o discurso como parte dessas manifestações. E é nesse ponto que a formação discursiva pode ser delimitada, e Pêcheux (2011, p. 73) propõe que “[...] as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito”, em determinada conjuntura.

O conceito também é trabalhado por Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1988), em que o filósofo traz questões sobre o sentido dessas formações discursivas e como ele se desenvolve quando elas entram em contato. Ele afirma que

[...] uma palavra, uma expressão, ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 1988, p. 161).

O sistema de relações de substituição, paráfrases e sinonímias que ocorre dentro das FD, e que são estabelecidos através dos significantes dos elementos linguísticos, é chamado por Pêcheux (1988, p. 161) de “processo discursivo”. É através do processo discursivo que se

constitui a matriz de produção de sentido no interior da FD. Courtine (2009, p. 73) mostra que “as FDs são componentes interligados da FI”, ou seja, elas podem manter relações contraditórias em suas materialidades linguísticas dependendo da FI que estão inseridas.

Portanto, uma formação discursiva estabelece o seu sentido a partir de suas relações internas e de suas relações externas, isto é, com seu interior e com outras formações discursivas de formações ideológicas diferentes, considerando então seu caráter contraditório e opositor. Essas relações formam o espaço denominado de interdiscurso.

1.3 Interdiscurso e contradição

No início dos estudos da AD, considerava-se que as FDs possuíam fronteiras fechadas que seguiam apenas um caminho estável, por isso a homogeneidade era um traço importante para que um determinado *corpus* fosse analisado. Porém, com os avanços dos estudos, percebeu-se que nem sempre esses *corpora* possuíam essa característica. A concepção de interdiscurso proposta por Pêcheux (1988), a questão do discurso-outro – também advinda dos estudos de Pêcheux –, e os traços de heterogeneidade estudados por Authier-Revuz (2004) são atualizações teóricas que permitiram à AD novos caminhos nesse aspecto.

A noção de interdiscurso aparece inicialmente em *Semântica e Discurso* (1988 p. 163) e Pêcheux postula que “propomos chamar interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Concluindo-se, portanto, que o interdiscurso não é um espaço isolado, mas um local onde as formações discursivas mantêm relação direta umas com as outras. Essa relação – independente de como ela se apresente nas formações sociais – será parte do processo constitutivo das FDs, ou seja, será um dos traços que compõem a chamada heterogeneidade discursiva.

1.4 Sujeito

A ideia de sujeito como suporte de discursos está na AD desde o seu momento inicial, porque Pêcheux sempre reconheceu que o sujeito não era a origem do que reproduzia. As reflexões sobre ideologia de Louis Althusser (1971) e a psicanálise lacaniana clarearam essa perspectiva de Pêcheux, e auxiliaram na formulação do sujeito para a AD.

Considerando que desde sempre a ideologia age no sujeito, ocorre uma espécie de transformação que interpela os indivíduos biológicos em sujeito. Essa “transformação” não é exatamente uma transformação porque “na verdade, o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que o ‘não-sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia” (PÊCHEUX, 1988, p. 155), ou seja, se a ideologia age desde sempre então somos *sempre já* sujeitos, desde que nascemos praticamos constantemente os rituais de reconhecimento ideológico, e esses rituais são quem nos garantem existência concreta.

Levando isso em consideração a AD interpreta que o sujeito não é dono de suas ações, pois é regido por uma formação ideológica que o interpela constantemente diante da sociedade, ou seja, a interpelação do sujeito em sujeito de discurso acontece sempre por meio de uma FD, portanto o sujeito nunca é a origem dos discursos.

2. Feminismo

O conceito de feminismo vem sendo muito debatido nesses tempos de movimentações sociais através da internet. De forma geral esses debates se dão não só sobre o que se entende por feminismo, mas sobre as mais diversas questões da sociedade. Para se definir então o feminismo, pode se dizer que ele se desenvolve como um movimento social, político, científico e portanto ideológico que surge

epistemologicamente como uma “crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico [...], [propondo] um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera” (RAGO, 1998, p. 3), ou seja, é um dos muitos movimentos que surgem para questionar o pensamento hegemônico, no sentido de significar uma “emergência de novas subjetividades e estratégias de organização política” (MARTINS, 2015, p. 232), concernente principalmente à luta por igualdade entre homens e mulheres.

Essa luta se desdobra sobretudo a partir de uma nova linguagem – como tudo dentro da sociedade – produzida através de um contra discurso em que se pode considerar como sendo “as mulheres [agora trazendo] uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe” (RAGO, 1998, p. 3)

Promover a igualdade entre os gêneros pode ser definido como a principal característica do movimento no decorrer de seu desenvolvimento, porém esse intuito se desmembra em muitas outras questões, uma vez que, para garantir igualdade, no sentido amplo, são necessárias diferentes lutas em diferentes esferas da sociedade. Essas lutas dizem respeito tanto a problemáticas antigas, como a liberdade sexual e o controle do próprio corpo, quanto a novas, como as discussões em torno da noção de gênero.

2.1 O antifeminismo como resposta

O que nós intitulamos aqui como antifeminismo se baseia no movimento que vai de encontro com o feminismo e seus ideais e lutas. Podemos considerar que a raiz desse movimento está diretamente relacionada aos anos de dominância do sexo masculino e no desenvolvimento da sociedade como um todo, em que há prevalência ideológica do sistema patriarcal e a perpetuação da

submissão feminina, logo “o antifeminismo [...] é o que recusa a igualdade de sexos, visto como uma ameaça à ordem de um mundo fundado sob a hierarquia sexual, de dominação masculina” (FLORES, 2004, p. 230).

Esse sistema social em que os homens são aqueles que mantêm as funções de poder, sendo os detentores do papel principal de sujeito na sociedade é um sistema que vem sendo reproduzido e fortalecido desde sempre. A ideia do homem como sendo o centro das relações sociais é quem deu origem ao machismo. O machismo está diretamente ligado ao antifeminismo.

Os primeiros antifeministas são os homens que, ao perceberem que estão perdendo espaço, posicionam-se contra. Virginia Woolf (2014) em sua obra *Um teto todo seu* fala sobre essa perda de poder do masculino, ressaltando que o patriarcado é quem garante o poder e quando isso é questionado se torna uma preocupação.

Por isso a enorme importância para o patriarcado de ter de conquistar, ter de governar, de achar que um grande número de pessoas, metade da raça humana, na verdade, é por natureza inferior. Deve ser realmente uma das principais fontes de seu poder. (WOOLF, 2014, p. 55-54).

O que se percebe então é que o movimento que surge e se intitula como antifeminista vem com a intenção de voltar a reproduzir os valores da ideologia dominante masculina e tradicionalista, uma vez que “[...] em meio às perturbações econômicas e sociais ou às novas exigências da industrialização e da democracia, as reivindicações feministas criaram uma ansiedade masculina diante das novas Evas” (FLORES, 2004, p. 229).

Mesmo com origem diretamente ligada ao masculino percebe-se, com o decorrer dos anos, que não apenas os homens, mas

também as mulheres passam a aderir e a reproduzir esse discurso antifeminista. Para isso então passam a desmoralizar o movimento feminista, utilizando da reprodução de estereótipos e concepções, tendendo a conotações ofensivas e outras táticas.

3. As publicações das páginas

As redes sociais, foco dessa investigação, fazem parte do que Pêcheux (2002) denomina como “espaços cotidianos de circulação de sentido”, que, por sua vez, dialogam com a tendência recente das pesquisas científicas tanto da AD quanto de outras áreas, dentro das ciências sociais de modo geral, de se ater a assuntos do cotidianos e não apenas mais aos “Grandes Textos”.

[...] aparece cada vez mais explicitamente a preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos da sobrevivência; trata-se, para além da leitura dos Grandes Textos [...], de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido. (PÊCHEUX, 2002, p. 48).

Como já mencionado, o *corpus* deste trabalho tem uma particularidade que, por muitas vezes, pende tanto para o bom quanto para o ruim, pois concerne publicações de páginas da rede social Facebook. Essas publicações se encontram divididas em: *posts*, memes e comentários. Aqui delimitamos que a palavra “publicação” será usada como um hiperônimo, em que *post*, meme e comentários serão hipônimos. O que está delimitado como publicação inclui, portanto, tanto textos verbais como não-verbais.

A intenção foi colher dessas páginas informações que pudessem constituir e delimitar como tem circulado o discurso antifeminista na rede social Facebook. A escolha das páginas se deu por meio de pesquisas dentro da própria rede. Iniciamos com duas páginas

e finalizamos com o total de seis, que eram: Mulheres contra o feminismo, Anti-feminismo, Feministas não me representam, Anti feminismo, Seu feminismo não me representa 2.0 e Contra o feminismo.

O *corpus* total da pesquisa se constitui de 30 *posts* que deram origem a cerca de 23 sequências discursivas, porém para fins de recorte aqui apresentamos apenas nossas conclusões gerais sobre a linguagem desses textos e sobre o sentido de “feminismo” e de “feminista” para o discurso antifeminista. Como tentativa de organização dessas sequências, os textos foram agrupados a partir de cinco temáticas delimitadas por nós. Essas temáticas não foram preestabelecidas, mas identificadas no decorrer da coleta do *corpus*, por terem se apresentado de forma recorrente nos *posts*, foram elas: sobre o movimento feminista, sobre o corpo feminino, sobre a violência contra a mulher, sobre o aborto e sobre a relação entre homem e mulher, e, como já mencionado, elas não serão exploradas nesse trabalho.

3.1 Sobre a linguagem

Pensando na materialização linguística que compõe o *corpus*, e no discurso como principal materialização da ideologia, nota-se que as redes sociais se inserem na esfera de relações cotidianas, e não nas esferas de relações mais formais presentes nos AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado), portanto, não são controladas, não passam por coerções ou regras. As ideologias presentes nos textos característicos das redes sociais se encaixam no que se define como nível baixo e inferior da ideologia do cotidiano de acordo com Voloshinov (2006, p. 122), pois “[...] na ideologia do cotidiano, é preciso distinguir vários níveis, determinados pela escala social que serve para medir a atividade mental e a expressão, e pelas forças sociais em relação às quais eles devem diretamente orientar-se.”

Por se tratarem de publicações veiculadas em páginas do Facebook, é perceptível que a linguagem da internet é muito presente, portanto, abreviações e neologismos podem ser observados com alguma frequência nos enunciados. Dois termos particularmente chamaram atenção, pois possuem relação direta com a imagem que essas páginas antifeministas possuem do movimento a que se opõem. *Opressaum* e *Feminazi* foram observados em alguns enunciados, este último com mais frequência que o primeiro visto apenas uma vez. Observando os contextos, é possível perceber que o primeiro é um neologismo criado com a intenção de debochar do movimento feminista, que justamente traz muitos debates sobre as opressões sofridas pelas mulheres através de diversos aspectos pela sociedade.

O *feminazi* serve como designação para as feministas, funcionando através de uma relação de substituição de sentido. É um termo que tenta relacionar o movimento feminista ao nazismo, sendo usado de forma pejorativa para caracterizar certo extremismo e radicalismo que podem estar presentes ou não na luta feminista. O *opressaum* aparece em um *post* como forma de ironizar a fala das feministas, tanto que vem entre aspas para indicar que o mesmo é um estranho para o discurso antifeminista.

SD 1: *Na hora de trabalhar, levantar um saco de cimento e trabalhar na obra a tal igualdade vira "opressaum".*

Sobre as estruturas frasais dos enunciados selecionados percebemos que de forma geral são muito simples, mas com exceções também. Nesses dois exemplos abaixo temos textos em que se pode notar (SD2)¹⁶ como as construções se apresentam separadas por pontos, parecendo ideias soltas, ou seja, não há uma preocupação

16 SD está posto aqui como abreviação de *sequência discursiva*. Esse método se dá a partir da proposta de Courtine (2009). Dessa forma fomos capazes de destacar as sequências analisadas no decorrer do trabalho.

com a eloquência dessas ideias. E temos também a falta de atenção com a norma culta e padrão da língua como em SD3.

SD 2: Quando uma feminista falar p/ vc q graças ao feminismo vc pode trabalhar, responda p/ ela. sempre tivemos o direito de trabalhar. o q perdemos foi o direito de ã trabalhar. antigamente a mulher quando casava, tinha o direito de ficar em casa, e o marido tinha obrigação de sustenta-la. isso foi perdido para sempre..

SD 3: o tal patriarcado que voc's falam tanto. ela deriva do fato ã dele ser um provedor, mas sim dele ser o defensor da familia. isso era uma obrigação do homem. ele tinha q morrer defendendo sua familia. pq toda pessoa q protege alguém, ela tem autoridade sobre vc tbm.

É fácil notar, como já mencionado, a ausência de preocupação em atender às normas da modalidade escrita de registro formal, pois as pontuações e acentuações se encontram ora erradas ora em falta. As construções das frases se apresentam sem a presença de conectivos e há confusão ao estabelecer a substituição pronominal, notando-se, portanto, o uso corriqueiro das abreviações, que não é um problema, visto que é algo esperado de textos advindos das redes sociais, sendo parte do contexto de materialização dessas publicações.

Algo que foi percebido é que essa questão da construção e da atenção com a formalidade própria da língua padrão varia de página para página. Os dois fragmentos apresentados acima são da página "Seu feminismo não me representa 2.0" e indicam que é uma característica dela não se atentar a esses requisitos textuais, porém isso não acontece com tanta evidência em outras páginas.

4. Os sentidos de “feminismo” e “feminista”

A análise do discurso, teoria na qual este trabalho se embasa, trata enfaticamente da construção de sentidos nos discursos. A atribuição de sentido se dá através de processos como o de substituição e o de associação.

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Dois termos que fazem parte desta pesquisa e que são necessários para se entender os posicionamentos são o próprio *feminismo* e o *feminista*. Dentro das publicações, foi possível perceber que eles são constantemente substituídos através de relação sinonímica por outros.

Feminismo passa a ser substituído por: culto, seita e politicagem baixa. Feminista passa a ser substituído por: prostitutas da esquerda, mulheres fracas, doentes, amarguradas, extremistas, massa de manobra, loucas, histéricas, feminazi. Observa-se então que os sentidos de “feminismo” e “feminista” nesses discursos são negativos. O enunciado abaixo é um exemplo do que foi dito anteriormente, em que se pode perceber que os sentidos de feminismo e feminista são veiculados de forma negativa para o discurso antifeminista.

SD 4: *Feministas advogam serem donas de todas as mulheres. Na mente doentia destas prostitutas da esquerda toda mulher é devedora do feminismo e deveria seguir cegamente este movimento*

de modo doentio e coletivo. [...]. Resumo: feminismo é apenas um culto, uma seita secular que simpatiza com a esquerda e seguida por mulheres fracas, doentes, amarguradas.

A aliança feita entre o feminismo e o movimento da esquerda é algo que foi observado em uma quantidade expressiva de publicações e pode ser observada em SD4. Notamos essa associação não apenas nos textos que fazem parte do *corpus*, mas também no ato da seleção desses textos, já que atualmente esse é um dos argumentos mais utilizados para desmantelar o discurso feminista.

SD4 veicula também uma crítica ao comportamento do discurso feminista e das próprias feministas. O discurso antifeminista questiona as feministas e as “verdades” que elas divulgam, constatando que esse movimento se diz “dono de todas as mulheres”, de forma que obriga as mulheres a se sentirem “devedoras do feminismo”. Ele aponta também uma suposta hipocrisia no discurso feminista já que este delimita que todas as mulheres deveriam seguir o movimento cegamente.

| Considerações finais

O discurso antifeminista aqui posto em análise tem como principal sentido se opor e negar o que advém do discurso feminista. No contexto das redes sociais, em que não há regras postas e nem coerções, as dimensões desse discurso se tornam consideráveis, uma vez que ele exprime acima de tudo uma tendência à manutenção do patriarcalismo.

Dentre todas as posições que se podem perceber, destacamos que a construção desse discurso no geral se baseia na retomada de já-ditos do discurso machista, logo os sentidos promovidos são ligados a essa origem. Essas retomadas são feitas através de diversas sequências discursivas e da presença do interdiscurso com negações e discursos reportados, o que reflete então a presença de apenas

uma formação discursiva não-progressista, já que esse é o principal caráter do discurso antifeminista como um todo.

Os sentidos negativos observados nesses poucos fragmentos aqui apresentados corroboram com o fato de que, por se encontrar no espaço de circulação das redes sociais, esse discurso se materializa a partir de ideologias difusas, propagando estereótipos e generalizações. Em certos momentos até ofensas se fazem presentes, o que demonstra uma ideologia carente de sistematização. As ofensas e os extremismos se tornam preocupantes por conta da própria circulação, uma vez que as redes sociais são plataformas de fácil acesso.

Entende-se por fim que existe a necessidade de uma maior disseminação de informação qualificada nessas redes. Afinal é cada dia mais comum, por exemplo, que as pessoas utilizem as plataformas digitais como único meio de acesso à informação, portanto, se a informação passada não possui um filtro crítico, e as pessoas à assumem como verdade, isso impacta diretamente no entendimento da realidade que esses sujeitos irão possuir.

| Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ALTHUSSER, L. Marxismo e Humanismo. *In*: ALTHUSSER, L. **A polêmica sobre o Humanismo**. Tradução Carlos Braga. Perspectivas 34: Editorial Presença Ltda., 1987. p. 11-42.

ALTHUSSER, L. Sobre o conceito de Ideologia. *In*: ALTHUSSER, L. **A polêmica sobre o Humanismo**. Tradução Carlos Braga. Perspectivas 34: Editorial Presença Ltda., 1987. p. 193-203.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para a abordagem do outro no discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-78.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FLORES, M. B. R. O pensamento antifeminista: a querela dos sexos. **História Revista**, v. 9, n. 2, p. 227-252, jul./dez. 2004.

MARTINS, A. P. A. O sujeito nas "ondas" do feminismo e o corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, p. 231-245, jan./abr. 2015.

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso. *In*: PIOZEVANI, C.; SARGENTINI, V. (org.). **Legado de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da análise do discurso. *In*: COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009. p. 21-26.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. *In*: PEDRO, J.; GROSSI, M. (org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

VOLOSHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ESTEROTIPIZAÇÃO DAS IDENTIDADES AMAZÔNICAS EM DIZERES DE FAMOSOS

Josué Jacob Almeida Mouzinho

| Introdução

O presente artigo se inscreve nos estudos da Análise de Discurso francesa (AD), desenvolvida a partir do ano de 1960, pelo seu maior expoente, Michel Pêcheux. A AD materialista visa analisar o discurso em sua materialidade específica, tendo como ponto de partida as ideologias materializadas nesse mesmo discurso. Ela se articula em três abordagens teóricas: o Materialismo Histórico e Dialético, a Linguística e a Psicanálise.

Nesse sentido, buscamos entender os processos discursivos que levam a esses efeitos de sentido das representações das identidades amazônicas em dois enunciados de cantores brasileiros e dois enunciados de personagens de uma novela (Malhação/2016) que circulam na mídia nacional. Esses representam importantes posições de sujeitos, visto que são influenciadores de opiniões, suas imagens são expostas e podem ser um modelo a ser seguido. Há uma importância dada aos discursos professados por famosos nas grandes mídias. São discursos que recebem ampla circulação, pois são acompanhados por grande parte da população brasileira. Esses discursos, no nosso caso, concebem uma parte do que se conhece sobre a Região Amazônica, vista pelo outro.

Quando se fala sobre o sujeito que vive na Amazônia, pensamos na questão de sua constituição como amazônida, aquele que leva os costumes e a cultura do seu povo. Dessa forma, quando as interações com sujeitos de outras regiões acontecem, já é comum os sujeitos de origem amazônica lidarem com enunciados como “lá só tem índio!”

e “você vivem em malocas?”. E isso se deve ao fato de muito pouco se conhecer sobre a região Norte, além das imagens estereotipadas que circulam nas grandes mídias nacionais. Vídeos da floresta amazônica, de animais e de aldeias indígenas são exibidos (com pouca frequência, apenas quando a região é lembrada) nos grandes canais da televisão brasileira, sedimentando uma representação sobre essa região e isso designa uma visão estereotipada do que podemos encontrar aqui.

O sujeito que vive na Amazônia é constituído em sua identidade em relação aos discursos que definem a identidade brasileira e a de outros povos. Ele é inferiorizado, excluído e dominado, produzindo um lugar de abandono, de esquecimento, de ficar à margem de políticas públicas. Para relembrar brevemente o percurso do povo dessa região, encontramos cristalizados em sua história processos discursivos cujos efeitos sociais produzem *morte, preconceito, estereótipos, desqualificações*, associadas a essa posição de sujeito dominante, reproduzindo os sentidos dados pelos dominadores. E isso materializa uma posição de sujeito que se traveste de diferenciação cultural nos discursos sobre o sujeito brasileiro. Martins de Souza (2008, p. 218-219) afirma que:

Tomando como base apenas algumas campanhas do Governo Federal, podemos perceber como o indígena, o caboclo e a região Norte – como também parte da região centro/noroeste do Brasil que os representa – são silenciados e apagados, não bastassem, na mídia nacional, telenovelas, concursos e programas que fingem abarcar representantes do Brasil inteiro em seus quadros, telejornais que excluem outros rostos, outras notícias, enfim, toda sorte de produção cultural que constrói a unidade brasileira, impondo alguns elementos em detrimento da base racial, por assim dizer e por me faltar termo mais propício, sobre a qual se construiu essa nação.

É desigual a valorização da região Norte em relação às outras regiões nas diferentes produções culturais brasileiras. Os processos sociais de produção de sentido através das mídias manifestam diferentes posições de sujeitos que se consolidam em identidades para os amazônidas. A circulação de imagens, de símbolos culturais amazônicos, de representações, de estereótipos, de dizeres, enfim, de discursos, nas mídias, mostram alguns sentidos e excluem outros do que é ser amazônida. Talvez a mídia seja o melhor meio para isso, pois ela é concebida como “a máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifestam a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores” (CHARAUDEAU, 2012, p. 17). É preciso analisar como tais sentidos materializam ideologias nesses processos discursivos, reproduzindo relações de poder e abrindo possibilidades de transformações em nossa formação social.

| Formação discursiva: sujeitos e sentidos

Para compreender como esses processos discursivos constituem essas identidades, precisamos partir do conceito de Formação Discursiva (FD) da AD materialista. Para Pêcheux (1995, p. 160),

[...] chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).

Dessa forma, na FD, há um sujeito que não produz sentidos por si próprio, pois é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, por conseguinte, todos somos assujeitados aos sentidos já existentes

nas FD. Por isso, o sujeito não controla o que diz, ele é levado a dizer o que dada FD permite, determinada pela luta de classes.

Courtine (2014, p. 73) pondera que “é no interior de uma FD que se realiza o ‘assujeitamento’ do sujeito (ideológico) do discurso”. Aliás, o sujeito também não pode e não deve dizer certos discursos. Vale colocar aí em questão a categoria de contradição, aludida por Pêcheux (1995). Entre diferentes FD, podemos encontrar diferentes sentidos para o mesmo objeto, sentidos determinados pelas “posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), posições essas antagônicas.

Tomando como ponto de partida essas posições ideológicas antagônicas, essas FD não são homogêneas. Elas comportam uma heterogeneidade. Há um conjunto de FD heterogêneas em relação a outras existentes numa dada Formação Ideológica (FI). Dessa forma, os sentidos são variados também e mudam quando passam de uma FD a outra (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 1971, n.p.).

A partir de uma posição, determinada numa FD, é que o sujeito produz sentido, ele se constitui e se identifica, inconscientemente. Essas FD vão se formando através da história e da ideologia, das relações de reprodução/transformação das relações de produção e formam um todo complexo com dominante. “Esse complexo com dominante das formações discursivas é o que chamamos de interdiscurso, que também está afetado pelo complexo de formações ideológicas” (ORLANDI, 2006, p. 18) e submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação, conforme Pêcheux.

De acordo com Pêcheux (1995, p. 162), é no interdiscurso que as FD são determinadas. As FD dissimulam a objetividade material contraditória do interdiscurso na transparência do sentido. Isso faz com que pensemos que algo é falado sempre antes em outro lugar e independente. Assim, os sentidos são construídos historicamente nessas FD, determinadas pelo interdiscurso, no complexo com o dominante das FI.

| A “invenção” da Amazônia

A Amazônia não foi descoberta, ela foi “inventada”, segundo Gondim (2007, p. 13): “Na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes”.

A História da Amazônia é marcada por diferentes representações, histórias fantásticas, descrição das belezas naturais, dos nativos, considerados por vezes anormais. As histórias fantasiosas alimentaram o imaginário sobre a região perante a Europa, que nada conhecia sobre a América. Tudo era novo para eles: a natureza intocada, os animais, o nativo brasileiro. Então, como conhecer e entender o novo continente? Era por meio das cartas escritas por navegadores europeus que poderiam descobrir as belezas da nova terra. Esses transcreviam o desconhecido a partir do imaginário do Velho Mundo, das mitologias e dos discursos religiosos da Idade Média.

Os discursos a respeito dos índios criavam uma imagem estereotipada do nativo da região. Darcy Ribeiro (2006, p. 52-53) aponta que

Aqueles índios, tão diferentes dos europeus, que os viam e os descreviam, mas também tão semelhantes, seriam eles também membros do gênero humano, feitos do mesmo barro pelas mãos de Deus, à sua imagem e semelhança? Caíram na impiedade. Teriam salvação? Ficou logo evidente que eles careciam, mesmo, é de um rigoroso banho de lixívia em suas almas sujas de tanta abominação, como a antropofagia de comer seus inimigos em banquetes selvagens; a ruindade com que eram manipulados pelo demônio através de seus feiticeiros; a luxúria com que se amavam com naturalidade de bichos; a preguiça de sua vida farta e inútil, descuidada de qualquer produção mercantil.

O discurso religioso era usado para classificar um ser tão diferente dos costumes europeus. Esse nativo não conhecia Deus. Tinha espalhado em seu corpo marcas e ornamentos. Furava-se. Praticava a antropofagia. Tudo isso era reprovável aos olhos da moralidade cristã europeia. O europeu branco caracterizava o nativo amazônico também como um preguiçoso, mas se utilizava do trabalho dele para colher os frutos da terra.

Tal dependência, quase sempre, é dissimulada pelos atributos que são acrescidos à insensibilidade do caráter. Nesse sentido, preguiça e ócio são termos afins à insensibilidade e embotamento. Uma das causas que justificam o ócio e a preguiça originava-se na fartura natural, mas essa prodigalidade edênica, se colocada em mãos estrangeiras, seria definitivamente o paraíso que acompanhou cada viajante aos trópicos. (GONDIM, 2007, p. 164).

Esse discurso da preguiça e do ócio perdurou nos anos de colonização até chegar nos dias atuais. Permanece a visão de que o índio, devido à fartura, é preguiçoso e não trabalha. O estrangeiro sempre teria uma atitude diferente, a partir dessa posição. Chegava-se inclusive a cogitar que o nativo não merecia a terra em que vivia. "O que a *Lettera* quer passar é a noção de um nativo que não merece ter como usufruto pessoal as dádivas naturais oferecidas pela terra" (GONDIM, 2007, p. 71).

A feiura da raça poderia ser explicada na questão da convivência com os visitantes europeus. Para Gondim (2007, p. 72), as diferenças de costumes e da raça recebiam "interpretação estigmatizadora", a grande maioria era comparada a animais. Esse fator corresponderá ao "progressivo endeusamento dos europeus nos embates bélicos, no regate (sic!) de nativos pacíficos das mãos dos canibais" (GONDIM, 2007, p. 73). Os europeus atacavam os povos canibais, pois eram considerados como animais para eles.

O calor excessivo, a ação dos insetos, entre outras coisas, eram as motivações para se transformar a Amazônia de paraíso a inferno. Assim, percebemos que estereótipos foram sendo construídos no contato europeu com o nativo, impressos nas cartas dos viajantes.

| Sobre estereótipos

Os estereótipos são explanados em diferentes estudos da AD. Amossy (2004, p. 215) caracteriza o estereótipo

[...] como representação coletiva cristalizada, é uma construção de leitura (Amossy, 1991:21), uma vez que ele emerge somente no momento em que um alocutário recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente.

Os estereótipos representam os discursos que circulam no país e que criam uma visão de identidade para diferentes categorizações de pessoas. Necessariamente, eles não têm significados negativos, mas podem carregar representações cristalizadas negativas, tornando-se **simulacros**, como nos diz Possenti (2010, p. 159), referindo-se a piadas e estereótipos que se criam sobre essas piadas:

[...] as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço “macheza/masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade etc.), o estereótipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço “sexualidade”. É nesse sentido que se pode dizer que o estereótipo talvez seja um simulacro.

O estereótipo é o lugar comum, aliás, para o nosso caso, a imagem comum que se tem de um sujeito. Os processos discursivos, que são origem e resultados de diferentes formações discursivas e que representam como uma dada ideologia faz enxergar determinado sujeitos em suas posições nas formações ideológicas, produzem essa identidade. A imagem que se cria e que se reproduz é que o indígena é preguiçoso, como constituíram essa imagem estereotipada de forma a desmerecer os povos indígenas, diante do olhar do Velho Mundo. Isso quer dizer que na memória discursiva de uma dada formação social, há discursos que circulam e carregam essas visões estereotipadas, constituídas historicamente pelas ideologias e reproduzidas, muitas vezes inconscientemente, sobre determinado objeto, coisa, pessoa ou lugar. Dessa forma, os sujeitos reproduzem esses efeitos de sentidos diferentes a partir de posições diferentes. Os estereótipos influenciam a construção da identidade de um povo. Eles criam uma imagem já determinada para o amazônida, pois esses são descendentes dos índios que ali viviam, é um efeito de sentido negativo para esse.

| Metodologia

Tomamos como ponto de partida no presente trabalho o caminho metodológico apresentado por Pêcheux, em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2012). Ele constrói essa proposta metodológica para se alcançar o funcionamento dos processos discursivos. Para ele, precisamos entender o que se passa nas circulações cotidianas, adotadas no ordinário do sentido. É se colocar na posição de compreender os discursos diários, silenciosos em sua maioria, percebendo a natureza psicobiológica do sentido, e tomar cuidado com o risco de não cair nesses positivismo e filosofia da consciência, evitando qualquer ciência régia, pois esses discursos estão inscritos no logicamente estabilizado (PÊCHEUX, 2012).

Para tal, é preciso seguir certas exigências, levantadas por Pêcheux: a primeira delas prioriza os gestos de descrições das materialidades discursivas, dando conta do real da língua (termo associado a Jean-Claude Milner), na ordem do simbólico. Assim, a análise do próprio da língua está dividida entre “o da manipulação de significações estabilizadas”, organizada pelo inconsciente, e “o de transformações do sentido”, que possibilita interpretações infundáveis. Segundo Pêcheux (2012, p. 52), esse caráter da descrição, unida à interpretação, lugar de equívocos (“heterogeneidade constitutiva”, termo de Jacqueline Authier-Revuz), parece ter sido esquecido pelo movimento estruturalista, esse apenas reproduzindo sentidos da ideologia dominante.

Quanto à segunda exigência, é a partir da descrição que se entende que não há uma metalinguagem, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente, de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2012, p. 53). Esse é o trabalho da análise do discurso: buscar interpretações possíveis a partir de diferentes caminhos, mostrando que um enunciado não tem apenas um único sentido, mas que pode derivar para outros espaços interpretativos, sempre pensando nesse outro discursivo.

Aqui entendemos que a descrição deve caminhar ao lado da interpretação, visto que não são etapas desconexas, pois estão intimamente ligadas. Há uma alternância. Para se compreender um texto e alcançar a materialidade do discurso, na medida em que o analista descreve, também interpreta o objeto linguístico. O que nos leva a pensar na próxima exigência, instituída por Pêcheux.

A terceira exigência é pensar no discurso como estrutura e acontecimento. Pêcheux repensa a questão do apagamento do acontecimento devido a uma sobreinterpretação antecipadora, essa que não permite os deslizamentos de sentido.

Todo discurso é índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço. (PÊCHEUX, 2012, p. 56).

Assim, na AD, não há um cálculo fechado de análise, não trabalhamos com moldes prontos e impenetráveis,

[...] ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados. (PÊCHEUX, 2012, p. 57).

Dando conta da questão de responsabilidade do analista, o qual não se deve colocar como o deus da interpretação, o onisciente do sentido, pois, assim, estaria negando o ato de interpretação, é a partir desta teoria que pensamos o nosso procedimento de análise. A descrição e a interpretação caminham lado a lado na análise do objeto discursivo. O analista descreve o objeto discursivo e o interpreta ao mesmo tempo num processo contínuo, levando em conta a estrutura e o acontecimento discursivo. Eis o batimento ritmado.

| Análise

A partir daqui passamos a fazer a análise dos dizeres recortados para nosso *corpus*.

O primeiro enunciado foi recortado da matéria exposta no portal G1 no dia 9 de março de 2011. O baterista do grupo Restart, Thomas, quando foi perguntado sobre quais lugares gostaria de tocar em março de 2010, responde:

Queria tocar no Amazonas. Imagina, tocar no meio do mato, não sei nem como é o público de lá. Não sei nem se tem gente civilizada, civilização.

O segundo enunciado foi recortado da matéria exposta no dia 3 de janeiro de 2016 no portal *No Amazonas é Assim*. O cantor Lulu Santos responde ao repórter d"O Fuxico" sobre Manaus:

Nunca mais volto aqui. Porra! Oh Cidade Infernal.

O terceiro enunciado foi recortado do portal *Correio da Amazônia* publicado no dia 2 de agosto de 2016. Nele, é retratado o episódio da novela *Malhação* do dia 1º de agosto de 2016. A personagem Júlia Porto, interpretada por Lívia Aragão, na novela, termina seu namoro com Artur e fala que vai a Manaus com os pais. Em contrariedade, Artur diz:

Você ir para Manaus é um desastre. Eu desejo de todo o coração que uma onça te engula.

Há outro enunciado que gostaríamos de chamar a atenção. Esse é nosso quarto enunciado. A resposta da personagem Júlia Porto ao ex-namorado na novela *Malhação* exposta na mesma matéria do portal *Correio da Amazônia*:

Manaus não é só índio não, tá? Se bem que índio é algo bem interessante.

Tomando como base os pressupostos até aqui expostos, os três primeiros discursos dos sujeitos apresentados revelam aqueles estereótipos constituídos na história sobre a imagem que se tem da Região Amazônica. O Amazonas, um dos estados que fazem parte da Amazônia, é visto como "o meio do mato". O não conhecimento do povo leva a se pensar que não há "civilização" na Amazônia, que lá deve haver apenas "índios" e "animais perigosos". Também

que o “calor” é motivo para não se pisar na região, visto que não se consegue suportá-lo. Tudo isso revela que a partir das FD os sentidos são constituídos a desmerecer o local, o povo e tudo que há na Amazônia. Chamaremos, assim, essas de FD colonialistas, pois representam os discursos dos colonizadores que aí chegaram e “inventaram” a Amazônia. Essas “invenções” perduram até hoje travestidas de estereótipos.

Em contraposição, o quarto e último enunciado aqui analisado destoa dos anteriores, pois revela uma posição de suposta valorização da imagem do índio. Esse discurso passa a ser contrário ao que está constituído na memória discursiva e luta pelo sentido nas “relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus elementos”, como nos diz Pêcheux (1995, p. 145). A personagem Júlia Porto, em seu discurso, contraria a ideia de que em Manaus só haveria índio, possivelmente haveria outros povos. Índio, na posição dela, é “algo bem interessante”, contrário ao que vimos nos enunciados anteriores. Em relações parafrásticas, poderíamos representar esses dizeres de outras formas: “Manaus tem diferentes pessoas, diferentes culturas”, “Se bem que índio não é nada interessante”, “Índios são interessantes”. Percebemos que esse último discurso está numa relação contrária ao que é apresentado pelo terceiro discurso, o do personagem Artur, e pelos outros. Assim, existe um discurso novo emergindo aqui, contrário àquele que desvaloriza a Região Amazônica e o que há nela.

| Considerações finais

Percebemos nos enunciados que o amazônida tem sido estigmatizado pelas suas origens. Os amazônidas, herdeiros da cultura indígena brasileira de outrora, são o descendente perpétuo. Sua identidade é preservada nos costumes que restaram. Mesmo tentando manter esses costumes, tem sido estigmatizado pelos estereótipos constituídos na história. E na desavença com o outro,

esses estigmas aparecem perpetuados por efeitos negativos de sentidos que permeiam as FDs colonialistas, desvalorizados diante da identidade nacional. Em contraposição, há discursos que circulam nessas FDs que valorizam o amazônida e a Amazônia. Discursos contrários que lutam por mostrar o inverso da imagem estereotipada que se cria sobre a região.

Tudo isso revela que os processos discursivos que constituem as mídias analisadas conduzem ao efeito de sentido do desprezo e do preconceito, alimentados pela memória e pelo interdiscurso. A ideologia interpela os sujeitos a constituírem sentidos e por assim dizer, constituírem-se também. Encontramos essas FDs colonialistas que desvalorizam o amazônida, desprezando sua história, seus antecedentes, seus costumes e sua cultura. Em oposição, encontramos também Formações Discursivas que valorizam o amazônida e tudo o que ele representa.

Assim, levando a cabo o que diz Pêcheux (1995, p. 298)

Pus-me, então, a desenvolver em *Les Vérités de La Palice (Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio)*, tendo como base o artigo de Althusser, a noção de luta ideológica de classes, a partir das observações finais desse artigo, no qual os Aparelhos Ideológicos de Estado são caracterizados como a *sede* e o *motivo* de uma luta de classes: pareceu-me, também, mais justo caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de reprodução-transformação das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca de contradição de classes que a constitui (e continuo, ainda hoje, a manter firmemente esse ponto).

A luta ideológica de classes permanece, mas como afirma Pêcheux, é “um processo de reprodução-transformação das relações de produção existentes”. Então, o sujeito está sempre nesse processo

de luta para conquistar espaço. O amazônida vive nesse embate entre a valorização dos seus costumes indígenas e a força da globalização. Há aqueles que têm tentado transformar sua realidade para não ser suprimido pela globalização e pelos contrários à sua constituição. Identidades estão se transformando e se anexando, absorvendo ou são absorvidas a outras, numa relação de aliança, oposição, subordinação ou aparente neutralidade de que nos fala Courtine (2014).

Para finalizar, um texto nunca está terminado. Há sempre um momento a se debruçar e repensar no que se escreveu. Realizar novas caminhadas. Por ora, paramos. Hoje ele está assim. Amanhã ele se refaz e se torna algo novo. Por isso, não terminamos aqui a discussão sobre a identidade amazônica.

| Referências

AMOSSY, R. Estereótipo. Tradução Pedro L. N. Barbosa. *In*: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 214- 215.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tradução Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974 [1970].

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. *In*: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007 [1971]. p. 13-32. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php. Acesso em: 01 mar. 2019.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.

MARTINS DE SOUZA, L. C. O norte apagado: o silenciamento amazônico. *In*: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). **Práticas Discursivas e Identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ORLANDI, E. de L. P. Análise do discurso. *In*: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. M. (org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2012 [1983].

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995 [1975].

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

| Portais

<https://noamazonaseassim.com/depois-de-dizer-nunca-mais-volto-aqui-porra-oh-cidade-infernal-lulu-fara-show-em-manaus/>

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/03/baterista-do-restart-se-defende-apos-video-polemico-sobre-o-amazonas.html>

<https://correiodaamazonia.com/manauaras-reclamam-do-dialogo-de-atores-da-malhacao/>

DISCURSOS SOBRE AS MULHERES EM PROPAGANDAS DE CERVEJAS

Max Alan Moura da Silva

| Considerações iniciais

A sociedade está em constante evolução. Esse processo evolutivo não abrange apenas o âmbito científico ou estrutural, mas está principalmente relacionado à cultura de diversos povos. Nesse prisma, esse desenvolvimento é responsável por diversas conquistas e mudanças em todas as esferas sociais. A partir desse princípio, com a liberdade de expressão, por exemplo, pode-se inferir que as sociedades possuem e exprimem os mais variados discursos, convergentes ou divergentes, acerca de determinados assuntos ou fenômenos sociais.

Um tema em ascensão na sociedade atual é o empoderamento feminino. Os discursos provenientes desse fenômeno ainda causam polêmicas e debates quando são relacionados aos discursos mais tradicionais. As publicidades têm grande destaque nesses embates de ideias. Algumas delas são alvo de críticas quando associam as mulheres à condição de inferioridade ao homem ou as condicionam às atividades preestabelecidas por um discurso estritamente patriarcal.

Nesse contexto, este trabalho busca relacionar os discursos da figura feminina em publicidades de cervejas no Brasil. É notório que há diversos trabalhos relacionados à Análise do Discurso, doravante AD, sobre essa temática. Porém, esta análise tem o objetivo de contribuir em outra perspectiva: uma possível resposta aos discursos tradicionais apresentados.

Para tanto, foram selecionadas publicidades de três marcas de cerveja: Devassa, a 65|10 e a Cervejaria Feminista. A primeira apresenta a propaganda tradicional relacionando seus sabores de cerveja às características étnicas das mulheres brasileiras: loura, ruiva, índia, negra e sarará. A segunda retrata um discurso contrário às publicidades tradicionais. Ela apresenta no rótulo mensagens que buscam a igualdade de gênero e o combate ao machismo. E por fim, a última rotula mulheres como ícones de luta e resistência no Brasil.

1. Uma revisão da problemática

Há décadas que discursos referentes às condições das mulheres nas publicidades estão em debate na sociedade. É certo que o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) reduziu, por meio coercitivo, a quantidade de publicidades que desconsideram os princípios morais e éticos. Porém, ainda percebe-se, em algumas propagandas, a existência de discursos machistas os quais estabelecem diferenças de gênero.

Nesse prisma, a AD é utilizada para identificar os processos enunciativos dessas propagandas. Dentre diversos exemplos, pode-se citar o artigo publicado na *Revista Arredia*, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD, "A mulher nas propagandas de cerveja: uma análise referencial". Esse trabalho propõe uma análise dos discursos que estereotipam as mulheres a objeto de consumo. As autoras fundamentaram-se nas teorias de Koch (2004) e Marcuschi (2007) e analisaram os processos de enunciação e dêixis discursiva de 04 (quatro) propagandas da cerveja Skol. Assim, esse trabalho concluiu que a tríade futebol, cerveja e mulher proporciona aos homens diversão revigorando os estereótipos de uma sociedade patriarcal.

Entretanto, a presente análise vai além. Busca-se aqui expor a relação de discursos de Formações Discursivas, doravante FD, contrárias. Para tanto, serão analisados os discursos de propagandas tradicionais, os quais apresentam explicitamente a figura feminina associadas a consumo e discursos que as enaltecem. Para isso, será usada a metodologia de análise qualitativa com base teórica nos postulados de Althusser (1980) e Pêcheux (1990), especificamente nas teorias das Formações Ideológicas e Discursivas que auxiliam a investigação da relação de discursos ideologicamente contrários.

2. A mulher como produto de consumo e a relação das características étnicas das mulheres com os sabores da cerveja

A criatividade é o sucesso na publicidade. Ela é responsável por atrair consumidores e expandir ideias e logomarcas na sociedade. Assim, grandes indústrias investem em *marketing* apresentando seus produtos como algo indispensável para seu público.

As cervejarias também buscam apresentar suas bebidas de forma impactante. Surge então um dos primeiros problemas: a quem se destinam essas propagandas? Para evitar generalizações, cada propaganda deve ser analisada isoladamente.



Figura 1 – E você, tá esperando o que para ter sua primeira vez com uma devassa?

Fonte: <http://eugeniotonelli.blogspot.com/2014/04/case-campanha-devassa-2013-primeira-vez.html>

Essa publicidade pertence à cervejaria Devassa. Vale ressaltar que essa imagem é apenas um recorte do vídeo que veio ao público no ano de 2011. Contextualizando, o vídeo retrata, de forma implícita, um paradigma social na sociedade: a “primeira vez” de um homem. De forma espetacularizada, toda a sociedade presencia, por meio da mídia, tal processo. No final da propaganda, ele se prepara para o momento, que para sua surpresa é o encontro com a personagem. Há nesse momento todo um destaque de imagem e som para o corpo da mulher: pernas, vestido curto, decote, mão na cintura, olhos penetrantes e cabelos ao vento. Além disso, ela executa ações de autoritarismo perante ele, puxando-o pelo “colarinho” da camisa e em seguida jogando-o na cadeira. Após a sequência de fatos, a

cerveja reaparece na situação. Ela oferece-a ao homem que aparece sorridente após a sua primeira vez. No entanto, em nenhum momento o rapaz experimenta a cerveja. Por fim, a mulher, com a cerveja na mão faz a pergunta ao interlocutor: e você? Tá esperando o que para ter sua primeira vez com uma devassa?

No resumo propaganda, fica evidente a abordagem a um tema relacionado aos homens: "a primeira vez". Certamente que essa frase pode ser utilizada em diversos contextos e situações. Porém, no decorrer do vídeo, é possível observar que diversas pessoas comentam que, pela idade de 30 anos, o rapaz já deveria ter realizado a sua primeira vez.

Em análise ao interlocutor da propaganda, observa-se que, no discurso tradicional, somente os homens precisam passar por uma iniciação sexual precoce. Esse processo é discutido e difundido de formas opostas entre homens e mulheres. Além disso, pode-se observar que todas as pessoas que aparecem na propaganda, inclusive as outras mulheres, debocham da situação retardada do rapaz. Isso salienta que toda a sociedade, representada na propaganda, compartilha das mesmas ideias.

Teoricamente, segundo Benveniste (1989), o sujeito da enunciação/locutor é o principal parâmetro para a análise do enunciado. O "eu", representado pela mulher, utiliza o pronome "você" para se dirigir ao interlocutor. Nesse caso, observa-se que a utilização desse pronome não identifica a qual gênero se destina a mensagem, porém, no contexto utilizado, sabe-se que em nenhum momento mulheres tiveram algum tipo de representação na propaganda, exceto a locutora. Dessa forma, é óbvio que ela se dirige ao público masculino.

No que se refere ao objeto de consumo propagado, quando a personagem utiliza "[...] com uma devassa?", há um questionamento à referência de quem é a "devassa", a mulher ou a cerveja? Tal comparação parece ser proposital para instigar o público de destino

da propaganda. Assim, o enunciado apresenta a relação da mulher com o objeto de consumo.

Para entender como esses enunciados são formados é necessário analisar a produção desses discursos e o papel do sujeito como elemento da sociedade. Sobretudo, deve-se observar que as relações sociais são construídas e desenvolvidas por meio de interações comuns entre os sujeitos e/ou comunidades. Dessa forma, grupos de indivíduos que convivem nos mesmos espaços, inconscientemente, abstraem, compartilham, difundem e potencializam discursos comuns. Portanto, ideias, práticas sociais e atividades em comum propiciam o desenvolvimento e a propagação de discursos ideológicos.

Althusser (1980) fundamenta o conceito de Formação Ideológica, doravante FI. O autor salienta que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com a realidade em que eles se encontram. Por meio desse pensamento, as relações e discursos, seja de qual grupo se possa imaginar, estão completamente interligados com esse imaginário. O mesmo autor defende que, para a manutenção e reprodução dos meios de produção, os aparelhos ideológicos do estado têm a função de “preparar” os indivíduos em certa comunidade para propagar os pensamentos e as ideias da classe dominante. Assim, todos os sujeitos estão enquadrados numa FI, e dentro dela são assujeitados às FD’s.

Esse último conceito foi formulado por Pêcheux (1990). O teórico, contribuindo para a AD, salienta que dentro de uma FI existem diversas FD’s. Por exemplo, dentro da FI patriarcal, em que os homens são “superiores” às mulheres, alguns discursos coexistem e reafirmam tal condição. Na publicidade acima, observa-se que a personagem produz sua FD a partir da FI em questão. O pensamento grego condicionou o pensamento ocidental associando o homem como figura central do poder e da família, enquanto a mulher é sempre relacionada às tarefas domésticas e ao casamento. Sabe-se também que nessa FI

existem diversas FD's referente às questões sexuais, por exemplo, a que o homem deve iniciar cedo suas experiências enquanto a mulher deve guardar-se até o matrimônio. Logo, a propaganda busca salientar que a mulher devassa é objeto de desejo do público masculino.

Isso posto, é notório que numa sociedade heterogênea como a nossa se possa encontrar diversos discursos que permeiam nossas relações existenciais e que de alguma forma estabelecem as diferenças de superioridade entre as classes sociais, religiões, gêneros e ideais políticos.

Dessa forma, claramente encontramos discursos provenientes da classe dominante nos mais variados ambientes sociais. Apesar da minoria fazer parte dessa casta, a publicidade é imprescindível para apresentar à sociedade aquilo que deve-se fazer ou adquirir para que o sujeito possa estar de acordo com a tendência do momento. Nesse ponto, as propagandas de cervejas sempre buscam apresentar-se de forma atrativa ao público renovando suas propagandas e rótulos. Porém, considerando seus maiores consumidores, o público masculino, a maioria das propagandas desconsidera o gênero oposto e abusa de imagens e vídeos em que a figura feminina é apresentada apenas como objeto de consumo.

A marca Devassa iniciou no Brasil em 2001 apresentando ao público a cerveja *pilsen* rotulada como loura e a *pale ale*, com a nomenclatura de ruiva. Analisando as duas, observa-se que a primeira é tradicional, ou seja, tonalidade clara e sabor suave que agrada a todos os adeptos ao consumo de cerveja. A segunda possui sabor mais forte, agrada um público mais restrito. Logo, ambas referenciam seus sabores a características étnicas femininas.



Figura 2 – Associação de sabores às características étnicas

Fonte: <http://www.fashiontourbrasil.com/2011/03/inauguracao-devassa-em-brasilia.html>

Na figura 2, nota-se que franquias da Cervejaria Devassa utilizam até modelos para associar as mulheres de diferentes características étnicas aos sabores de sua cerveja. Nessa imagem, todas elas seguram um tipo de cerveja diferente, cada uma com o sabor o qual lhe é dado o rótulo. Assim, nota-se que a publicidade apresenta ao consumidor uma comparação dos seus produtos com as características étnicas de mulheres.

Em 2005 a cervejaria lançou sua versão escura *dark ale*, que recebeu o nome de negra. Em seguida, lançou mais dois sabores, cada um com uma rotulação: índia e sarará. Em suma, as propagandas dessa empresa sempre estiveram relacionando seus sabores às mulheres.



Figura 3 – É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra

Fonte: <https://economia.uol.com.br/listas/propagandas-acusadas-de-racismo.htm>

Apesar de apresentar uma caricatura, a publicidade faz um apelo sexual relacionando a mulher com a cerveja. Há presente no enunciado referência à qualidade da cerveja: negra e encorpada. No entanto, a afirmação “é pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra” e a imagem de uma mulher em posição sensual, com acessórios que evocam a sensualidade feminina, evidencia a coisificação do corpo da mulher.

A apologia sexual do corpo negro surge no colonialismo e perdura, de certa forma, até os tempos atuais, porém permeado de contradição. A esse respeito Silva (2019, p. 175) considera que:

[...] há uma contradição própria do discurso colonial de dominação que os atinge da mesma forma, uma vez que se, por um lado, seus corpos constituem historicamente uma fonte erotização e exotização, por outro lado, são ao mesmo tempo excluídos dos padrões de beleza considerados hegemônicos, constituídos e afirmados a partir do corpo branco.

Portanto, é observado o fato de que a mulher negra, protagonizando propagandas de cerveja até o ano de 2005, para não generalizar, aconteceu em raríssimas ocasiões. Isso deve-se ao fato do padrão de beleza estabelecido pela sociedade, que discrimina a beleza negra no que tange à estética social, porém a associa ao erótico, conforme a publicidade da cerveja *dark ale*.

3. Quebrando paradigmas e um novo conceito de publicidade

Após anos de polêmicas e debates sobre a mulher nas propagandas de cerveja, surge no Brasil a cerveja Feminista. Ela foi criada por três mulheres da empresa 65|10, uma empresa de ativismo criativo que visa melhorar a representação da mulher nas publicidades.



SOMOS FEMINISTAS.

ACREDITAMOS QUE MULHERES E HOMENS DEVEM TER DIREITOS IGUAIS.

ULTIMAMENTE, TEMOS CONVERSADO MUITO SOBRE O MACHISMO NA PUBLICIDADE DE CERVEJA E QUEREMOS QUE ESTA CONVERSA CONTINUE NA MESA DE BAR, NO HAPPY HOUR E NO ALMOÇO DE DOMINGO.

POR ISSO CRIAMOS UMA CERVEJA QUE É UM "PUXADOR DE ASSUNTO".

COLOCA UMA CERVEJA FEMINISTA NA MESA, FAZ UM BRINDE À IGUALDADE E ENTRA NESSE PAPO COM A GENTE.

Figura 4 – Cerveja Feminista

Fonte: <https://nossacausa.com/uma-cerveja-para-refletir-sobre-o-machismo-na-publicidade/>

Antes de analisar a imagem é necessário entender a motivação da criação dessa cerveja. A empresa 65|10 possui seu nome relacionado à proporção de mulheres que não se identificam com as propagandas machistas, 65%, e a quantidade de mulheres que trabalham nas agências de publicidades, apenas 10%. Segundo o *site* da empresa, as pessoas responsáveis pela confecção da cerveja optaram em quebrar paradigmas, por exemplo, a escolha de uma cerveja com sabor meio amargo, Red Ale, é proposital para confrontar um discurso de que as poucas mulheres que apreciam cerveja gostam de cervejas suaves.

Ao observar o rótulo, observa-se o nome da cerveja, Feminista, e o sabor em destaque. Em outras palavras, esse sabor é considerado “forte”, o que pode ser interpretado numa relação entre feminismo e força/resistência.



Figura 5 – Contra o machismo

Fonte: <https://nossacausa.com/uma-cerveja-para-refletir-sobre-o-machismo-na-publicidade/>

Na outra parte do rótulo, há uma descrição sobre as criadoras da cerveja. Pode-se observar um enunciado que o locutor está explícito, feministas, e o destinatário da mensagem é o público geral. Isso mostra-se com uma grande diferença de discursos publicitários anteriores que se destinavam apenas aos consumidores do sexo masculino.

4. De metáfora sexual à exaltação de luta e resistência feminina

Sem dúvida, há um novo discurso surgindo nas propagandas de cerveja. O público feminino, sempre à margem no que se refere ao consumo desse tipo de bebida, começa a revolucionar esse paradigma. Além de tornarem-se consumidoras, as mulheres também buscam desassociar as suas imagens apenas com relação de consumo, metaforizadas como produto, agora representam imagens de mulheres símbolos de luta e resistência.



Figura 6 – Luta e resistência

Fonte: <http://bardebatom.com.br/noticia/cervejaria-feminista-homenageia-icone-de-luta-e-resistencia>

Na imagem acima, há duas cervejas da Cervejaria Feminista. Essa marca lançou dois rótulos para homenagear duas mulheres que tenham uma trajetória importante pela igualdade e liberdade: Conceição Evaristo e Maria Prestes.

A primeira é mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Além disso, é escritora e militante do movimento negro e participa ativamente de eventos relacionados à militância política social.

A outra, Maria Prestes, foi uma militante da Juventude Comunista Brasileira. Viveu por muitos anos clandestinamente ao lado de seu esposo Luiz Carlos Prestes e foi exilada na União Soviética na ditadura militar. Atualmente vive no Rio de Janeiro e participa de movimentos sociais militantes de igualdade de gênero.

Nota-se que essa cervejaria, além de desassociar a sexualidade feminina nas propagandas e rótulos de cerveja, atribui aos seus produtos outro conceito de representação feminina. Percebe-se nas imagens desses rótulos uma FD diferente das apresentadas anteriormente. Nelas é perceptível a valorização da figura feminina.

Concordando com Mussalim (2001), "o discurso é um aparelho ideológico e por meio dele acontecem os embates de posições que são contrárias". Assim, apesar de ser pública a informação que essa cervejaria pertence a mulheres, certamente esse discurso busca confrontar o discurso tradicional em que a representação da imagem feminina, nos rótulos e propagandas de cervejas, está sempre servindo os homens, acompanhando os homens ou, nos casos mais comuns, seduzindo os homens para o consumo.

5. Considerações finais

A relação dos discursos apresentados acima apresenta conflito. O primeiro discurso, tradicional, pertence à FD que associa a figura feminina como atratividade para o público-alvo. Essa utilização, da

mulher como símbolo sexual ou até mesmo metaforizada como objeto a ser consumido, considera que o público-alvo é o masculino.

O segundo discurso apresentado mostra outra FD. Oposta à primeira, esse discurso desvincula a imagem da mulher ao rótulo e às propagandas. É possível observar que claramente há ruptura com os discursos tradicionais. Além disso, evidencia-se que essa nova FD busca se impor para representar a minoria. Sempre à margem, no que se refere ao consumo, as mulheres que criaram essa cerveja retratam em seus rótulos discursos de igualdade e também de resistência, pois incitam o diálogo sobre as reais condições das mulheres na sociedade, desde a subserviência ao feminicídio.

O último discurso relaciona-se com o segundo, porém, utiliza imagem de mulheres. Em contexto diferente do primeiro discurso, as imagens femininas utilizadas nessa FD têm função invertida: são símbolos de resistência e luta por igualdade de gênero. Nesse contexto, além de inverter a relação da função das mulheres, esse discurso apresenta, assim como o segundo, uma FD que vem surgindo em detrimento de uma luta de classes.

Assim, compreende-se que por meio dos discursos presentes na sociedade, podemos verificar a luta de interesses de cada grupo, além de observar quais discursos predominam no contexto geral. Nesse sentido, mesmo que tenha sofrido mudanças ao longo dos últimos anos, o discurso tradicional machista ainda prevalece.

Em suma, essa pesquisa buscou apresentar o conflito de discursos referentes às mulheres nas propagandas de cerveja. Após a análise das FD's apresentadas, ficou evidente que existe um novo discurso surgindo e repercutindo na sociedade. Porém, infelizmente essa nova FD ainda está sob domínio de uma FD contrária, que oprime e silencia o discurso que as mulheres buscavam apresentar em oposição ao machismo. Tal silenciamento é resultante da FI que domina o meio publicitário, principalmente os de cervejarias.

| Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística – domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni P. Orlandi. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SILVA, G. M. da. C. Política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos**, n. 54, p. 173-201, 2019.

AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DE JOÃO CABRAL A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO DE *MORTE E VIDA SEVERINA*: O POETA DA RAZÃO?¹⁷

Márcio José da Silva

1. Introdução

O discurso de João Cabral (JC), na sua obra, não tem sido levado em consideração adequadamente. Por ser identificado com a Geração de 45, o poeta tem sido bastante estudado mais pelos aspectos estéticos de sua produção do que pelos discursos que veicula, conquanto, para um analista do discurso, não exista uma divisão precisa entre aspectos estéticos e aspectos discursivos. Há sempre uma intersecção.

De qualquer modo, não iremos analisar minuciosamente a forma da poesia cabralina, não obstante enxerguemos que sua escolha reflete uma formação discursiva, e não outra. Por exemplo, poesia clássica *versus* poesia trovadoresca ou popular. Há muitas implicações na escolha do metro. O embate entre parnasianos e modernos demonstra isso. O que investigaremos principalmente é se a imagem mais corriqueira que se aventa de JC resiste a uma análise discursiva no sentido principalmente ideológico, com menos atenção aos aspectos estéticos.

¹⁷ Este artigo é uma versão resumida de nossa dissertação de mestrado, na qual existe uma ampliação da discussão, das fontes, incluindo um maior número de filósofos.

Sendo assim, pretendemos trabalhar para ajudar a suprir a carência de interpretação do texto cabralino nos moldes da Análise do Discurso (AD), com seus pressupostos e com os conceitos organizados por Michel Pêcheux, a saber: discurso, interdiscurso, formações imaginárias (Flms), formação discursiva (FD) formação ideológica (FI), só para citar alguns. Algo que se repete muito sobre JC, que chega a ser um clichê, é que ele é o poeta da razão e da objetividade. Moisés (1988, p. 489) não é um dos que fugirá à regra: “[...] o fato de a atenção estar voltada exclusivamente para o objeto fora do poeta [...] é ainda a óptica do poeta que predomina, fortalecida por um processo rigoroso de pensamento ‘científico’, [...], de engenheiro, símile do filosófico”.

Numa entrevista publicada em 2009, na revista *Sibila*, aparece este comentário na apresentação, o qual se refere a algo que ocorre no documentário Recife/Sevilha — João Cabral de Melo Neto:

[...] surge no filme o testemunho descontraído e por vezes comovente de sua filha Inez Cabral, que expõe um lado menos conhecido do pai, um lado mais humano e subjetivo, onde habitam superstições, manias, as cores exóticas de alguns de seus automóveis, o carinho e o respeito pelas crianças... *Recife/Sevilha* não revela apenas as duas cidades de um poeta, mas as duas, ou as muitas, faces de um homem. (SIBILA, 2009, p. 9).

Esse trecho revela obliquamente a força dessa imagem de JC como poeta da razão. Ele recebeu o cognome de Engenheiro da Palavra, termo que o relaciona a uma área das ciências exatas, embora fosse um artista. Ele mesmo declarou preferir a companhia de arquitetos e de engenheiros a poetas. Assim, não apenas a interpretação de sua poesia, mas o próprio JC contribuiu bastante para suas Flms racionalistas quando dava entrevistas. Ele fazia questão de enfatizar que não gostava de música, uma arte essencialmente irracional, pois alegava que sua atenção era mais visual.

A primeira obra de JC, *Pedra do Sono*, tinha muito influxo do surrealismo. Sendo assim, é a partir de seu trabalho seguinte, *O Engenheiro*, que se criará a imagem desse poeta com a qual todos estão acostumados, a saber, poeta da racionalidade, da objetividade, da consciência.

Considerando que o poeta segue uma linha evolutiva, é possível que, em *Morte e Vida Severina (MVS)*, ele tenha encaminhado sua poesia mais ainda para o racional, uma vez que teve mais tempo de amadurecer suas Flms racionalistas. Escolhemos essa obra para ser o *corpus* de nosso artigo por se tratar do trabalho mais conhecido do poeta e porta de entrada para a sua poesia.

O termo 'razão' merece ser discutido, de modo que precisemos o que entenderíamos por um JC racionalista. Para esse fim, julgamos ser apropriado utilizarmos a filosofia como parâmetro, pois é no alcance semântico que *razão*¹⁸ adquiriu nessa área que iremos fundamentar nosso ponto de vista. Salientamos que não utilizaremos alguma obra específica destes filósofos para fazermos nossa análise. Estamos mais interessados nos pressupostos dessa FI, como a postura antissofista, o que significa defender uma verdade universal.

Immanuel Kant (1724-1804) pode ser tomado como modelo de filósofo racionalista. Ele defende a existência de um conhecimento *a priori*, ou seja, aquilo que é afirmado ou estabelecido sem verificação, o qual se opõe a empirismo, que só dá crédito ao saber provindo da experiência, *a posteriori*. O conhecimento apriorístico ou racional também possui uma característica universalista, que independe

18 Na filosofia, existem diferenças entre os racionalistas, ou seja, o racionalismo não é algo homogêneo. No entanto, resolvemos aceitá-lo de uma FD platônica, razão como um universal, uma ideia. Destarte, o discurso "João Cabral é o Poeta da Razão" pode fazer sentido. É dessa perspectiva, a princípio antidiscursiva, que verificamos a plausibilidade das referidas Flms do poeta pernambucano; senão, teríamos de analisar o discurso 'a razão é um universal', mais distante de uma relação com o discurso literário e com o poeta.

das circunstâncias; senão, cair-se-ia numa espécie de relativismo ou subjetivismo.

Basear-nos-emos não apenas em Kant, mas também em outros filósofos (*inclusive* irracionalistas), isto é, nos pressupostos de um ponto de vista racionalista, para fazermos um confronto com os discursos que se encontram em *MVS*, embora não imaginemos que exista um discurso puro no *corpus* em apreço, quer racionalista, quer irracionalista. Disso, contudo, não se deduza que haja forçosamente um equilíbrio. Em se tratando de JC, espera-se que o racionalismo, no mínimo, prepondere. Além desse filósofo de Königsberg, há outros que são de FI notadamente racionalista.

Platão (428-347 a.C.) é um deles. Sua filosofia contribuiu bastante para a ampliação do conceito dos universais. Ao perceber que, neste mundo, não encontramos algo que seja branco absolutamente, mas que várias coisas são brancas, Platão notou que esses particulares possuem em comum uma essência, a brancura em si, uma ideia. Com isso, ele defende a existência de universais ou de um mundo de ideias, mais "real", *inclusive*, que o mundo sensível. Ele, ainda, sustentava que só se pode *opinar* sobre o que existe no mundo dos sentidos; o *conhecimento verdadeiro* das coisas só pode ser percebido com a razão.

O pensamento de Platão confunde-se com o de seu mestre, Sócrates (470-399). Algo muito claro na filosofia de ambos é a importância que a palavra tem na condução do homem ao conhecimento, à verdade. O método socrático, por excelência, era a maiêutica: fazer muitas perguntas a seus oponentes ou discípulos a fim de mostrar-lhes, mediante as próprias respostas deles, a debilidade de seus argumentos. Desse modo, Sócrates refutava o ponto de vista do seu interlocutor e chegava à verdade (racional). Assim, duas coisas eram indispensáveis à consecução da verdade, consoante o método socrático: a palavra, na acepção do termo, e a razão, pois seus argumentos tinham base lógica.

Com base nessas reflexões, pode-se declarar que a impossibilidade de dizer geraria uma valorização do elemento instintivo, do inconsciente. E, visto que *λόγος* (*logos*) serve tanto para o termo *razão* quanto para o termo *discurso* (ou *palavra*) no grego antigo, só será arguível reputar JC como um poeta racionalista, também em sua obra principal, se, nesse drama, o *λόγος* representar o campo semântico ligado à razão — clareza, coerência, consciência, exatidão, objetividade, universalidade, termos com os quais é comum traduzir-se sua poesia.

Na análise do discurso de *MVS*, concentrar-nos-emos, por ora, no monólogo O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI e na fala final O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA.

2. A análise do discurso literário

A análise do discurso do texto literário ainda se está consolidando, e existe desconfiança entre os teóricos da literatura em relação a ela. Sobre essa questão, fazemos nossas as palavras de Gama-Khalil (2009, p. 273) quando ela afirma que “a AD não está a serviço de um só tipo de discurso”, pois, apesar de suas peculiaridades, o texto literário também transmite um discurso, o qual, *a priori*, nada tem de especial concernente aos discursos dos demais textos. O próprio fundador da AD não a restringiu ao discurso político. Ele esclarece que “o discurso político [...] serve [...] apenas de representante exemplar de diversos tipos de processos discursivos” (PÊCHEUX, 1997, p. 77). É relevante lembrarmos que a literatura já esteve, *inclusive*, a serviço do discurso religioso, caso de alguns expoentes da escola barroca como o Padre Antônio Vieira.

Sendo assim, a AD pode contribuir para a reformulação da visão do discurso literário estabelecida pela tradição. A plurissignificação é um elemento a ser repensado. Com efeito, alguns discursos até

podem ser mais polissêmicos do que outros, mas a plurissignificação não é, para a AD, exclusividade da literatura ou da arte. Qualquer discurso não está livre da falta de controle de seu autor sobre os efeitos de sentidos que podem ser gerados:

Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. [...] na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2010, p. 36).

O que ocorre, de fato, em alguns discursos, é a existência de uma tradição, de uma memória discursiva, sentido(s) historicamente consolidado(s) que conduz(em) as pessoas a determinadas interpretações. No entanto, é possível recusar a tradição e atribuir outro(s) sentido(s) a um discurso, enxergar nele a associação com outra FD.

Portanto, a tese da plurissignificação literária provém de uma FD defensora de uma unidade de sentido do texto, que considera que a língua é unívoca, cabendo ao literato criar a ambiguidade ou plurissignificação. Isso, porém, não corresponde ao ponto de vista da AD:

[...] não há “desvio” — e, portanto, não há linguagem “poética”. Há somente um processo geral de linguagem, funcionando tanto no aprendizado verbal de crianças quanto no uso cotidiano da linguagem por todos os falantes, bem como nos seus usos político e literário. (PÊCHEUX; GADET, 2014, p. 104, grifo dos autores).

3. Alguns conceitos da AD utilizados neste artigo

Não é tão simples separar cada conceito da AD e tratar apenas dele. Ao falarmos de interdiscurso, trataremos também de “sujeito”, de sentido, entre outros, conquanto não seja nossa pretensão. Ao pretender traduzir os conceitos pecheutianos, incorremos no risco de uma simplificação excessiva. Sobre esse problema, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 68) esclarecem:

Aqui surge uma dificuldade [...]: a de caracterizar as fronteiras reais dos objetos reais que correspondem aos conceitos introduzidos (p. ex., formação ideológica, formação discursiva [...]). Esta ‘dificuldade’ não é efeito apenas de um malfadado acaso, mas resulta da contradição existente entre a natureza destes conceitos e o uso espontaneamente imobilista e classificatório (de que não se pode impedir a ocorrência) [...].

3.1 O discurso

A distinção que Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166) fazem entre discurso e ideologia é muito relevante para compreendermos melhor o que é o discurso na AD: “se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica [...] a espécie discursiva pertence [...] ao gênero ideológico”.

A AD diverge bastante da teoria da comunicação desenvolvida por Roman Jakobson. O ponto central dessa teoria é que a linguagem é instrumento de comunicação. Todavia, Orlandi (2010, p. 21) discorda: “A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos [...]: o discurso é efeito de sentido entre locutores”.

3.2 O interdiscurso

O que denominamos discurso é, por outro ângulo, um interdiscurso, uma vez que todo discurso retoma uma fala anterior. O sujeito não é a origem do sentido, autor do discurso que ora defende, mas não sabe disso. À inconsciência de que é assujeitado pela ideologia, Pêcheux chama de esquecimento nº 1. E é essa preexistência do discurso é o já dito, presente na FD, que possibilitará a “construção do sentido”. O discurso, portanto, é uma paráfrase do interdiscurso, o “sujeito” é apenas um porta-voz, um assujeitado:

Diremos [...] que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009, p. 149, grifo do autor).

À ilusão de univocidade do sentido, Pêcheux chama de esquecimento nº 2. O sentido não existe *a priori*, mas, por meio de uma memória discursiva, alguns sentidos vão permanecendo e formam uma espécie de tradição; no entanto, Pêcheux esclarece que o sentido não é completamente solto, ele é delimitado pela posição discursiva do emissor.

3.3 Formação discursiva e formação ideológica

A expressão FD é muito utilizada para referir-se a determinado posicionamento discursivo. Contudo, o conceito de FD tem sido às vezes utilizado por FI, como se estivesse ocorrendo uma espécie de extensão de seu significado. Um exemplo disso seria falarmos em FD

cristã, como já vimos fazê-lo Mussalim (2006, p. 119). No entanto, em rigor, o cristianismo é uma FI, já que comporta diversos discursos:

[...] as formações ideológicas [...] ‘comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura’, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166-167).

Fica patente, nessa citação, que a FD com a qual um indivíduo se identifica irá determinar seu discurso em relação a diversos temas; a posição social e a conjuntura em que ele se encontra constroem também seu alinhamento discursivo. Esta passagem seguinte só confirma, mais uma vez, o que vimos defendendo sobre a diferença entre FD e FI:

[...] as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes. Tomemos um exemplo: *a formação ideológica religiosa* constitui, no modo de produção feudal, a forma da *ideologia dominante*; ela realiza “a interpelação dos indivíduos em sujeitos” através do Aparelho Ideológico do Estado religioso “especializado” nas relações de Deus com os homens, sujeitos de Deus, na forma específica das cerimônias [...] que, sob a figura da religião, intervêm, em realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica, portanto no próprio interior das relações de produção feudais. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167, grifo dos autores).

Pêcheux e Fuchs (1997) ainda acrescentam que muitas das FDs de uma FI, mesmo aquelas de uma ideologia religiosa, integram outras FIs, novas ou já existentes, as quais estão sujeitas à lei de desigualdade-contradição-subordinação entre suas FDs.

3.4 As formações imaginárias

Em geral, os historiadores da literatura costumam retratar os autores, e também os estilos literários, de modo homogêneo. A poesia de anteguarda de Manuel Bandeira não será exemplificada com poemas como *A Camões*, um soneto italiano. Entendemos que, às vezes, isso possa ocorrer por razões didáticas; noutras situações, por necessidades práticas, como em concursos públicos (exames vestibulares), visto que é preciso evitar todo tipo de contradição, a fim de que as pessoas possam seguir alguma linha de pensamento fixa. Sendo assim, fabricam-se estereótipos para os leitores iniciantes, os quais podem ser questionados com uma releitura das obras. Pêcheux (1997, p. 82, grifo do autor) define deste modo o conceito de Flms:

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um *a si e ao outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações).

A imagem que temos de JC é a de um poeta muito ligado à razão e à objetividade. A essa projeção que fazemos de outra pessoa, Pêcheux (1997, p. 83) chama de $I^{B^{(A)}}$. Onde I é a imagem; B são os interlocutores do poeta; $^{(A)}$ é a representação do poeta. Em outras palavras: “Quem é ele para me falar assim?”. As Flms estão em todos os processos discursivos. Elas causam uma espécie de antecipação no leitor, além de já direcionar a interpretação do sentido, devido à posição discursiva do emissor [sic]. Essas Flms estão sempre atravessadas pelo já dito, pelo interdiscurso. Para a imagem que o emissor faz de si próprio, Pêcheux utiliza o símbolo $I^{A^{(A)}}$, ou “Quem sou eu para lhe falar assim?”.

4. Análise do discurso de duas partes de *MVS*

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Marias,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mais isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
[...]

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias[...]
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra. [...]

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga.
É difícil defender,

só com palavras a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(NETO, 1984, p. 70-72, 112.)

Nesse excerto, notamos um interdiscurso pouco óbvio: a impossibilidade de a palavra dizer, nomear, o qual irá alinhar o discurso cabralino com o discurso dos sofistas, *maxime*, Górgias: “[...] nada existe: em segundo lugar, mesmo que exista alguma coisa, o homem não a pode apreender; em terceiro lugar, *mesmo que ela possa ser apreendida, não poderá ser formulada nem explicada*

aos outros” (REBOUL, 2004, p. 6, grifo nosso). Esse interdiscurso não aparece apenas no início da história, mas será retomado no final, o qual também se transcreveu acima, quando Seu José responde ao questionamento de Severino. Se a palavra pudesse formular e explicar o real, ela conseguiria definir Severino, o qual não é plenamente acessível por meio dela. Podemos pensar que isso ocorre por questões sociais, por Severino ser um miserável; no entanto, no final da diegese, a palavra será novamente insuficiente para solucionar a dúvida filosófica de Severino. Sobre sua identidade, ele resolve o problema com algo como *eu sou este aqui que você vê*, nas palavras da personagem: “passo a ser o Severino/ que em vossa presença emigra”. Isto é, a palavra é impotente, mas os sentidos, a visão, a experiência (empírica) não.

Entretanto, JC não teria o direito de defender o discurso que bem entendesse em sua obra? O ponto é que a imagem que se fabricou dele, ¹B ^(A), e que ele próprio procurava reforçar em conversas e em entrevistas, ¹A ^(A), não se firma quando se analisa o discurso de seu poema mais célebre. Isso é assaz singular, e há aí uma agravante, porquanto quando se desconsidera quase todo o trabalho de um artista para se idealizar uma imagem dele, não se faz isso desprezando a composição que lhe deu maior visibilidade.

Não ignoramos, certamente, que, em muitos casos, não se pode confundir o discurso das personagens com o discurso do autor. No entanto, no caso de *MVS*, não há exatamente o discurso de uma personagem, mas discursos que emergem da obra como um todo, pois, se tomarmos o final da obra como exemplo, veremos que não é Seu José Mestre Carpina quem responde à pergunta de Severino, questionamento, aliás, de ordem filosófica¹⁹; porém, a vida é quem dá a resposta: “[...] mas se responder não pude/ à pergunta que fazia,/

¹⁹ A fala de Seu José Mestre Carpina transcrita, neste artigo, é uma resposta à dúvida de Severino, que parafraseamos assim: *não seria mais vantajoso suicidar-se que continuar vivendo uma vida miserável?*

ela, a vida, a respondeu/ com sua presença viva”. Por um lado, temos aí uma objetividade. Não é o discurso de ninguém, mas são os fatos que se nos apresentam. O estranho aí é que tal “objetividade”²⁰ revela-se para negar a razão, a possibilidade de pensarmos racionalmente uma verdade, de a traduzirmos mediante palavras, visto que, um pouco antes dos versos citados acima, Seu José Mestre Carpina sustenta que “É difícil defender,/ só com palavras, a vida”. Sendo assim, é preciso algo irracional para justificá-la, sobretudo a vida miserável dos severinos. E o argumento final para isso é o nascimento de mais um severino. Essa criança representa a insistência da vida em continuar, não obstante o trabalho constante da morte. Na falha da palavra, ela simboliza a vitória do instinto de sobrevivência sobre a racionalidade indagadora do sentido da existência.

O nascimento desse severinozinho, perto do fim do drama mantém uma clara relação interdiscursiva com o nascimento (natal)²¹ do menino Jesus, também representante da esperança para os cristãos. Seu pai tem o mesmo nome do pai de Jesus, José, e a criança também recebe presentes ao nascer e há profecias acerca de seu futuro. Demais, o próprio subtítulo da peça já indica essa relação interdiscursiva do poema com o evangelho (boa nova): *auto de natal pernambucano*, filiando o discurso cabralino a uma FI religiosa e ampliando o afastamento de uma FD racionalista.

Os elementos formais de *MVS*, notadamente aqueles ligados à versificação, também confirmam o que visualizamos de nossa posição discursiva. O poeta utiliza um metro relacionado com a

20 A “objetividade” pode ser facilmente refutada, desde que não é a vida quem dá a resposta, mas é Seu José quem enxerga, no nascimento do pernambucano, a solução para a indagação filosófica de Severino, retirante. De qualquer modo, já seria o discurso de outra personagem.

21 Os autos de natal medievais eram dramas em que se narrava o nascimento de Jesus Cristo. O subtítulo *auto de natal pernambucano* significa que, dessa vez, quem nasce não é Jesus, mas um pernambucano. Além do subtítulo, outros elementos, alguns dos quais apresentamos neste artigo, tornam patente o interdiscurso cristão.

poesia popular, a redondilha. Lembremos que esses versos de cinco ou sete sílabas poéticas eram utilizados na poesia medieval e foram considerados medida velha no classicismo, no qual se adotou a medida nova ou decassílabo. E é mais fácil relacionar o povo a instinto ou a senso comum que a razão ou a intelecto. Além disso, o auto é uma forma medieval de teatro. A imagem que se tem da Idade Média é exatamente a de período de trevas, ou de muita religiosidade, o que a desvincula da época das luzes, o iluminismo. Razão, nesse período, foi sinônimo de luz, não de escuridão. Quanto mais aspectos se investigam, mais se encontram FDs irracionistas.

5. Considerações finais

É com a negação da exatidão das palavras ou revelando-nos sua ineficiência em traduzir uma realidade objetiva que JC abre e fecha *MVS*. A relação desse poeta com a irracionalidade e com o inconsciente não pertence apenas a sua fase inicial, mas reaparece em seu auto, texto de uma época em que, supostamente, já superara o surrealismo e seus pressupostos na sua poesia.

Existem tentativas, talvez por questões didáticas ou por uma necessidade das pessoas por homogeneidade, de criar uma imagem de JC que não reflete toda sua produção poética e formação como poeta, já que teve, por exemplo, influência de Murilo Mendes e de Carlos Drummond de Andrade. Diferentemente de Massaud Moisés, percebemos que não há uma coerência discursiva (“processo rigoroso de pensamento ‘científico’”). Ela só seria possível se considerássemos apenas parte de seus poemas e excluíssemos o mais famoso deles.

O próprio JC, pessoalmente, foi um desses que se esforçaram para reforçar sua imagem de poeta da razão. Ele tentava construir uma imagem de si a partir de seus textos que não corresponde aos discursos presentes neles, notadamente naquele mais célebre. JC, inclusive, chegou a desprezar *MVS*, ao afirmar que, embora não fosse

de todo ruim, não chegou a marcar a literatura brasileira; uma espécie de pós-consciência dos efeitos de sentido que essa peça poderia projetar sobre a imagem a que ele aspirava para si.

O poeta sempre foi interpelado por FDs contrárias. Essa tendência a opostos, que já se mostrara em sua obra inicial, havia sido relativamente superada em *O Engenheiro*, obra que lhe rendeu a imagem de Poeta da Razão. Curiosamente, *MVS* é um retorno ao irracional, quando deveria ser a manutenção da busca pelo racional, em virtude da época em que foi escrita. Fica patente que a trajetória de JC reside, efetivamente, nessa antinomia discursiva.

Seja como for, sustentamos que JC foi malsucedido em manter as Flms que arrogou para si. Nossa tese fica mais evidente quando nos deparamos com um discurso alinhado com o pensamento de Górgias em *do Não-ser, ou da Natureza*, o qual negava ou relativizava a ideia de verdade, postura nada racional ou objetiva. Além disso, a relação interdiscursiva com o texto bíblico só reforça nosso argumento em prol de uma obra que nega à razão a possibilidade de oferecer-nos qualquer tipo de resposta, pois, como se sabe, o homem religioso não deposita sua esperança, nem busca explicações para os acontecimentos na razão. JC, portanto, apesar de não estar mais numa fase surrealista quando publica *MVS*, também não poderia ser estimado como poeta da razão.

O golpe final dado na razão, em *MVS*, ocorre na relação sugerida entre razão e suicídio, a razão como algo nocivo que enfraquece a vida por estimular a reflexão. É o instinto, algo inconsciente, que nos dá força para viver. Jean-Jacques Rousseau afirmou que refletir só faz o homem depravar-se, corromper-se, desnaturar-se cada vez mais. Notemos como esse discurso opõe-se ao pensamento socrático-platônico, que pretende atingir a essência das coisas por meio da reflexão, mas se assemelha à ideia de que a vantagem da fé é que ela não deixa espaços para dúvidas e discussões.

| Referências

Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto. **SIBILA. Revista de poesia e cultura**, São Paulo, ano 9, n. 13, ago. 2009. Disponível em: http://sibila.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/04/Joao_cabral_revista.pdf. Acesso em: 20 mai. 2014.

GAMA-KHALIL, M. M. Veredas possíveis dos estudos discursivos sobre a literatura: as vozes de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin nos campos da AD e da teoria literária. *In*: FERNANDES, C. A.; GAMA-KHALIL, M. M.; JUNIOR, J. A. A. (org.). **Análise do discurso na literatura**: rios turvos de margens indefinidas. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 272-297.

MOISÉS, M. **A literatura brasileira através dos textos**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1988. p. 484-489.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 101-142. 2 v.

NETO, J. C. M. **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984. p. 69-112.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de discurso**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 93-105.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 201-320. (Os Pensadores, 6).

ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DE ESCOLAS DE IDIOMAS NA CIDADE DE MANAUS E O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Claudia Patricia Cadena Montoya

| Introdução

A arte de refletir nos entremeios, como descreve Orlandi na tradução de um dos livros do Pêcheux, marca a justificativa pessoal para o desenvolvimento do presente trabalho. A AD é um assunto que em particular me fascina; apesar de alguns textos serem tão complexos nas primeiras leituras, considero cativante a arte de analisar os discursos que reclamam sentidos, sejam eles discursos políticos, religiosos, publicitários. Uma fala, uma imagem, me desperta ânsia de discutir sobre o poder que tem a mídia, por exemplo, e sua capacidade de influenciar as massas. São temas que merecem bastante debate à luz da Análise de Discurso.

No caso deste artigo, explorei o fato de ter trabalhado durante mais de 10 anos como professora de diferentes escolas de Inglês em Manaus e ter percebido particularidades nas propagandas veiculadas por elas na internet; os direcionamentos que apontam em relação ao serviço que oferecem e ao mesmo tempo a falta de algumas informações que considero relevantes como sujeito-professora, mas que se encontram omitidas. Porém, podem ser tema de um aprofundamento futuro desse trabalho, como por exemplo, o impacto desde a perspectiva do sujeito-professor.

Dessa maneira, os objetivos deste trabalho foram, primeiramente, identificar os efeitos de sentido provocados pelas propagandas de algumas escolas de idiomas na cidade de Manaus. Dito de outra maneira, perceber quais são os sentidos que as propagandas exprimem. E, por outro lado, determinar a relação desses efeitos de sentido com o ensino e aprendizagem da língua Inglesa.

| Referencial teórico

Questões de Discurso

A linguagem tem sido alvo de discussões pelos estudiosos e cientistas por muito tempo. Cada vez mais, eles têm proporcionado reflexões a respeito de como ela é vista no processo de comunicação. Desde Saussure, considerando-a como sinônimo de código, até Orlandi, afirmando que, além de código, a linguagem é discurso (MONTEIRO *et al.*, 2006).

Conforme é definido por Orlandi (2001), o discurso é palavra em movimento: observa-se o homem falando. Expresso por meio de outras palavras, procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico. A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. A Análise do Discurso, portanto, visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos e como eles estão investidos de significância para e por sujeitos.

A presença de sujeitos relembra a língua como um fato social, não dependendo apenas de sua materialidade para funcionar, mas também de outros fatores imbricados no processo discursivo, estabelecendo um sentido. Nessa perspectiva, é relevante considerar o sujeito constituído historicamente, o qual enuncia de uma determinada posição, e é afetado pelo inconsciente e pela ideologia (BRANDÃO, 2004).

É necessário apontar que, para se compreenderem os sentidos produzidos pelos objetos simbólicos, a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, mas trabalha seus limites, seus mecanismos como parte dos processos de significação. Não se procura um sentido verdadeiro através de uma “chave de interpretação”, pois não há esta chave. Há, por outro lado, método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem (ORLANDI, 2001).

Diante desses gestos, o analista de Discurso tenta seguir os vestígios para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a sua exterioridade, suas condições de produção. Essa compreensão, por sua vez, implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido (ORLANDI, 2001).

A Interdiscursividade

A discussão sobre interdiscurso se faz relevante nesta pesquisa porque, se por um lado não há discurso sem ideologia, por outro, não há discurso que não tenha e/ou não apresente a inscrição de outros (ORLANDI, 2001). Para a autora, a memória é tratada como interdiscurso, definido como aquilo falado antes, em outro lugar. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. Disso se deduz a existência de uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo, entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição e sua formulação. O interdiscurso (historicidade) é um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos. E teríamos o eixo horizontal - o intradiscurso - que seria o eixo da formulação, isto é,

aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, 2001).

Brandão (2004) ressalta ainda que essa forma de abordar o discurso vai afetar um conceito nuclear da Análise do Discurso, a saber, o de Formação Discursiva (FD). Esta é definida por Orlandi (2001) como aquilo que, numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada –, determina o que pode e deve ser dito.

Na Formação Discursiva deve-se reconhecer a coexistência de várias linguagens em uma única, e não ao contrário, como pensavam inadequadamente alguns, isto é, a existência de uma linguagem única para todos. A noção de Formação Discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia, e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. Assim, uma FD não deve ser entendida como um bloco compacto e coeso que se opõe a outras FDs. Ao invés disso, devemos perceber que uma FD é heterogênea a ela própria e o seu fechamento é bastante instável, não havendo um limite rigoroso. É assim que se pode afirmar que uma FD é atravessada por várias outras e, conseqüentemente, que toda FD é definida a partir de seu interdiscurso (ORLANDI, 2001).

Tendo, então, revisado o conceito da interdiscursividade, e também visando o objetivo principal deste trabalho que é compreender os dizeres das propagandas de cursos de idiomas, passemos a outros conceitos relacionados ao sujeito na Análise de Discurso e aos fundamentos dos estudos sobre a mídia e sua relação com o ensino e a aprendizagem da língua Inglesa.

Noções de sujeito

No caso específico da presente pesquisa, existem dois tipos de sujeito: o aprendiz brasileiro de Língua Inglesa na cidade de Manaus, que passarei a chamar sujeito-aluno, e o sujeito-enunciador, correspondendo às personagens das propagandas. Para entender a concepção de sujeito adotada pela Análise de Discurso, cito Orlandi (2001), cujos escritos contribuem para essa construção.

O sujeito, segundo Orlandi (2001), é uma categoria do Discurso, na qual estão imbricadas as concepções de inconsciente, linguagem e ideologia. A autora assegura que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado enquanto sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, a característica comum dos sujeitos é dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, entendendo-se subjetivas como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como nas quais se constitui o sujeito.

Cabe também salientar que a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário de um sobre o outro. A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, é preciso que a língua, como sistema sujeito a falhas, se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade (ORLANDI, 2001).

O sentido é, assim, uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação

da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua (ORLANDI, 2001).

Propagandas de escola: constituindo sujeitos

As autoras Oliveira e Batista (2013) apresentam em seu trabalho falas de alunos de três grandes centros de idiomas do Brasil, os quais reconhecem a importância de estudar a Língua Inglesa, considerando o mercado de trabalho. Nesta perspectiva funcionalista comumente disseminada entre os estudantes, o inglês é considerado um instrumento e, assim, uma língua neutra, sem ideologias e políticas que regem seus discursos. As autoras consideram que os alunos veem a Língua Inglesa como natural e vantajosa, sendo que a naturalidade é resultado da globalização, pois a Língua Inglesa é considerada um idioma universal.

A mídia, segundo Oliveira e Batista (2013), tem o papel de construir o discurso da necessidade de se aprender a Língua Inglesa, uma vez que este consumo de novas competências facilita a entrada no mercado de trabalho. Portanto, a propaganda e a mídia fortalecem, a cada dia, esse discurso da necessidade e da empregabilidade. Ao mesmo tempo, elas demonstram que essas propagandas veiculam o idioma enquanto mercadoria não adquirida nas escolas públicas ou privadas, fortalecendo o discurso das escolas de idiomas e materializando a ideologia que atesta a importância da aprendizagem da língua.

As autoras postulam que, para a Análise do Discurso, a linguagem está materializada na ideologia e a ideologia se manifesta na língua, de forma a produzirmos sentidos e constituirmo-nos enquanto sujeitos. Apontam, então, que a mídia alimenta o imaginário construído em torno da impossibilidade de aprendizagem de Língua

Inglesa em escolas públicas, principalmente no intuito de fortalecer a necessidade de frequentar um curso de idiomas, a fim de que o sujeito garanta a sua futura empregabilidade.

É oportuno lembrar que outro aspecto que se destaca dentro dessas propagandas de escolas analisadas pelas autoras é o fato de que somente a competência oral é anunciada, ou seja, para essas propagandas e para os institutos, através de seus métodos, saber/aprender Inglês é saber/aprender a falar a língua, sem erros, alcançando um padrão de falantes nativos.

Para o presente trabalho, este encadeamento teórico tem bastante relevância, pois apresenta uma análise prévia feita em outras instituições de ensino de Inglês e, com certeza, servirá de base para a discussão que será desenvolvida neste trabalho.

Metodologia

Na AD, a teoria e a metodologia trabalham juntas, isso quer dizer que não se parte de uma proposta teórica específica e única para estender-se em análises. Para Orlandi (2009), a AD se alicerça num espaço de intercessão de epistemologias distintas, como a Psicanálise, o Materialismo Histórico e a Linguística; dito de outra maneira, ela articula essas três áreas do conhecimento utilizando as suas contribuições respectivas: a noção de inconsciente, a teoria da ideologia e a noção de fala. Ao mesmo tempo em que a AD lança mão de elementos constitutivos dos delineamentos teóricos que embasam as análises, estará construindo os dispositivos metodológicos. Trata-se do objeto da pesquisa (*corpus*) e os efeitos de sentido trabalhando juntos, não podendo separá-los. O analista descreve e analisa, simultaneamente.

Partindo então desses princípios e de que a AD trabalha com o sentido, entende-se que o objetivo do analista não é descobrir o novo, mas fazer novas interpretações ou re-leituras, sem intenção

de dizer o que é certo, fazendo-o da seguinte maneira, de acordo com Souza (2014, p. 13):

Ao analista de discurso cabe, por meio das marcas textuais que são as entradas no discurso pela língua, identificar os textos que ficaram de fora (objeto discursivo), evidenciar o que esses textos ausentes significam (processo discursivo), quais as propriedades do discurso e a que formação discursiva pertencem (FD) e, por fim, qual é a formação ideológica que lhe dá sustentação (FI).

A metodologia de análise na AD não se reduz a uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, procurando verificar o que o texto diz do início ao fim, ao invés disso, se faz uma observação em profundidade, que é permitida pela descrição e ao mesmo tempo a interpretação, examinando posições-sujeito manifestadas, imagens e lugares estabelecidos a partir das materialidades. O que se procura é realizar uma “exaustividade vertical” como dispositivo analítico (ORLANDI, 2009, p. 62), considerando os objetivos da pesquisa que podem incluir os efeitos de memória, da história, as ideologias, as heterogeneidades, os não ditos e/ou os já ditos, ou seja, o objeto é estudado na sua profundidade e na sua totalidade.

No que diz respeito à seleção do *corpus*, foram selecionadas imagens a partir de propagandas veiculadas pela internet entre os anos 2011 e 2018 de duas escolas de idiomas na cidade de Manaus. Utilizei para a análise a proposta metodológica de Souza (2014) que propõe 3 perguntas heurísticas para a análise: 1) Após a leitura flutuante, qual é o conceito-análise que é abordado? 2) Como o texto constrói o sentido desse conceito-análise via textualização e suas marcas? Logo após evidenciar os FDs que ficam de fora, se tenta responder à pergunta: 3) Qual é a relação do sentido construído com formações discursivas e ideológicas?

| Resultados alcançados

O *corpus* 1 está composto por quatro imagens, uma personagem diferente em cada uma delas. É comum em cada uma as palavras em Inglês que traduzem: tolerância, coexistência, respeito e igualdade. Após uma leitura flutuante, observou-se que o conceito-análise 'aprender Inglês' é abordado em todas as imagens do *corpus*. O segundo questionamento foi: como o texto constrói o conceito de 'aprender Inglês', ou seja, se busca entender o que é 'aprender Inglês' para o texto.



Figura 1 – Propaganda da escola de Inglês N. 1, veiculada pela internet

Fonte: Página da escola no Facebook²²

Ao afastar-se da superfície linguística e para revelar objeto discursivo, ou seja, as outras possibilidades de dizer, é possível encontrar vários elementos não verbais. Na imagem que contém a palavra 'Tolerância', apresenta-se uma mulher tatuada postando sua foto e exibindo sua tatuagem do braço numa rede social. O significado destes elementos pode estar relacionando as redes sociais com a expressão de liberdade de escolha, como um meio de autoafirmação juvenil.

A partir do momento em que se posta uma foto de uma mulher tatuada, até o pescoço, tatuagens a propósito que podem ser feitas

22 Disponível em: <http://bit.ly/2IYCu3w>.

tanto por homens quanto por mulheres, a pessoa deseja atrair atenção, receber um reconhecimento e finalmente aprovação social. Ao fazer uso da paráfrase, chegamos a possibilidades como 'mostrar ao mundo, publicamente, o que você é e o que você gosta', 'aceitar o pensamento alheio', o que nos leva a perceber o Discurso da Sociabilidade.

No caso da imagem com a palavra 'Respeito', observa-se um punho fechado, o qual tem sido relacionado a vários significados no decorrer da história, como a luta pela vida ou pela liberdade; é também o gesto que aparece nas revoluções, nas agitações populares ao redor do mundo, em mobilizações de classes trabalhadoras, no movimento feminista e no movimento negro.

Se considerássemos então a combinação dessas duas imagens, a figura de uma pessoa negra e o punho fechado levantado, temos que o mais provável se refira ao símbolo da resistência, representando o gesto fortemente identificado no período da saudação Black Power, usada pelo partido dos Panteras Negras nos Estados Unidos na década de 60. Finalmente, utilizando a paráfrase, chegamos a possibilidades como 'aprenda Inglês com quem rejeita o racismo', 'aprenda Inglês com quem resiste à exclusão'. Temos então que a Formação ideológica que lhe da sustentação é o Discurso Antirracista.

Na imagem que contém a palavra 'Coexistência', apresentam-se formas geométricas, como uma pirâmide e um olho, os quais representam a Geometria Sagrada e o reconhecimento nas formas de uma harmonia e unidade em si. Ao mesmo tempo, observa-se o uso do acessório *Hijab*, o qual historicamente é determinado para ser utilizado por meninas da religião Islâmica a partir dos 9 anos de idade, quando começam a entrar na puberdade e pretendem expressar assim a preservação da pureza. Por outro lado, as mudanças no corpo, pintar o cabelo ou usar outros acessórios como o *piercing*, é uma conduta que pode ser praticada em algumas culturas por prazer,

ou inclusive podem ser consideradas costumes milenares. Porém, na religião islâmica, esses tipos de modificações estão proibidas.

O contraste do tradicional do *Hijab* e da expressão livre do corpo pode estar sendo trabalhado como: 'Pensar como você é: Entender que no discurso religioso pode existir reinterpretação doutrinária'. 'Pensar como você', fazendo uso da paráfrase, nos leva a possibilidades como 'entender a diversidade de pensamento, aceitar reinterpretações da doutrina religiosa', que nos desloca ao Discurso Crítico-Religioso.

Finalizando a análise do *corpus 1*, na última imagem apresenta-se uma jovem jogadora de futebol, uma medalha de primeiro lugar em nome do valor da mulher desportista na atualidade e a questão das mulheres e suas oportunidades, especificamente falando do seu destaque no mundo do esporte. Pode estar sendo relacionado com a reivindicação da igualdade de pagamento que vem sendo demandada pelo gênero feminino desde a década de 70, fazendo uso de contestações políticas e sociais. Ao fazer uso da paráfrase, chegamos a possibilidades como 'reivindicar a igualdade de direitos e de participação na sociedade', 'recompensas justas independentemente do gênero', o que nos leva a perceber o Discurso Feminista.

O *corpus 2* está composto só por uma imagem, com elementos verbais e não verbais presentes. Após a leitura flutuante, escolhi o conceito-análise "falar Inglês", para logo em seguida observar como o texto constrói essa ideia, ou seja, o que significa falar Inglês para o texto.



Figura 2 – Propaganda da escola de Inglês N. 2, veiculada pela internet

Fonte: Página da escola no Facebook²³

As marcas textuais que apresentam o *corpus* são as seguintes: cenário do filme *Duro de matar*, a frase 'Escola x apresenta Bruce Willis em...', a pergunta 'Você se garante ou a língua derruba você?'. É possível também observar o ator americano Bruce Willis, o qual também é o protagonista da franquia de filmes que leva esse nome. E, por último, tem pessoas sendo esmagadas pelo enunciado.

Ao tentar entender as possibilidades de discurso e, utilizando a paráfrase no enunciado 'Você se garante', teríamos o seguinte: 'Você consegue se comunicar? Você sabe se defender na língua Inglesa?'. E no enunciado 'A língua derruba você?', pode ser trabalhado como: 'Você fracassa na comunicação?'. A marca da presença do falante nativo de língua Inglesa expressa o saber e o poder. Por um lado, é perceptível a construção da aprendizagem de Língua Inglesa como um processo obrigatório e tenso, devido à pressão exercida pela necessidade de adquirir fluência, sob pena de fracasso na comunicação. Dito de outro modo, se um aprendiz não consegue se defender ou não tem segurança durante uma oportunidade de interação na língua alvo, ele será vencido, derrotado, construindo assim uma verdade que leva à deslegitimação completa do indivíduo.

²³ Disponível em: <https://bit.ly/2wtIHRH>

Sob outra perspectiva, a imagem associa à presença do ator famoso um efeito de verdade em relação à aprendizagem da língua Inglesa, especificamente o fato de que falar como um nativo é sinônimo de poder. O sujeito-enunciador permite que a nacionalidade que representa essa personagem revele sua posição superior, expondo àquele que não tem pronúncia “correta”. Assim, as verdades construídas no interior dessa materialidade, ao tratar sobre as relações do sujeito-aluno com a Língua Inglesa, indicam que ele deve e precisa falar muito bem, dentro dos parâmetros de semelhança aos nativos.

| Conclusão

Nas propagandas analisadas neste estudo, verificamos então efeitos de sentido e produção de verdades em relação aos sujeitos aprendizes e à aprendizagem de Língua Inglesa. Foi evidenciado que a publicidade permite, através de imagens e discursos, a circulação de comportamentos identitários, relacionados a estilos de vida.

No caso das 4 imagens do *corpus 1*, foram identificadas 4 formações ideológicas diferentes: o discurso do antirracismo, crítico religioso, sociabilidade e feminismo. Porém, é possível perceber que essas mesmas quatro formações ideológicas estão clamando por um conceito ideológico que as reúna, sendo esse conceito o multiculturalismo e o relativismo.

O autor Bhikhu Parekh, na sua obra *Repensando o multiculturalismo* (2009), afirma que “Nenhuma cultura tem o monopólio sobre a sabedoria; nenhuma cultura incorpora todos os grandes valores e, por isso, todas têm muito que aprender umas com as outras através do diálogo – multiculturalismo interativo”. Para o autor, por outro lado, o relativismo não está aberto a uma discussão sensata e racional, em relação ao questionamento dos valores da sociedade. A pergunta em que caberia mais discussão neste ponto seria: até que ponto a ideologia que a propaganda do *corpus 1* interpela é a ideologia do Relativismo ou do Pluralismo?

Em relação ao *Corpus 2*, é possível correlacionar o processo de aprendizagem aos efeitos de sentido. Ao colocar a aprendizagem de Inglês como um processo difícil, tenso, coloca-se também o aprendiz brasileiro numa posição de desqualificação frente ao falante nativo de língua inglesa. Os não-ditos que permeiam esses discursos certamente evidenciam que a língua não é tão fácil assim de ser aprendida, gerando algo que a maioria das pessoas tem em relação ao inglês: fobia.

A aprendizagem não está sendo vista como um processo, mas sim como um produto final. Como diz o autor Bauman no seu livro *Vida para consumo* (2008), o sujeito aluno que está sendo interpelado no *corpus 2* está sendo “estimulado ou forçado a promover uma mercadoria desejável”. É desejável e necessário que se fale inglês provavelmente como um nativo. Está sendo encorajado a vender-se a si mesmo. Pelo fato de as pessoas se colocarem no espaço social conhecido como mercado, neste caso o mercado de trabalho, eles são ao mesmo tempo promotores de mercadoria e mercadorias que promovem.

| Considerações finais

Por meio das análises feitas neste trabalho, foi possível perceber que nenhuma das duas propagandas faz referência ao processo de ensino, ou seja, metodologia utilizada por parte dos professores, sendo então escolas com materialidades chamativas sobre o espaço certo para aprender.

Desconsidera-se com isso o passo a passo e os desafios que um aprendiz enfrentaria nos seus estudos. Portanto, é provável então que o sujeito-aluno esteja escolhendo onde quer estudar, não pelo que a propaganda oferece em termos de afinidade com a metodologia, mas sim com aquela que visualmente lhe proporciona empatia ou lhe impacta mesmo que negativamente.

| Referências

BATISTA, J. P.; OLIVEIRA, L. Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e os discursos midiáticos. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 2, p. 274-291, ago./dez. 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/277/227>. Acesso em: 28 set. 2019.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, S. *et al.* A análise do discurso e questões sobre a linguagem. **Revista X**, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, v. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: revistas.ufpr.br/revistax/article/viewFile/5424/5222. Acesso em: 28 set. 2019.

OLIVEIRA, L. M. de; BATISTA, J. P. Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e os discursos Midiáticos. **Revista Linguística do Departamento de Letras Vernáculas**, v. 2, n. 2, p. 274-291, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/394iB5m>. Acesso em: 28 set. 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**. Formulação e circulação de sentidos. Campinas, Pontes, 2001.

PAREKH, B. **Repensando o multiculturalismo**. 2009.

SOUZA, S. A. F. de. **Análise de discurso:** procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

STANGROOM, J. **O que pensam os filósofos atuais?** Jeremy Stangroom e Julian Baggini. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Rosari, 2009.

A SÉTIMA DOR DE MARIA: RESSENTIMENTO CAMUFLADO E A ESPETACULARIZAÇÃO MIDIÁTICA EM TORNO DO PERDÃO

Fernando Ferreira da Silva Ananias

| Introdução

É notório que os atos de perdão e os gestos de ressentimento despertam reações antagônicas perante a opinião pública. Ao ressentido, quando se apresenta explícito e convicto, ordena-se que se anule e reprima o que tem a dizer; à pessoa que perdoa, por outro lado, reservam-se predicados nobres e o *status* de modelo a ser seguido. A mídia, como Aparelho Ideológico do Estado, se apropria da percepção em relação a esses afetos, retomando e perpetuando a visão que se tem acerca deles, manipulando nossa percepção sobre nós mesmos enquanto nação. Em veículos jornalísticos brasileiros, trata-se de uma prática recorrente noticiar uma tragédia explorando a dor das vítimas e/ou seus familiares. É comum que se dirija à pessoa, sem que haja tempo para digerir a notícia e viver seu luto, a seguinte interrogação: “*você perdoaria o assassino?*”. É a partir da observação dessa prática que este artigo se inicia. É nesse sentido que este artigo deseja, em seu cerne, refletir sobre as caricaturas, estereótipos e expectativas que forjaram o povo brasileiro cordial; para tanto, esta pesquisa incide seu recorte sobre as mães que, depois de terem seus filhos assassinados, são interpeladas com a referida abordagem. É fundamental ressaltar que, nesses eventos, a pergunta – “*você perdoa?*” – é seguida, quase inevitavelmente, de

uma resposta positiva. O jornalista, por sua vez, descreve a resposta da mãe como uma atitude heroica, enaltecendo os benefícios do perdão e as qualidades de quem perdoa. Assim, observa-se que este processo discursivo se inscreve no fio da história, resgatando, sem desvios, o interminável quadro em que o povo brasileiro está eternamente pintado como solar e acolhedor, independente das condições às quais seja submetido. Paralelamente, estes mesmos veículos, e em específico os programas policiais, não abrem mão do ideário punitivista, engajando seus telespectadores a alimentarem o sentimento de que o país sofre uma impunidade generalizada que só pode ser aplacada pela punição desmedida e pelo fortalecimento do sistema carcerário. Os apresentadores de tais programas, com postura contundente e voz exaltada, celebram energicamente o encarceramento em massa, fazendo seu público crer que o Brasil se divide entre criminosos e *homens de bem*. Orientado pelos discursos destes programas, o público entende que os criminosos devem ser castigados e os *homens de bem*, ainda que favoráveis à punição, devem ter a nobreza de perdoar. Manipulando esses afetos e as percepções diante deles, a mídia orchestra a espetacularização da violência juntamente à espetacularização dos atos de perdão, beneficiando-se de todos os ângulos inerentes aos eventos trágicos. Face a estes apontamentos, o presente artigo tem seu ponto de partida.

2. Problema de pesquisa

Considerando o papel da mídia na produção destes discursos, o objetivo deste trabalho é conflitar o imaginário que se faz do povo brasileiro e do Sujeito-Mãe para subsidiar a análise de entrevistas em que as mães declaram perdão aos assassinos de seus filhos; o intuito é questionar/identificar/compreender o ressentimento (camuflado) presente nesses dizeres. Não se trata de categorizar esses indivíduos como ressentidos ou compassivos, mas sondar o funcionamento do ressentimento nos (não) ditos operando em seus

discursos; desse modo, analisaremos como os discursos dessas mães nos oferecem acesso, também, a um retrato da construção de identidade do povo brasileiro. Em maior escala, o problema de pesquisa aqui trabalhado se assenta na historicidade: debruçando-se sobre as marcas da colonização na identidade brasileira e sobre o papel das referências bíblicas na construção do perdão materno como atributo compulsório e incontornável à toda mãe.

3. Metodologia

A fim de estudar o ressentimento por um viés social/coletivo (e não como um afeto individual), este artigo elege como *corpus* quatro materiais midiáticos²⁴, três reportagens audiovisuais em que as mães entrevistadas perdoam o assassino de seus filhos e um relato em primeira pessoa em que uma mãe discorre – mais longamente – sobre a sua vivência com o luto e o perdão. Justifica-se este recorte (mães) não apenas por um motivo quantitativo (encontra-se em maior número materiais em que mães protagonizam tal situação) mas também por conta do imaginário em relação à figura materna acrescentar à análise outra linha de reflexão. No que tange ao método, este trabalho está fundamentado pelo dispositivo de interpretação da análise de discurso de linha francesa, sendo assim, não lidaremos com os sujeitos “que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 1999, p. 38). É a partir dessas projeções, de acordo com Orlandi, que partiremos dos sujeitos em seus lugares empíricos para a posição que ocupam no discurso. Em suma, a metodologia deste trabalho consiste em analisar como esses discursos se inscrevem na sociedade e na história, considerando os preceitos da AD pecheuxtiana de que “todo enunciado é intrinsecamente

24 Esses materiais foram retirados dos seguintes *links*:

(Corpus 1): <http://bit.ly/2wl8Brl>; (Corpus 2): <http://bit.ly/2w8caRJ>; (Corpus 3): <https://glo.bo/3a0N9WZ>; (Corpus 4): <http://bit.ly/2vv5bBQ>. Acesso em: 30 set. 2019.

suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]” (PÊCHEUX, 2015, p. 53).

4. Referencial teórico

No campo teórico, articulamos conceitos da Análise de Discurso a reflexões da Psicanálise. Em relação à AD, recorreremos a duas noções fundamentais – Imaginário Social e Silêncio Constitutivo – para trabalhar os discursos pela perspectiva de que não estão isolados em si mesmos, tendo em vista que estão sempre se movendo numa teia de já-ditos. O Imaginário Social nos leva a aportar os materiais discursivos no fio da história e entender os pressupostos e os implícitos ligados ao imaginário de Mãe; e o Silêncio Constitutivo (ORLANDI, 1999) compreende a noção de que todo dizer cala outro dizer, ou seja, de que todo dizer tem sentidos silenciados. Assim, jogaremos luz sobre processos de apagamento que ocorrem quando a mídia, por exemplo, qualifica as mães que perdoam como boas e nobres (seriam as mães que não perdoam, então, por essa perspectiva, vis e pouco nobres?).

Pela psicanálise, este artigo se apoia nos estudos de Maria Rita Kehl (2005) acerca do ressentimento social, e na leitura de Silvia Lobo sobre o conceito de Winnicot “a mãe suficientemente boa”. Partindo da abordagem de Maria Rita Kehl, consideramos como esse afeto se apresenta no âmbito dos grupos sociais e, particularmente, da nação brasileira (o ressentimento camuflado). Assim sendo, entende-se o ressentimento como “uma constelação de afetos – composta de ira, inveja, amargura, desejos de vingança, queixas melancólicas” (KEHL, 2005, p. 163), que, apesar de repudiado socialmente, é muito bem acolhido quando se manifesta de forma camuflada:

Se o ressentido declarado é malvisto em razão da baixaza de seus sentimentos, o ressentimento camuflado exhibe traços que

se confundem com pureza moral, nobreza de espírito, e com as aflições secretas daqueles que nasceram com uma sensibilidade privilegiada. (KEHL, 2005, p. 163).

A partir dessa noção, a autora disserta também sobre a relação mal resolvida entre o Brasil e sua memória, à luz do imaginário que a colonização e o imperialismo fizeram da nação brasileira – enxergada pelo resto do mundo a partir do retrato de um povo caloroso em eterno carnaval. Desse modo, justifica-se que o ressentimento social no Brasil se expresse de maneira camuflada, considerando as formações imaginárias que nos cercam e a condenação moral diante deste afeto. Kehl (2005) postula, nessa reflexão, que isso estaria conectado a certa ausência de engajamento político vigente em nossa sociedade, uma vez que o ressentimento opera na contramão da movência de sentidos, representando a preservação do *status quo*:

O ressentimento na sociedade brasileira está enraizado em nossa dificuldade em nos reconhecermos como agentes da vida social, sujeitos da nossa história, responsáveis coletivamente pela resolução dos problemas que nos afligem. Suas raízes remontam à tradição paternalista e cordial de mando, que mantém os subordinados em uma relação de dependência filial e servil em relação às autoridades - políticas ou patronais - na expectativa de ver reconhecidos e premiados o bom comportamento e a docilidade de classe. (KEHL, 2005, p. 172).

Assim, para Maria Rita Kehl, o ressentimento é o contrário da ação social e da transformação política. Desse modo, a autora pontua que grupos sociais que reivindicam mudanças de ordem política não seriam expressões desse afeto (como as *Mães da Praça de Maio*, na Argentina, ou as *Mães de Maio*, no Brasil). Portanto, nossa análise não entende, por exemplo, os atos políticos pela preservação da

memória dos crimes da ditadura militar ou pela reparação de um genocídio cometido pelo Estado como expressões do ressentimento. Pelo contrário, o ressentimento, principalmente quando se camufla em discursos de perdão, deseja a manutenção das estruturas, representando o avesso da mobilização social.

As reflexões de Silvia Lobo (2008, p. 1), por sua vez, embasarão nossas reflexões acerca do “modelo de maternidade incondicional” que permeia esses discursos, relacionando-se ao *corpus*, no sentido de compreender as implicações associadas à formação imaginária “Mãe” e de que maneira isso se alinha ao discurso religioso.

5. Reflexões

Neste tópico, já na dimensão da análise, discorreremos nossas reflexões acerca dos recortes dos quatro materiais selecionados, discutindo o funcionamento ideológico em determinados trechos.

No primeiro material (quadro 1), extraído do portal R7 (2013), apresentado com a manchete “Mãe fica cara a cara com o assassino do filho e diz perdoá-lo” (quadro 1), a reportagem nos informa que esse é o segundo encontro dessa mãe com o assassino de seu filho. Sabe-se que o assassino fez outra vítima e, no encontro filmado pelo programa, eles são colocados frente a frente. Além de afirmar perdoá-lo, ela aproveita o momento para aconselhar o sujeito. Destaca-se, em primeiro lugar, que o discurso religioso percorre toda a argumentação, não apenas como justificativa para que o perdão seja concedido, mas também no sentido de convencer o sujeito a partilhar de sua religiosidade. No trecho “*Dá o conforto à mãe dele, Senhor, que deve tá sofrendo tanto quanto eu*”, a mãe do assassino é posicionada como o objeto dos bons votos, traço que se repete nos materiais seguintes, adicionando ao jogo discursivo a noção de que o perdão está atravessado pelo espelhamento entre figuras maternas.

[QUADRO 1]

MÃE FICA CARA A CARA COM O ASSASSINO DO FILHO E DIZ PERDOÁ-LO

“Olhe pra mim, você tá perdoado em nome de Jesus, eu sou uma cristã e eu tô lhe perdoando, vou continuar orando, Alysson, eu nunca vou lhe visitar onde você vai tá porque eu não tenho coragem de ir lá, olhe pra mim, mas eu vou tá orando, e você vai encontrar esse Deus q eu sirvo e você vai seguir ele, viu? Eu não tenho um pingão de ódio de você, Alysson, eu só oro por você todos os dias [...] eu hoje tô triste, Alysson, por você, porque você matou mais um, eu tô triste, olhe pra mim Alysson, você precisa olhar, você não deixou, você não me deu a chance de eu olhar nos olhos do meu filho antes dele morrer porque você matou ele antes de eu vê-lo e você sabe que Daniel era bom, trabalhador, mas eu tô aqui, vou continuar orando por vc. Senhor, acompanha Alysson onde ele estiver, Senhor, não largue dele um minuto, Senhor, toque na alma dele como você tem tocado na minha. Dá o conforto à mãe dele, Senhor, que deve tá sofrendo tanto quanto eu.”

(R7, 2013)

No segundo excerto, uma matéria do *Brasil Urgente* (Band, 2011), a mãe de um jornalista assassinado é entrevistada enquanto fotos do filho são exibidas e ela relata a dor da ausência em sua vida. No exemplo em questão, temos a materialidade discursiva do papel da entrevistadora no jogo de significação, tecendo comentários em voz-over que ajudam a construir a percepção do público em torno dos dizeres da mãe (Quadro 2).

A repórter qualifica o perdão como um ato de bondade descrevendo o filho como “companheiro de todas as horas”, realçando o aspecto trágico dessa perda e ampliando o caráter nobre do ato de perdoar. Há, mais uma vez, a empatia pela figura materna: “eu também acho que a mãe deles também sofre também que nem eu tô sofrendo tendo uns filhos desse jeito”. Ao mesmo tempo, destaca-se a fala da mãe: “Eu não odeio, só quero justiça”. Justiça parece intervir, em um procedimento de silêncio constitutivo, para apagar a ideia de

vingança que uma pergunta sobre perdão evoca. Não há possibilidade, na expressão do ressentimento camuflado, para a afirmação de sentimentos negativos. Verifica-se, também, o discurso cristão atrelado ao perdão para assinalar outro traço nobre: a humildade – “Jesus sofreu tanto por nós e perdoou, *quem sou eu pra não perdoar ninguém, gente? Eu não sou ninguém nessa vida*”.

[QUADRO 2]

MÃE DE JORNALISTA MORTO DIZ QUE PERDOA ASSASSINOS

Repórter: Apesar da dor e da tristeza sem fim, Dona Evani não é capaz de sentir raiva dos criminosos que tiraram a vida de Valter, a bondade da mãe do jornalista, mesmo sem o filho companheiro de todas as horas, tem espaço até para o perdão.

Dona Evani: E pior que eu não tenho ódio no coração pra não perdoar esses caras, *cê acredita? Que eu também acho que a mãe deles também sofre também que nem eu tô sofrendo tendo uns filhos desse jeito. Eu só quero justiça, né. Mas eu não odeio. Não tenho coração pra odiar ninguém, Jesus sofreu tanto por nós e perdoou, quem sou eu pra não perdoar ninguém, gente? Eu não sou ninguém nessa vida. Sou um ser humano que tô aqui de passagem e só...*

[Band,2011]

Alicerçados pelas reflexões de Silvia Lobo (2008), podemos pensar que as prerrogativas da maternidade (abnegação, altruísmo) são impostas sobre essas mulheres em todas as relações que estabelecem. A reportagem, representante da mídia (*Aparelho Ideológico do Estado*), estabelece uma relação de forças com a entrevistada; em um processo que Orlandi (1999) denomina antecipação, o programa/jornal/entrevistador já espera que essas mulheres perdoarão o assassino. A pergunta é realizada na expectativa dessa resposta positiva, a fim de retomar e ratificar a formação imaginária em torno do Sujeito-Mãe. Nesse sentido, ocorre uma espécie de transferência de expectativas. Espera-se que essas mulheres se comportem em

relação aos assassinos de seus filhos com os mesmos sentimentos que devotavam a seus filhos – amor incondicional, abnegação e altruísmo.

Dito de outro modo, a subjetividade feminina será construída como satélite do desejo alheio, conformada pela dependência afetiva, econômica e legal e por um modelo de maternidade incondicional, abnegado e altruísta, como um papel vitalício exercido por toda a vida. Mulheres socializadas como seres-para-outros, um corpo sem Ser. Fundamenta-se, assim, um duplo padrão de moral. (LOBO, 2008, p. 1).

Como terceiro material (quadro 3), analisamos uma reportagem do *Globo Repórter* (2013) que empreende uma defesa aos benefícios do perdão a partir dos depoimentos de pessoas que atestam uma melhora na qualidade de vida depois de perdoarem seus algozes; endossada por opiniões de psicólogos e cientistas sociais, a reportagem se encerra, com a afirmação categórica: *“Para a ciência, perdoar e deixar a vida mais leve é um dos muitos segredos da felicidade”*. Assim, apresenta-se a história de uma comerciante que perdoou o assassino de seu filho e passou a ajudar financeiramente a viúva e seus filhos. Para além da recorrência do procedimento visto no exemplo anterior – o perdão qualificado como ato de nobreza –, destaca-se nos discursos uma disputa em relação aos sentidos de “futuro”. A enunciação do repórter, *“o futuro daquelas crianças”* remete, em primeira instância, a uma preocupação com as condições materiais (alimentação, saúde, educação etc.) futuras dessas crianças. No entanto, quando a mãe se refere à preocupação de evitar que *“um futuro marginal”* esteja nas ruas, há um movimento que desloca a ideia de que a preocupação seja o futuro dessas crianças, conduzindo o discurso para o território do temor em relação à violência urbana, em outras palavras, o temor de que estas crianças representem futuramente um perigo para a sociedade.

Ressalta-se que, apesar do perdão ser o cerne dos discursos, não há menção à ideia de que o assassino não cumpra sua pena, mantém-se ainda o desejo de uma punição jurídica através do encarceramento. O perdão, nesse sentido, pertence ao campo espiritual, ratificado pelas referências ao cristianismo. Os discursos não se deslocam para questionamentos acerca do sistema carcerário e da lógica punitivista ou qualquer reivindicação de caráter social. Destaca-se uma deriva, no entanto, no relato publicado na matéria “Como ela perdoou o assassino de seu filho e começou o trabalho de leitura para detentos (Quadro 4). Tomando um ponto de deriva em relação aos outros discursos, há a manifestação de sentimentos negativos: “na hora eu pensei que preferia que o meu filho fosse o assassino”. Logo em seguida, o discurso aponta para a reflexão sobre as condições dos encarcerados: “preferia ele morto do que em uma cela de prisão”.

[Quadro 3]

COMERCIANTE SURPREENDE AO PERDOAR O ASSASSINO DO PRÓPRIO FILHO

Repórter: Mesmo com a pior dor do mundo, a de enterrar um filho, a mãe de Rafael teve um gesto nobre e surpreendente: perdoou o assassino, e mais do que isso, passou a ajudar a família dele, mulher e três filhos pequenos, com dinheiro e cesta básica. No horizonte, ela só enxergava uma coisa: o futuro daquelas crianças.

Mãe: Fiquei com dó. Uma criança de três meses, outra de quatro anos, outra de cinco anos, que não tinha culpa da violência que o pai praticou, na verdade né. E também, achei que alimentando aquelas crianças eu estaria ajudando a tirar algum futuro marginal da rua.

[...]

Mãe: Através daquele perdão que saiu assim... espontâneo do meu coração, confesso pra você. Foi me aliviando né. Perdoar faz bem sim.

Repórter (em voz over): Para a ciência, perdoar e deixar a vida mais leve é um dos muitos segredos da felicidade

[Globo Repórter, 2013]

Em outro trecho, apresenta também posição crítica em relação ao porte de armas: “Não alimentar o ódio me deu mais força. Eu só queria mais critério sobre o porte de arma”. Há um deslocamento discursivo que parte da responsabilização direcionada apenas ao indivíduo (perdão em relação ao ato) para questões coletivas, estruturantes de uma sociedade (pensando a violência como uma questão social). Talvez pela ausência de um interlocutor direto e por condições de produção distintas – escrever um relato sem mediadores – esse discurso encontrou pontos de deriva para além do perdão incondicional e transcendental, refletindo tópicos sociais.

Ainda assim, há a reincidência de uma ideia de redenção do assassino ligada à religiosidade. Os signos religiosos permeiam o relato, apresentando-se de forma contundente quando se costura ao discurso a seguinte passagem: *“Neste ano eu não iria, então o padre me chamou para dar um depoimento na semana das dores de Maria. A sétima e última delas é a dor de perder um filho.”*. Demarca-se, nesse ponto, uma inegável ligação entre o perdão e a formação imaginária em torno do Sujeito-Mãe, a partir de sua filiação à personagem bíblica Maria – mãe que também teve seu filho assassinado e perdoou a todos.

[Quadro 4]

COMO ELA PERDOOU O ASSASSINO DE SEU FILHO E COMEÇOU O TRABALHO DE LEITURA PARA DETENTOS

“Em nenhum momento eu tive ódio. A família se uniu, os amigos ajudaram. Não alimentar o ódio me deu mais força. Eu só queria mais critério sobre o porte de arma. Tem pessoas que veem o porte de arma como segurança para a sua família, mas é o contrário. Se o jovem que matou meu filho saía com a arma é porque ele se sentia seguro, mas ele transformou a vida de muita gente por um ato não pensado”. [...]

“Na hora eu pensei que eu preferia que meu filho fosse o assassino. Mas, no minuto seguinte, eu mudei de ideia: preferia ele morto do que em uma cela da prisão. Quando me falaram do assassino, eu apenas perguntei: ele tem filhos? A resposta foi não. E depois questionei: e pais? Sim, me responderam, ele tem mãe e pai. Foi nesse momento que eu percebi que eu não aguentaria a dor de ter um filho preso. [...] O filme que assisti na noite em que meu filho foi morto me fez ficar com muita vontade de fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Um ano depois do crime, eu resolvi fazer o percurso para Aparecida, a 300 quilômetros de distância de Botelhos. Foram sete dias de caminhada na Semana Santa. Neste ano eu não iria, então o padre me chamou para dar um depoimento na semana das dores de Maria. A sétima e última delas é a dor de perder um filho. Eu fui falando como tinha sido o processo de aceitação, e, no finalzinho, eu percebi e disse que Maria não tinha em quem pôr a culpa e teve força para perdoar tantas pessoas, então eu perdoava o assassino do meu filho.” [...]

“Eu queria Justiça, mesmo, para ele. Porque nada traria meu filho de volta. Pedia que a condenação durasse o tempo para ele aprender a ser melhor, para não trazer mais sofrimento para ninguém, principalmente para a família dele. Foi isso que eu pedi. E se ele cumpriu sua pena e hoje está livre, meu perdão também valeu. Só espero que ele também se perdoe, pois eu sei que nunca mais ele vai esquecer isso. Que ele saiba conviver e encontre uma maneira de transformar tudo em luz.”

[BOL, 2018]

Nesse sentido, ancorados, mais uma vez, no processo de antecipação, podemos pensar que, diante do imaginário Mãe, há a expectativa de que ela sempre perdoará os erros dos filhos.

Ocorre, explicitamente nesse recorte, uma espécie de migração dessas expectativas para as relações que essas mães estabelecem com os outros, como se todos os afetos que essa mãe devotava ao filho (abnegação, altruísmo, compaixão) fossem transferidos para a sua relação com o assassino. Para além disso, nessa relação de forças, o discurso de perdão reinscreve esse Sujeito-Mãe na história – amparada pelo discurso bíblico – e o reinsere na sociedade – atendendo aos pressupostos que cercam a formação imaginária mãe.

6. Resultados alcançados

Observa-se, a partir da análise dos recortes aqui selecionados, que os discursos de perdão apresentam alguns pontos recorrentes: i) as mães sentem compaixão pelas mães dos assassinos; ii) as mães acreditam que os assassinos de seus filhos merecem ser perdoados porque *Maria* e *Jesus* perdoariam e, sendo assim, existe uma possibilidade de redenção para estes homens (desde que eles firmem compromisso com a fé cristã); iii) as mães direcionam todos os afetos que devotavam em relação aos erros do filho para os erros do assassino, sendo assim, encarceram-se na condição de “mães eternas”; iv) as condições de produção direcionam os discursos; no quarto material (quadro 4) não há mediação direta de um entrevistador/repórter e pode-se observar pontos de deriva – os sentidos de perdão que se filiavam a um discurso de punição (justiça), deslocam-se para reflexões acerca das más condições do sujeito encarcerado.

Em conclusão, para além dos discursos de perdão estarem associados à ideologia judaico-cristã, é possível notar que, embora pretendam marcar oposição ao ressentimento –, representam também a negação da subjetividade dos sujeitos (no caso, o Sujeito-Mãe), uma vez que esses discursos de perdão estão assentados num terreno de silêncios e apagamentos que carrega em seu núcleo a

marca histórica e social do povo brasileiro, acorrentado à “imagem de povo alegre, despreocupado e sensual que o colonizador fez de nós, desde a Carta de Caminha” (KEHL, 2005, p. 172).

Partindo desses resultados, o objetivo, para pesquisas posteriores é que essas linhas de análise sejam direcionadas a outros grupos sociais que, ao serem feridos/negligenciados/lesados, são induzidos pelo aparelho midiático a perdoar os danos cometidos. A fim de investigar, assim, o funcionamento discursivo do ressentimento social/camuflado em outros *corpora*.

7. Considerações finais

Inserido nas marcas ideológicas que forjaram a nação desde a colonização e pelo discurso religioso, o *corpus* aqui trabalhado não se centrou em discursos calcados numa reivindicação de mudança social – à exceção do quarto material, no qual se apresentam pontos de deriva. Nestes discursos – cerceados pelos instrumentos de espetacularização midiática –, as queixas melancólicas, a raiva contida e a cordialidade mal disfarçada – que caracterizam o ressentimento camuflado – vazam, e é, por essa razão, que podemos observar nos dizeres de perdão o funcionamento do ressentimento. É importante frisar que não são os sujeitos que apresentam traços de ressentimento, mas os discursos que, por sua vez, estão interpelados pela ideologia cristã e sob o jugo da Mídia, sendo, dessa forma, resultantes dos processos constitutivos do imaginário de mãe e de nação brasileira. Em suma, conclui-se que a interlocução com a mídia aciona e reforça uma série de processos que favorecem o apagamento da constelação de afetos que compõem o ressentimento, camuflando-os e direcionando os discursos para o campo da unidade, da completude do imaginário Mãe, em que o perdão se apresenta como a única resposta para o Sujeito-Mãe ideal.

| Referências

KEHL, M. R. O Ressentimento Camuflado da Sociedade Brasileira. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 7, p. 163-182, mar. 2005.

LOBO, S. As Condições de Surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 67-74, 2008.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2015.

ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “MAL SECRETO”, DE RAIMUNDO CORREIA: OS SENTIMENTOS POR TRÁS DAS MÁSCARAS

Vitória Carvalho dos Santos

1. Introdução

A corrente discursiva adotada em questão, AD pecheutiana, recebe tal nomeação em virtude do seu fundador Michel Pêcheux (SOUZA, 2014). Essa perspectiva analisa, segundo Eni Orlandi (1999), o discurso, o homem falando e enquanto resultado das interações sócio-históricas do momento no qual ele está inserido. Isso implica dizer que analisa os discursos considerando fatores externos a eles, como o contexto social e histórico em que foram produzidos, fazendo com que o analista amplie seus horizontes de análise para muito além do que se entende em uma leitura superficial do texto analisado.

Os conceitos adotados implicam a relação do sujeito com o meio social, haja vista que esse interfere diretamente naquele. Contudo, como a Análise do Discurso pode auxiliar na percepção desses efeitos de sentido dentro de um poema? A partir de um estudo de caso, este trabalho tem por objetivo principal analisar o poema parnasiano “Mal Secreto”, de Raimundo Correia, sob o viés de alguns dos principais conceitos da Análise do Discurso de vertente materialista (AD francesa), analisando como o texto literário aborda uma crítica social referente ao modo de vida das pessoas naquela época. Pretende-se, também, analisar a construção de alguns efeitos de sentido no poema e apontar nele uma questão ainda muito presente nos dias

atuais: a depressão. Foi publicado no final do século XIX, quando o Brasil passava por importantes transformações políticas, econômicas e, conseqüentemente, sociais.

2. AD Francesa

A Análise do Discurso, como o nome sugere, se encarrega do discurso juntamente com suas condições de produção, do homem produzindo enunciados em um determinado momento sócio-histórico, como afirma Orlandi (1999). Esse homem falando será chamado nessa perspectiva de sujeito e, embora no singular, ele pode ser constituído por diversas vozes sociais (sujeito discursivo) oriundas do grupo social e momento histórico no qual o discurso foi realizado (FERNANDES, 2008).

As diversas vozes sociais presentes no discurso do sujeito discursivo podem ainda ser chamadas de polifonia, de acordo com Fernandes (2008). Como essas vozes estão presentes nos enunciados que escrevemos/dizemos, é possível percebê-las marcadas no discurso ou até sem a marcação, já que os enunciados possuem as ideologias e identidades de seus falantes e essas são expostas neles. Para as vozes explicitamente marcadas, como as marcações de afirmações de teóricos neste artigo, chamamos de heterogeneidade mostrada (FERNANDES, 2008). Para as vozes que não são marcadas explicitamente, mas se fazem presentes nos textos, chamamos de heterogeneidade constitutiva, em conformidade com Fernandes (2008).

As marcações explícitas são usadas quando queremos identificar o autor daquele discurso anteriormente proferido. As implícitas, quando estão presentes em nossos discursos vozes das quais não precisamos necessariamente citar, mas não deixam de existir nos enunciados proferidos. No que diz respeito aos enunciados, podem ser “[...] compreendidos como elementos integrantes das unidades

discursivas” (FERNANDES, 2008, p. 43). Portanto, são discursos em suas formações, suas constituições, antes de serem proferidos. Já a enunciação refere-se ao texto produzido, ao que se vê e se ouve (SOUZA, 2014). Sendo assim, o sujeito elabora o seu discurso, um enunciado, e, ao proferi-lo, passa-o para o campo da enunciação, escapando do seu controle e tornando-se passível de diferentes sentidos.

Para entender melhor a noção de discurso, estuda-se os fatores externos a ele, ou seja, aspectos sociais e ideológicos, não mais as questões gramaticais propriamente ditas, ainda segundo Fernandes (2008). Isso implica dizer que, como em muitas análises, é importante observar a maneira com a qual determinado discurso foi escrito, porém, é ainda mais importante observar as questões sociais e ideológicas que contribuíram para a sua realização.

O discurso carrega consigo alguns outros conceitos que possibilitam uma maneira diferenciada de analisar os sujeitos falando. Todo discurso significa algo para uma pessoa e pode significar ainda mais para outrem. Em conformidade com o precursor da AD francesa, Michel Pêcheux (2008, p. 53), “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. Sendo assim, depois de enunciado um discurso, ele está suscetível a derivar diversos efeitos de sentido, diversas interpretações.

Para a AD, considera-se os possíveis efeitos de sentidos provocados, considerando-se também por/para quem foram realizados em uma realidade social e política específicas. Embora o sujeito, em algumas ocasiões, não perceba, existe a presença de suas ideologias nos seus discursos. De acordo com Louis Althusser (1970), a ideologia pode ser entendida como o sistema das ideias que domina o espírito de um homem ou um grupo social. Ela representa uma ideia defendida por um sujeito ou por um grupo social e na qual

acreditam conter o certo, a verdade. São as suas visões de mundo e pelas quais estão dispostos a lutar.

Em se tratando do texto, escrito ou oral, será assim considerado porque carrega uma significação e, por isso, torna-se uma unidade de análise (ORLANDI, 1999). O texto é considerado como tal por estabelecer uma relação com o meio social no qual se encontra. Além do texto, o sujeito também estabelece relações com o outro, com o social, e essas relações recebem o nome de dialogismo (FERNANDES, 2008).

Essas relações, ou interações, são de fundamental importância para algumas características do sujeito, haja vista que todos estão inseridos em um meio sócio-político-ideológico. Uma dessas características é a identidade, resultado das interações estabelecidas entre os sujeitos em uma sociedade e dependente do lugar que ele ocupa no momento do discurso (FERNANDES, 2008). Esse lugar ocupado pelo falante determina o grau de importância do seu discurso.

Existem discursos que só podem ser pronunciados em determinadas épocas e espaços sociais. A eles chamamos de formação discursiva (FERNANDES, 2008), pois, os sujeitos podem produzir quaisquer enunciados que quiserem, porém, existem lugares e momentos adequados para expressá-los. A formação discursiva pode, além disso, “caracterizar-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem [...]” (FERNANDES, 2008, p. 44). Trata-se de enunciados que dialogam entre si e que apresentam uma linearidade através de discursos com características semelhantes. Os discursos dependem ainda de uma memória discursiva que possibilite a sua articulação e enunciação. Acerca disso, Fernandes (2008, p. 45) afirma que:

Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência.

Portanto, a existência e interação de diferentes grupos sociais estabelece uma memória coletiva que está presente na enunciação dos discursos proferidos pelos mais variados sujeitos. Em síntese, a AD francesa procura apreender a língua, o sujeito e a história em uma interação conjunta, em funcionamento juntos (FERNANDES, 2008).

Para realizar a análise, além dos conceitos apresentados, serão utilizados alguns métodos de Souza (2014), os quais consistem em uma primeira leitura do texto para hipóteses ainda não aprofundadas, a chamada leitura flutuante, e, em seguida, iniciaremos a leitura analítica, a qual se realiza através das perguntas heurísticas. Essas perguntas compreendem buscar o conceito-análise do texto objeto de estudo, a maneira com a qual esse conceito é construído e a que discurso ele pertence devido à maneira como foi trabalhado no texto (SOUZA, 2014). Apresentados os métodos para uma análise discursiva francesa, partiremos para o poema em questão.

3. O “Mal Secreto” por trás das máscaras

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

(CORREIA, 1958, apud NICOLA, 2011, p. 343)

Escrito em 1883 e pertencente ao livro *Sinfonias*, “Mal Secreto” é uma releitura de um poema do italiano Pietro Metastásio, que viveu durante o século XVIII, mundialmente conhecido pelo *boom* da Revolução Industrial. Aqui no Brasil, a industrialização começou a dar sinais antes mesmo de começar o século XX. Em uma primeira leitura, uma possível interpretação já nos salta aos olhos: uma referência às máscaras adotadas pela sociedade, pois muitas pessoas utilizam-se delas para esconder o que realmente sentem já que, por exemplo, o aborrecimento ou o pranto não agradam ao outro, o social. Em grande parte dos casos, vivem de aparências, fingem uma felicidade quando, na verdade, estão cobertas de tristezas e desgostos. O avanço industrial pode ter sido um aditivo para essas aparências considerando as mudanças econômicas e, conseqüentemente, sociais sofridas pelo país naquele século.

Como se trata de um poema parnasiano, é importante ressaltar algumas características desse período literário. Para Alfredo Bosi

(1995), os principais objetivos desse estilo de época eram os ideais antirromânticos e o culto da forma tida como a ideal para se fazer um poema. Outro objetivo era resgatar o racionalismo da Antiguidade Clássica e, com isso, produzir uma poesia de meditação como forma de crítica e reflexão filosófica e social devido às mudanças sofridas naquele momento político-histórico-social (NICOLA, 2011).

Outros discursos (poemas, romances, etc.) também tratarão dessas questões em movimentos posteriores e até mesmo dentro do parnasianismo, conforme as mudanças sociais e econômicas. Estabelece-se, assim, uma formação discursiva, uma semelhança entre os enunciados de discursos anteriores (por se tratar de uma releitura) e posteriores cujo objetivo principal, além das reflexões sociais, será incentivar o ser humano a refletir sobre sua posição e atuação na sociedade em que está inserido.

Os primeiros impulsos industriais, ou melhor, “surtos”, começaram na segunda metade do século XIX durante o Segundo Reinado brasileiro devido à elevação dos tributos sobre produtos importados, ao aumento da arrecadação alfandegária e a algumas guerras, como a Guerra do Paraguai e a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, pois a queda da produção de algodão americano acabou impulsionando a produção brasileira têxtil (VICENTINO; DORIGO, 2010). Vale ressaltar que a industrialização se estabeleceu mais expressivamente no Brasil nos anos 1930 com o governo de Getúlio Vargas.

A partir desses avanços tecnológicos, o mundo foi-se dividindo ainda mais em diferentes níveis sociais e, como era de se esperar, os mais elevados eram os que mais gozavam dos novos recursos apresentados pelas indústrias. Porém, começam a surgir movimentos/ revoltas populares visando inclusão e os mesmos direitos que as classes mais elevadas. Diante desse cenário, podemos entender melhor o uso de máscaras pela sociedade.

Aqueles com melhores condições econômicas, na maioria das vezes, aparentavam uma grande felicidade por meio da ostentação e das festas que promoviam, causando uma admiração e até mesmo inveja aos que possuíam uma situação financeira inferior, os quais buscavam a todo custo desfrutar de uma vida confortável e feliz como aqueles das classes sociais mais elevadas, mesmo que esses não estivessem tão felizes quanto aparentavam.

Simplificando: os mais favorecidos precisavam demonstrar um contentamento mesmo que não o tivessem e os menos favorecidos procuravam se igualar a eles (econômica e socialmente). Esses possuíam uma visão ideológica de que a felicidade estava no modo de vida e nos bens adquiridos pelas classes mais altas e, conseqüentemente, seriam felizes ao terem uma vida equivalente à vida das pessoas mais bem-sucedidas. Apesar de se tratar de séculos passados em nossa história, essa situação ainda prevalece nos dias atuais, tanto que, através da memória discursiva, somos transportados para séculos anteriores ao lermos o poema, mas também nos remetemos ao nosso próprio século.

Partindo do título do poema, há nele alguns efeitos de sentido, como a utilização de “Mal” com l em oposição à bem, sugerindo simultaneamente a posse de algo “secreto”, escondido e prejudicial a quem o possui/esconde. Apesar desse processo parafrástico em que foi produzida uma outra formulação com o título, mas dentro desse mesmo espaço de dizer (ORLANDI, 1999), ainda persiste a ideia de algo escondido.

Contudo, ao trocar o “Mal” por “bem” estabelece-se um processo polissêmico em que há uma ruptura de significação (ORLANDI, 1999), passando de algo ruim e prejudicial para algo bom, mas ainda “secreto”. Isso seria a verdadeira face das pessoas, como elas são por trás das aparências. O poema retrata ainda uma memória discursiva que reúne diferentes discursos de diferentes grupos sociais que

retomam o *boom* da revolução nos países europeus e os primeiros surtos aqui no Brasil, além do surgimento de novas camadas sociais estabelecidas pelos modelos econômicos adotados.

A busca pela semelhança com os outros faz parte da tentativa de constituição de uma identidade para diversas pessoas, pois a identidade está sempre se reformando, se constituindo de novas experiências trocadas entre os sujeitos e ela parece estar mais bem preenchida dependendo da forma como imaginamos ser vistos pelos outros (HALL, 2006). Ou seja, a identidade implica a visão que o outro (social) tem sobre nós, o que explica a vida de aparências que muitos vivem. Muitos querem passar a melhor imagem possível de si mesmo, seja para um amigo próximo, para um colega de trabalho, entre outros, mesmo que isso se baseie em uma mera aparência (mentira).

A vontade de transmitir a melhor imagem de si mesmo remete a um outro conceito presente na AD francesa e o qual pode-se associar ao poema: o conceito de formações imaginárias, as quais, segundo Orlandi (2006, p. 15), representam “[...] a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso”. Para um esclarecimento ainda maior, Souza (2014, p. 12) afirma que “as Fls são os sentidos em estado bruto”. As formações imaginárias são, portanto, a primeira impressão que se tem de algo ou alguém, a primeira imagem que se faz do objeto do discurso e de para quem se dirige o mesmo. Partindo disso, as Fls podem representar a primeira imagem que fazemos de uma pessoa ao olhar para ela uma única vez. Se nos deparamos com uma pessoa rindo, como apontado no poema, logo inferimos que aquela está feliz, quando pode estar apenas disfarçando.

Em conformidade com Leandro Anselmo Todesqui Tavares (2010), estamos inseridos em uma Sociedade da Aparência, onde aparentar uma imagem que, provavelmente, não condiz com a realidade, com o verdadeiro modo de vida de um sujeito, tornou-se mais importante

que de fato ser a imagem apresentada. É o caso, principalmente, de imagens postadas nas redes sociais em que algumas pessoas fazem diversos sacrifícios (implícitos ou não) para apresentar a melhor imagem possível da sua vida a fim de, muitas vezes, despertar inveja alheia. Guy Debórd (1997 apud TAVARES, 2010) também expõe uma nova denominação para essa sociedade, chamando-a de Sociedade do Espetáculo. Tal designação é utilizada para referir-se a uma sociedade na qual seus membros vivem atuando, encenando e se escondendo atrás de máscaras para se sentirem melhor dentro do espetáculo.

Essas sociedades da Aparência e do Espetáculo adquirem ainda mais força através do capitalismo, o qual, segundo Tavares (2010), estabelece a ideologia de que, para o sujeito ser bem-visto, ele precisa ter/consumir algo, ele precisa pagar por esse *status* mais elevado. Como declara Sigmund Freud (1996), é impossível fugir à impressão de que as pessoas estão comumente empregando falsos padrões de avaliação e que buscam poder, riqueza e sucesso para elas mesmas admirando isso em outrem. Considerando o poema e a sociedade tanto do século XIX, quanto do atual, pode-se dizer que não só empregam falsos padrões de avaliação, mas também invejam o sucesso, poder e riqueza alheios.

Como dito no poema, essa “gente [...] que inveja agora nos causa” e “[...] que ri” é representada por um sujeito discursivo constituído por um conjunto de diversas vozes sociais que possuem o mesmo objetivo: aparentar uma grande felicidade e causar inveja naqueles que possuem uma vida distinta. Mesmo com a existência de uma ostentação e até humilhação, o dialogismo estabelece entre os diferentes sujeitos, tanto os que causam quanto os que têm inveja, uma interação, eles estabelecem relações sociais entre si dentro daquele processo discursivo (FERNANDES, 2008). Aqueles que aparentam interferem mesmo que imperceptivelmente naqueles que os admiram/invejam.

A última estrofe do poema e uma das mais impactantes retoma as falsas aparências das quais muitos vivem. Contudo, ao afirmar que muita gente ri com o intuito de parecer feliz, pode-se remeter a uma grave doença, infelizmente quase não tratada como tal, já existente nos séculos anteriores ao atual: a depressão. Conforme a psicanalista Maria Rita Kehl (2009, p. 45), "*Depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro*". Isso significa que os sujeitos deixam de se sentir encaixados na atual sociedade e sentem que não correspondem mais à visão do "Outro", tendo esse como uma autoridade, ou seja, como algo ou alguém que detém poder sobre o sujeito. Ao não se sentir mais parte dessa sociedade, o sujeito também se sente insuficiente para atender às exigências do Outro, deixando de se sentir importante e útil.

Para Tavares (2010, p. 16), "a depressão [...] representa o fracasso do sujeito na participação da cultura do narcisismo e do espetáculo". Portanto, tem-se um sujeito depressivo quando o mesmo não se sente mais encaixado e nem capaz de atuar/encenar nessa sociedade do espetáculo, numa sociedade que valoriza mais as máscaras utilizadas do que as verdadeiras faces dos seus integrantes.

Os depressivos são "[...] como doentes contagiosos, portadores da má notícia da qual ninguém quer saber", segundo afirma Kehl (2009, p. 22). Se possuem uma notícia da qual ninguém quer saber, os sujeitos depressivos escondem-se atrás de máscaras escondendo suas dores mais profundas para não se sentirem excluídos do meio social no qual estão inseridos e se assemelharem aos outros atores do espetáculo.

O sujeito depressivo (ex)-siste na sociedade, está à margem do estilo de existência priorizado pelo espetáculo porque não consegue representar conforme a ideologia predominante das aparências, consoante Tavares (2010). Ao não se encaixar mais no

espetáculo representado pela sociedade, ao não aguentar mais o peso das máscaras, o sujeito depressivo se despede do ato, arranca a máscara e com ela arranca também a sua própria vida, mostrando sua verdadeira face por trás de toda aquela encenação, por trás de todo aquele bem-estar do qual ninguém desconfiaria ou não queria enxergar.

Pode-se ressaltar ainda a heterogeneidade constitutiva no poema já que não existe a marcação explícita de outras vozes dentro dele, mas sabe-se que existe a polifonia, presença de diversas vozes dentro dos enunciados, sem a necessidade de serem explicitamente marcadas. É o caso das muitas pessoas que representam as que riem e aquelas que sentem inveja citadas pelo poeta dentro do texto.

| Considerações finais

Enfim, este artigo teve a pretensão de apresentar os principais métodos de análise utilizados pela análise discursiva francesa, cujo precursor é Michel Pêcheux. Foram analisados fatores externos à língua, como o meio social e histórico em que determinado discurso foi produzido. Esses fatores são de fundamental importância para a formação de uma identidade e de uma ideologia presentes nos sujeitos e expressas em seus discursos, os quais representam também diversas vozes oriundas de outros discursos.

Alguns textos interagem entre si, estabelecendo uma regularidade, uma semelhança entre seus enunciados mesmo que pertençam a momentos históricos diferentes. Além disso, podem representar uma memória coletiva resultante da interação entre diferentes grupos sociais. O poema faz parte do parnasianismo, movimento literário que pretendia resgatar os moldes da Antiguidade Clássica e produzir uma poesia de reflexão.

O poema apresenta uma possível reflexão social de séculos passados, mas que ainda pode ser facilmente percebida nos dias

atuais. Esse discurso representa, além disso, uma crítica acerca das aparências que se sobressaem às verdadeiras faces das pessoas. Seja escondendo o que realmente sentem ou querendo demonstrar um *status* mais elevado, muitas pessoas se escondem atrás de máscaras visando uma colocação melhor no mundo ou na sociedade da qual fazem parte, visando também esconder suas verdadeiras identidades a fim de adotarem uma nova que corresponda e se iguale à maioria apresentada (quer dizer, encenada).

O texto literário possui, ainda, uma crítica a uma doença infelizmente em alta na sociedade contemporânea: a depressão. Conforme exposto, a depressão se caracteriza pela sensação de desencaixe, pela sensação de não pertencer ao meio no qual está inserido, ocasionando um enorme sofrimento para quem está depressivo. Por ser uma doença muito mal vista e muito mal interpretada, os sujeitos depressivos tentam contornar a situação escondendo suas verdadeiras emoções atrás de máscaras, passando a fazer parte de uma sociedade do espetáculo na qual todos estão encenando, não estão, de fato, vivendo aquilo que aparentam.

Mostrou-se que, no período em que foi escrito, começavam a surgir os primeiros surtos industriais no Brasil, que podem ter favorecido ainda mais as diferenças sociais, contribuindo para o aumento das aparências, pois quem não gostaria de gozar de uma vida confortável e feliz como aparentavam os mais bem-sucedidos? Mesmo com todos os bens e conforto, como diz o poema, “Quanta gente que ri, talvez, consigo / Guarda um atroz [...]”, ou seja, carrega consigo uma grande infelicidade apesar de demonstrar o contrário.

Percebeu-se dentro do poema a presença de alguns métodos da análise discursiva francesa, tais como a noção de ideologia, identidade, memória discursiva, formação discursiva, polifonia, dialogismo e alguns outros que foram expostos no decorrer da análise, possibilitando, assim, algumas possíveis interpretações que vão além do que se pode inferir em uma primeira leitura do poema.

| Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

NICOLA, J. de. **Painel da literatura em língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. *In*: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

SOUZA, S. A. F. de. **Análise de discurso:** procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como mal-estar contemporâneo:** medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2010.

CIÊNCIA SOB A ÓTICA DIALÓGICA DE BAKHTIN: COMO ORGANIZAR O PERCURSO METODOLÓGICO?

Fernanda Dias de Los Rios Mendonça

| Introdução

O arquitetônico postulado teórico do Círculo de Bakhtin destaca-se pela completude com que se volta à linguagem. Em *Marxismo e filosofia da Linguagem*, Bakhtin (VOLOCHÍNOV) (2010 [1929]) apresenta a proposta filosófica do grupo em contraposição aos dois grandes eixos de estudos linguísticos predominantes até então. O “objetivismo abstrato” e o “subjetivismo individualista”, conforme denominou o autor, embora constituam polos antagônicos de estudos sobre a língua, são ambos insuficientes para dar conta do complexo fenômeno da linguagem.

Apoiado na crítica à incompletude desses dois modelos teóricos precedentes, Bakhtin (VOLOCHÍNOV) (2010 [1929]) fundamenta a proposta que concernirá no pilar de toda a teoria do Círculo, trata-se da Filosofia da Linguagem de base sócio-histórica e interacional que apreende a língua como um fenômeno vivo que se concretiza entre as subjetividades sempre demarcadas em um espaço sócio-histórico preciso. Tal postulado traz inúmeras implicações que incidem sobre as bases epistemológica, ética e estética do construto teórico desse conjunto de pensadores russos.

Neste artigo, focalizaremos algumas das implicações mais relevantes para o desenvolvimento de pesquisas em Ciências Humanas, com vistas a explicar o encaminhamento metodológico

que se apresenta espraiado em algumas obras do Círculo e é atualmente apresentado de modo organizado, mas não cartesiano, pela Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2010). Embora não seja o objetivo específico do trabalho discutir conceitos teóricos, faz-se imprescindível a retomada de algumas noções que ancoram pesquisas no aporte teórico-metodológico bakhtiniano, razão pela qual iniciamos pelos paralelos conceitos de *Língua, enunciado e texto*.

| Língua, enunciado e texto

Ao inserir a língua/linguagem em uma perspectiva interacional, a única passível de agregar a inteireza de sua(s) complexa(s) singularidade(s), Bakhtin (VOLOCHÍNOV) apresenta cinco proposições para sustentar tal ponto de vista. Vejamos:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida

como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.

5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social.* A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2010 [1929], p. 131-132).

Tais proposições denotam a natureza simultaneamente social e subjetiva da língua e, portanto, concebe-a como enunciado concreto que reflete e refrata não apenas as leis intrínsecas à sua materialidade linguística, mas as relações intersubjetivas e ideológicas que lhe atravessam e que são demarcadas por sua situacionalidade em um dado contexto histórico-social.

A concepção da língua como enunciado concreto eleva toda produção languageira à instância enunciativa e, em decorrência, também toda a materialidade textual concretizada por um processo de interação presencial ou não. Essa implicação gera consequências para as pesquisas cujo *corpus* constitui-se de textos. Deste modo, o material textual tomado como elemento de análise deve ser apreendido como resultado de uma interação e, portanto, como enunciado concreto, passível de valoração, constituído ideologicamente. Essa apreensão constitui o próprio processo de análise, conforme ficará claro adiante.

| Perspectiva dialógica: especificidades para a pesquisa nas áreas Humanas

Em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas e Metodologia das ciências humanas*, Bakhtin (2010 [1973], p. 308) afirma:

O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.) [...] estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sobre a forma de *texto*.

O excerto acima transcrito apresenta a inserção e a conseqüente problematização da acepção bakhtiniana de texto, apontando a sua particularidade, como objeto de pesquisa em Ciências Humanas. Da especificidade dessa acepção derivam as demais particularidades do fazer científico da área, desde o papel do pesquisador, passando pela definição do percurso metodológico, até a própria análise. Tentaremos, brevemente, dar conta de cada um deles. Começemos pelo pesquisador.

| Pesquisador: o outro na interação

Entender o texto-objeto de uma pesquisa como enunciado consiste, necessariamente, em realocar a posição do pesquisador e redefinir a sua função no âmbito de sua própria pesquisa. Em outras palavras, o pesquisador deixa de equivaler a uma simples categoria e passa a assumir o papel ativo de interlocutor no próprio processo da pesquisa, uma vez que os textos (enunciados) levam-no às subjetividades enunciativas e aos contextos imediatos e amplos de sua produção.

Nesse sentido, o pesquisador – interlocutor entra em diálogo com seu(s) interlocutor(es) por meio da materialidade textual. No entanto, essa interlocução realizada pelo sujeito pesquisador não

ocorre linearmente ou no mesmo plano da interação em que se consubstanciou o enunciado materializado em seu texto de análise. O pesquisador não corresponde ao interlocutor previsto ou imediato a quem o enunciador se dirigiu ou visou para realizar a enunciação, mas ocupa uma posição externa, ou exotópica, ao contexto em que seus dados de análise (enunciados) foram produzidos. É exatamente essa posição de interlocutor privilegiado que lhe garante um olhar mais amplo e uma resposta mais completa frente aos enunciados, pois proporciona-lhe um olhar completo sobre o enunciado e sobre a própria enunciação. Por essa razão, o olhar do pesquisador, na relação de alteridade que este estabelece com o(s) interlocutor(es) de seus dados por meio da pesquisa, complementa-o(s), pois, como afirma Amorim (2003, p. 14),

[...] meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê. Exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Esse lugar exterior permite, segundo Bakhtin, que se veja do sujeito algo que ele próprio nunca pode ver; e, por isso, na origem do conceito de exotopia está a idéia de dom, de doação: é *dando* ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador, assim como o artista, dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e portanto com seus valores, é possível enxergar.

A especificidade do pesquisador pela ótica bakhtiniana, associada à própria perspectiva dialógica e interacional do Círculo de que decorre sua posição/função como interlocutor exotópico, aponta novo percurso metodológico e redimensiona o próprio procedimento de análise. Passemos à compreensão do percurso metodológico.

| Percurso Metodológico e a Análise Dialógica do Discurso

Considerando o propósito do Círculo em elaborar uma teoria sócio-histórica da linguagem, retomemos as observações pontuadas por Bakhtin (VOLOCHÍNOV) como indispensáveis ao percurso de pesquisa:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. Não dissociar o signo das formas concretas de comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura). (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2010 [1929], p. 45).

Essas regras metodológicas são pontuadas por ele como indispensáveis. Deste modo, torna-se possível alcançar o “horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2010 [1929], p. 45), alcançar o índice de valor que atravessa os signos e, por fim, a(s) ideologia(s) por trás deles.

Coadunando com essas regras, mais adiante, na mesma obra, encontramos uma ordenação metodológica do percurso analítico:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os

elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2010 [1929], p. 128-129).

Como afirma Sobral (2009, p. 103):

Essa perspectiva nos permite seguir na análise, de forma simultânea e integrada, dois percursos: o que leva das marcas discursivas aos condicionantes da produção do discurso e o que leva da situação de interação às marcas que o discurso pode manifestar: as marcas discursivas remetem à situação de produção do discurso e a situação de produção remete ao discurso.

Como se pode perceber, o próprio Círculo apresenta os direcionamentos procedimentais e atitudinais para a realização de pesquisas dialogicamente orientadas, sem impor um método fechado, no sentido positivista mais estrito do termo. Como afirma Brait (2010, p. 29):

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.

Por essa razão, a autora da Análise Dialógica do Discurso (ADD) explica que

Iniciar a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa, de imediato, conceber *estudos da linguagem* como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (BRAIT, 2010, p. 10).

A citação acima transcrita permite-nos entender que o conceito centralizador das orientações bakhtinianas é o dialogismo. É ele que norteia toda relação com a criação ideológica que vive através da linguagem. É a perspectiva dialógica que deve ser o eixo condutor de todo o processo de pesquisa, fundamentando-o teoricamente, orientando-o metodologicamente e constituindo-o analiticamente.

Como pontuado inicialmente, neste artigo, pretendemos expor, de maneira didática, os elementos e as etapas que devem constituir um trabalho dialógico de pesquisa. Ratificamos o que já foi dito por Brait e retomado neste texto a respeito da inadequação em apresentar uma proposta hermética de metodologia, uma vez que tal postura vai de encontro à própria essência do dialogismo. Feita essa ressalva, apresentamos uma orientação possível para o delineamento do percurso de pesquisa. Ressaltamos a observância no aspecto dialógico que acaba imbricando metodologia e análise e o atravessamento das dimensões ética e estética para o acabamento do trabalho epistemológico.

| Encaminhamento da pesquisa dialógica

Para melhor ilustrar o delineamento de pesquisa consoante ao aporte dialógico, apresentamos, no quadro abaixo, uma síntese das etapas a serem consideradas para a composição dos sentidos materializados no *corpus* discursivo. Na sequência, trataremos de cada tópico.

Quadro 1 - Etapas da pesquisa dialógica

ELEMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA DIALÓGICA
(1) OBJETO DE ANÁLISE (<i>CORPUS</i> DISCURSIVO/ TEXTUAL)
(2) EM QUE RECORTE MAIS DELIMITADO ESTÁ INSERIDO? A PEQUENA TEMPORALIDADE.
(3) DIMENSÃO SOCIAL ESPECÍFICA: ESFERA DE ATIVIDADE HUMANA E AS ESPECIFICIDADES DESTA ESFERA
(4) SUJEITOS QUE A COMPÕEM
(5) RELAÇÃO ENTRE ESSES SUJEITOS – DE ONDE EMERGEM OS ENUNCIADOS
(6) EM QUE RECORTE MAIS AMPLO ESTÁ INSERIDO? A DIMENSÃO CRONOTÓPICA MAIS ALARGADA
(7) GÊNERO DISCURSIVO E SUA VINCULAÇÃO À ESFERA DE ATIVIDADE
(8) MATERIALIDADE TEXTUAL QUE REVERBERA TODOS OS ELEMENTOS SUPRAMENCIONADOS E CONSTITUI O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA (1)

Fonte: elaborado pela autora

A primeira a coisa a se considerar em uma pesquisa de ancoragem dialógica é a necessária (1) acepção do *corpus*, que é dado ao pesquisador sob a forma material de texto, como enunciado

proveniente de um determinado sujeito (ou sujeitos). Essa etapa primeira e fundamental desencadeará uma postura de enfrentamento dialógico do pesquisador como interlocutor que se desdobrará sobre esse *corpus* em um movimento ativo de compreensão responsiva da qual decorrerá a análise e o acabamento do produto final de sua pesquisa (monografia, dissertação, tese).

A compreensão responsiva, noção elaborada pelo próprio Círculo, equivale à *contrapalavra* do interlocutor, à resposta deste ao que o locutor enunciou, pois

Toda palavra, quando enunciada, espera uma resposta, uma compreensão (posicionamento) em relação ao seu dizer e se constitui, simultaneamente, como resposta (compreensão/ posicionamento) a outra palavra que lhe precedeu, na esteira discursiva que compreende a comunicação verbal, sendo assim um ato (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 320) que pertence à cadeia dialógica, entrando em relação semântica com outros atos (palavras enunciadas) que se confrontam com ele, fazendo da palavra arena ideológica. (MENDONÇA, 2014, p. 37).

A análise e o fechamento do texto da pesquisa equivalerão ao resultado da compreensão do pesquisador frente aos sentidos apreendidos no enunciado que constitui *corpus* da pesquisa e alcançados por meio da captura de todo o conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos que inserem coerção em sua materialidade e estão pontuados em sequência, no quadro acima.

Estabelecido o *status* discursivo/enunciativo do *corpus*, o próximo passo é (2) identificar sua pequena temporalidade, isto é, situá-lo no tempo-espaco social específico a que pertence, localizar seu acontecimento em um dado momento histórico-social. Isto se faz necessário porque o contexto imediato em que foi enunciado, acompanhado de todos os elementos extralinguísticos que o

compõem, permite recuperar as idiossincrasias de sua instância enunciativa. A retomada dessa dimensão não corresponde apenas à identificação do espaço geográfico e da marcação temporal do enunciado, mas à reconstituição das relações dialógicas, dos pensares e das ideologias circulantes dentro de um espaço-tempo social, dentro de uma dimensão cronotópica específica na qual os enunciados estão inseridos e a partir da qual reflete e refrata sentidos, valores, ideologias.

Diagnosticado o recorte histórico-temporal, o pesquisador deve considerar a (3) esfera de atividade humana a que se vincula o enunciado. Essa esfera ou campo de atividade humana corresponde ao âmbito social delimitado que define todos os demais elementos extralinguísticos e linguísticos, definindo os modos de interação humana em seu interior e, portanto, as práticas de linguagem que deles decorrem. Podemos entender as esferas ou campos de atividade humana como micro organizações sociais que sustentam uma dada sociedade, como o campo acadêmico, jurídico, religioso, político, etc.

A identificação dessa esfera de atividade orientará todas as demais etapas a serem consideradas, pois as subordina. É na esfera de atividade que os enunciados constituem sentidos dirigidos, é ainda nelas que os sujeitos relacionam-se por meio de relações peculiares a esse pequeno escopo da organização social. A esfera de atividade institucionaliza visões, percepções, valores, estabelece os eixos temáticos a serem tratados em seu interior, bem como organiza em horizontes apreciativos dessas temáticas. São as especificidades de cada esfera no conjunto social mais amplo que determina as relações intersubjetivas que a elas estão atreladas, bem como os modos de produção de sentido, por meio dos enunciados que derivam dessas relações. Deste modo, as etapas (4), (5), (7) e (8) estão inerentemente vinculadas a ela.

Considerando a filiação, ou seja, a interiorização dos enunciados a um dado recorte social (campo ou esfera de atividade humana) e entendendo que esses enunciados, por sua vez, correspondem ao resultado de relações humanas que acontecem nesse mesmo recorte, é imprescindível a identificação dos sujeitos que compõem a(s) interação(ões) nas quais os enunciados são constituídos. Essa etapa constitui o primeiro nível de análise dialógica, a mais direta, através da qual buscamos recuperar o projeto discursivo do enunciador, por meio da apreensão da (5) tipicidade da relação que estabelece com o interlocutor, o modo como esse interlocutor orienta a enunciação do enunciador, bem como os demais elementos constitutivos dessa relação afetam o índice de valor do enunciado. Dito de outro modo, nesta etapa deve-se apreender a relação de alteridade constitutiva do enunciado, como o(s) outro (s) o atravessa(m), considerando que todo enunciado é resultado de uma ação do enunciador orientado pelo interlocutor a que se direciona.

Após retomar toda a circunstância enunciativa que determina o enunciado, é o momento de ampliar o olhar e encaixar essa pequena temporalidade em que se situa em uma (6) dimensão sócio-histórica mais ampla, o grande cronotopo. Somente pela conjugação da dimensão cronotópica imediata à dimensão cronotópica mais ampla se pode apreender as vozes que atravessam os enunciados produzidos em uma determinada época, em uma dada sociedade. É nesse nível de análise dialógica mais profunda que conseguimos identificar discursos que perpetuam gerações, décadas, que atravessam a humanidade e que recobrem toda a sua história. Somente considerando o contexto histórico mais amplo de uma dada sociedade é que se consegue apreender certos sentidos refletidos e/ou refratados nos enunciados. Esse olhar dialógico mais profundo dá conta da constituição dos sentidos diacronicamente e dá conta do aspecto polifônico dos discursos, apontando para subjetividades que transcendem o enunciador e seu(s) interlocutor(es).

Somente após percorrer todo esse percurso, o pesquisador deve ater-se à materialidade do texto. Antes, no entanto, de considerar os elementos estritamente linguísticos, deve voltar-se à análise do (7) gênero do discurso em que seu texto de análise se materializa. O gênero do discurso é o conceito elaborado por Bakhtin (2010 [1979]) para dar conta do eixo fundamental do entendimento de língua/ linguagem do Círculo, sua condição intersubjetiva e social.

Os gêneros representam a vinculação da língua com os sujeitos e com as organizações sociais provenientes das relações que esses sujeitos estabelecem nas atividades sociais. Como afirma o pensador russo:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas de uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 261-262).

Como se pode observar, é através do gênero e de seus elementos constitutivos que se consegue conjugar na linguagem, por meio do enunciado concreto, o linguístico e o extralinguístico, a materialidade

específica do sistema linguístico, suas regras e funcionamento ao que a ela é exterior - social, humano - mas que passa a constituí-la na unidade enunciativa. São os gêneros, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 262), o elo entre a língua, a sociedade e as relações humanas e, por essa razão, somente após atravessá-lo, pode o pesquisador, finalmente, considerar (8) a materialidade textual, auferindo proveito dos elementos linguísticos, para alcançar os sentidos que emergem dos enunciados. Assim, o texto, enquanto materialidade do enunciado e enquanto *corpus* do estudo, reverberará todos os elementos/etapas percorridas anteriormente, cumprindo o papel de “realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)” (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 307).

| Considerações finais

A motivação deste artigo, como mencionado inicialmente, foi esclarecer e dirimir eventuais dúvidas acerca de como delinear uma pesquisa que se oriente sob a perspectiva dialógica bakhtiniana. Orientados por essa finalidade apresentamos as etapas fundamentais do percurso metodológico-analítico ao mesmo tempo que buscamos explicitar os objetivos concernentes à cada etapa e como elas correspondem ao propósito teórico do Círculo de Bakhtin e, mais especificamente, ao encaixe de seu aporte teórico às Ciências Humanas.

Destacamos, mais uma vez, a atenção do leitor à imbricação do percurso metodológico-analítico, peculiaridade das pesquisas apreendidas dialogicamente. E, embora não tenha sido o objetivo deste texto ater-se às dimensões ética e estética do Círculo, consideramos pertinente esclarecer que a trajetória apresentada como orientação metodológica e analítica dialógica implicam a impossibilidade de silenciar discursos (ou vozes), de quaisquer ordem, que emerjam dos enunciados – e nisso consiste a ética da pesquisa. Por outro lado, o formato final do texto do pesquisador denota seu fechamento, sua

retirada da interação e, portanto, o acabamento de seu trabalho é único – e nisso consiste a estética da pesquisa.

Sem a pretensão de exaurir a temática acerca da metodologia das pesquisas na área de Humanas, acreditamos ter minimizado a incompreensão do leitor que busca ancorar-se na perspectiva dialógica bakhtiniana e iluminado o direcionamento de sua pesquisa, sem, é claro, restringir os caminhos específicos de sua investigação.

| Referências

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro:** Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2001.

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In:* FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Ciências humanas e pesquisa:** leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. São Paulo. Hucitec, 2010 [1929].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução do russo Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1979].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In:* BRAIT, B. (org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-32.

MENDONÇA, F. D. de. L. R. **Discurso de professores de língua portuguesa em formação:** uma análise dialógica de relatórios de estágio supervisionado de observação. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo:** cronotopo e dialogismo. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Série Ideias sobre Linguagem. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

UMA LEITURA BAKHTINIANA DA OBRA *BUFÓLICAS*, DE HILDA HILST

Emilly Monique Oliveira Silvano

Considerações iniciais

Hilda Hilst foi uma figura excêntrica no cenário literário brasileiro; publica pela primeira vez em 1950, e a partir daí, dedica sua vida à literatura. Durante isso, várias foram as queixas em relação às editoras e crítica literária, vivendo sob o estigma de escrita/escritora difícil de ser compreendida. Nos anos de 1990, produz “adoráveis bandalheiras”, achando que assim chamaria atenção de um público maior e popular. No entanto, o resultado foi outro, não alcançou mais leitores e a crítica continuou de olhos fechados. Não sendo alvo de nossa pesquisa, mas mantendo-se como necessário a ser dito, o silenciamento que a literatura hilstiana sofreu está fincado em raízes machistas e sexistas da sociedade brasileira. Caso contrário, como avaliou a jornalista Heloneide Studart (*apud* WERNECK, 2014, p. 249), “Se Hilda fosse homem já a teriam saudado com um de nossos escritores mais criativos. ‘Mulher não pode ter um texto forte’”, concordou a escritora (Hilst).

Nesse mesmo prisma, mas de uma perspectiva diferente, os teóricos do Círculo de Bakhtin por décadas estiveram à sombra do ostracismo, motivado por questões político-ideológicas. Isto se vê refletido em seus trabalhos que buscavam analisar a vida dos discursos, estes imersos em uma arena ideológica onde “a língua não é neutra e sim complexa, pois tem o poder de instalar uma dialética interna, em que se atraem e, ao mesmo tempo, se rejeitam elementos julgados inconciliáveis” (BARROS, 2003, p. 8).

Sob esta linha de pesquisa, procuramos realizar uma leitura em essência bakhtiniana da obra *Bufólicas* (2014). Destacando a formação do gênero discursivo poema e sua interação com os gêneros contos de fadas e fábulas; as relações dialógicas que os poemas, como enunciados concretos e completos, mantêm com outros discursos/vozes; e por fim, seus aspectos como literatura carnavalesca. Mas para isso, na primeira parte, desenvolvemos os conceitos bakhtinianos adotados para a análise.

1. O Círculo de Bakhtin: conceitos para análise

1.1. Os gêneros do discurso, de aspectos genéricos a uma forma arquitetônica

O conceito de gênero parte da relação entre os campos da atividade humana e o uso da linguagem; esse é um traço que distingue o estudo dos gêneros discursivos dos gêneros apresentados na Antiguidade. Os gêneros devem ser mostrados a partir do vínculo intrínseco entre a vida e a língua, como *tipos relativamente estáveis de enunciados* produzidos pelos múltiplos contatos entre os sujeitos nas esferas de comunicação, também chamada de “campos da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11) ou “campo da criação ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94.). Portanto, os gêneros não são modelos estáticos que combinam particularidades imóveis, voltados principalmente para classificação de obras literárias. As formas dos gêneros “são bem mais flexíveis, plásticas e livres” (BAKHTIN, 2016, p. 39).

Antes de qualquer enunciado ser realizado, ele é moldado por um gênero, pois eles são incumbidos de organizar o discurso (BAKHTIN, 2016). Logo, toda comunicação é mediada por gêneros discursivos.

Para Bakhtin (2016, p. 41) o sujeito não adquire somente as formas normativas do sistema linguístico, mas também “as formas igualmente obrigatórias de enunciado, isto é, os gêneros do discurso”. O enunciado “jamais pode ser considerado uma combinação absolutamente livre [...] como ato puramente individual” (BAKHTIN, 2016, p. 42), ele é orquestrado pelos gêneros, ele obedece a sua composição estrutural preestabelecida. Essa ideia, contudo, não apaga a individualidade do sujeito. Quanto maior é o domínio do gênero, maior é a presença singular do falante.

Ele é composto por três elementos, sendo eles: conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional. Fiorin (2016, p. 69) situa o conteúdo temático como um “domínio de sentido” definido no gênero. Todos os enunciados desenvolvidos em específico gênero vão estar ligados por discutirem certo tema em comum.

O estilo diz respeito à escolha dos componentes gramaticais que vão ser empregados, ao tipo de linguagem que pode ser adotada. E a construção composicional é a forma estrutural que o enunciado deve obedecer.

Os gêneros discursivos se dividem em primários e secundários. Os primários são elaborados em comunicação mais imediata e simples, tendem ao uso oral, como diálogos do cotidiano, comandos militares etc. Já os secundários crescem em contextos culturais mais elaborados de atuação humana, tendem à forma escrita, como os romances, artigos científicos, editoriais etc.

Medviédev (2016) apresenta os gêneros a partir de sua crítica às noções formalistas russas de sua época. Observa como equivocada a concepção de gênero resumida à linguística que ignora a totalidade da obra como enunciado, “Pois o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero.” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 193).

Concebe assim os gêneros mediante duas orientações da realidade, mostrando que esses enunciados se realizam não apenas linguisticamente. A primeira orientação do gênero na realidade trata dos seus traços exteriores que mantêm ligação com a vida, como tempo, espaço, sujeitos do discurso, esfera ideológica. Essa realidade exterior ao gênero nos permite analisar como “uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 195).

A segunda orientação versa os elementos construtivos dos gêneros, é através deles que qualquer gênero capta seus meios de visão de mundo. Conforme Medviédev (2016, p. 198), a compreensão da realidade realmente se dá na língua, mas não na forma sistemática e abstrata, “São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade” e os mesmos não podem ser resumidos à linguística. A consciência, como afirmou Volóchinov (2017), é socioideológica. E sua construção se dá por “uma série de gêneros interiores que servem para ver e compreender a realidade” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 198).

1.2. O diálogo contínuo

Como vimos, a linguagem é o campo central dos estudos do Círculo, que, para sua análise, desenvolveu alguns conceitos-chave. Dentre esses, o fio condutor é o dialogismo, a condição dialógica de todos os discursos humanos. Bakhtin (2016) o define não apenas como uma categoria de análise, mas considera a comunicação humana como naturalmente dialógica.

O diálogo bakhtiniano é um termo que apresenta dois sentidos. O primeiro sentido do termo é o estrito, este caracteriza a interação discursiva mais imediata, face a face, mais delimitada pelas réplicas

dos discursos dos sujeitos. Deste tipo de diálogo podemos destacar sua maior sensibilidade às ideologias do cotidiano, ou seja, às influências socioideológicas que estão vigentes em dada época (VOLÓCHINOV, 2017). Isso se deve ao seu contexto espontâneo das relações sociais. Também podemos associar o termo estrito aos gêneros primários, ambos estão ligados aos enunciados concretos mais simples, no caso, designam as relações discursivas mais cotidianas (como as conversas de salão, uma carta, um telefonema a uma amiga) ou menos elaboradas (como os comandos militares) (MARCHEZAN, 2006).

O outro sentido do termo é o mais amplo, estende-se a qualquer forma de comunicação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017). Nesse caso, o diálogo não está preso ao tempo ou espaço, aqui, não de forma similar, pois abrange categorias mais amplas, tratamos no lugar das réplicas do discurso as relações dialógicas, que podemos considerar como as ligações mínimas e máximas entre enunciados, como “Ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas” (BARROS, 2003, p. 4).

As relações dialógicas configuram qualquer discurso como resposta e pergunta de diálogos sociohistóricos que o antecedem e o procedem. Podemos considerar que o enunciado reflete outros enunciados em si, apesar de ser um evento único, não é o primeiro e nem o último dito sobre determinado objeto; ao se manifestar em direção a qualquer objeto, o falante está se posicionando ante outros sujeitos e seus discursos. O tratamento que há entre os enunciados para haver alusão ao outro na cadeia discursiva não é essencialmente de concordância, este pode ser de rejeição, negação total ou parcial, assim como de apoio, aceitação, concordância. Isso é resultado da compreensão responsiva que impele o sujeito a se posicionar. Essas avaliações do eu sobre o outro podem ser externas, como uma referência explícita, mas mais são as internas, mesmo que não

sinalizadas, visto que o enunciado individual sempre será social, preso pelas correntes dialógicas (BAKHTIN, 2016, 1993).

Em oposição ao dialogismo que alimenta a existência do homem como sujeito, Faraco (2006) coloca o monologismo como o estado de negação do outro e, portanto, do eu. Por isso Bakhtin (2016) desconsidera qualquer possibilidade de existência de um monólogo absoluto, um discurso não direcionado a ninguém e produzido sem a participação do outro. Ao contrário disso, ele acredita que a base de todo enunciado é o plurilinguismo dialogizado. Contudo, há formas monológicas de discurso, não em absoluto, mas por sua organização como gênero discursivo ou intenção do falante (BAKHTIN, 2016). Porém, ainda assim, mesmo abafado, o discurso se mantém dialógico (BARROS, 2003).

1.3. Carnavalização: uma literatura a partir da cultura popular

A historicidade do carnaval traçada por Bakhtin revela suas raízes no popular. Ele busca mostrar que ocorreu através dos tempos uma “transposição da linguagem do carnaval à linguagem literária” (PONZIO, 2018, p. 172), evento este denominado de carnavalização. E é o romance, o qual é “o gênero literário pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal por excelência” (FARACO, 2006, p. 78), que avalia como herdeiro do riso popular (FARACO, 2006).

A carnavalização, porém, não pode ser apresentada como conceito exclusivamente literário, na medida em que ela é definida como a expressão de “uma visão do mundo, do homem e das relações humanas” (BAKHTIN, 2010, p. 4).

O princípio elementar que sustenta a estrutura da carnavalização, assim como de toda materialização do carnaval, é o “mundo infinito das formas e manifestações do riso” (BAKHTIN, 2010, p. 3). É o riso e suas formas que fazem parte da vida cotidiana, de esferas

institucionais e não institucionais, ocupando um lugar em todas as classes. Bakhtin (2010) mostra que o riso sempre fez parte da organização de uma sociedade, desde os tempos primitivos podemos ver sua importância, como no riso ritual presente em cultos cômicos, em oposição aos cultos sérios.

Durante o carnaval tudo está em constante morte e vivificação, isso marca o carnaval não apenas como uma festa, mas como um meio de processo para a renovação. E esse mesmo espírito encontra-se na vida dos gêneros discursivos, eles estão sempre em constante mudança de acordo com a sociedade e suas inovações, sempre são constituídos pelo velho e pelo novo (BAKHTIN, 2016).

É a carnavalização que primeiro dá espaço às várias vozes sociais, porque ela consegue ultrapassar os dogmas e instituições que segregam classes, raças etc. Porém o riso exige o escárnio, a paródia, a zombaria, o deboche, observando os costumes e tabus pelo avesso. Mas é importante lembrar que isso ocorre para fazer renascer um novo meio social, não há destruição sem renovação, a morte e a vida integram todo o contexto (FIORIN, 2016).

É a partir desse novo modo de viver, mesmo que temporário, que se desenvolve uma nova linguagem capaz de aproximar e familiarizar o contato entre os indivíduos. É a linguagem popular presente nas praças que ganha espaço em todos os tipos de comunicações durante os dias de carnaval, e se consagra posteriormente em gêneros literários. Essa linguagem de praças públicas, marca das obras de Rabelais, é impregnada do riso do povo, e mais, é carregada de blasfêmias, injúrias, palavrões, obscenidade, ambivalências, através do escárnio se chega à liberdade (SOERENSEN, 2011).

Isso, no plano da linguagem, ocorre através de uma transfiguração nos valores da própria sociedade, e nesse caso podemos ver que há um destaque do grotesco, do desprezado, do diferente, do marginalizado, do tido como "errado", do encoberto, no carnaval tudo é trazido à luz.

Portanto, ao voltarmos-nos à carnavalização na literatura, temos nela, conforme Ponzio (2018) a incorporação de uma linguagem não oficial, de uma ideologia não oficial. Essa literatura, mesmo que canonizada com o passar dos tempos, retoma ideias não aceitas em dados contextos sociohistóricos antigos ou atuais. Faraco (2006) associa a carnavalização em níveis mais profundos de análise, como um método filosófico capaz de pluralizar a consciência humana, mostrando que há uma unidade social entre as classes, que é possível coexistir em um mesmo plano várias línguas, culturas, raças etc.

2. Análises bakhtinianas dos poemas de *Bufólicas*

2.1. Análise do gênero poema em *Bufólicas*

Como obra literária, *Bufólicas* está imersa na esfera/campo literário, mantendo relações dialógicas com outros enunciados concretos (obras literárias, gêneros literários, discursos sociais etc.) que a reconhecem como tal por seguir uma ordem interna da esfera. Para esta análise, buscamos trabalhar nesta subseção as partes genéricas da obra.

Sendo assim, no conteúdo temático dos poemas temos como eixo o sexo e a sexualidade. Todos os poemas se voltam para isso através de personagens comumente presentes em contos de fadas. Temos um rei, uma rainha, uma maga má, uma mocinha e sua vovozinha, um anão, uma feiticeira, uma fada; essas são as personagens que podemos destacar em relação aos contos maravilhosos presentes nos poemas. Ao serem abordadas por essa temática de sexo-sexualidade, as personagens perdem a possível “inocência” (presente nos contos de fadas) e passam a explorar seus desejos obscenos e tabus.

Quanto ao estilo linguístico, usa-se em todos eles uma mescla entre os vocabulários informal/popular e o culto. O informal/popular se caracteriza por palavras e expressões mais simples de conhecimento geral e de “baixo calão”, como as várias que designam o pênis: “peroba”, “mastruço”, “nabo”, “pau”, “ganso”, “porongo”, “estrovenga”, “bagos”, “bastão”, “cacete”; a vagina: “passarinha”, “gruta”, “bichona”, “choca”, “xereca”, “cona”; e o ânus: “buraco”, “cu”, “cuzaço”, “rodela”, “bunda”. O sexo anal é o mais citado pelas personagens, independentemente do sexo, por isso, há muitas palavras que se referem ao pênis e ao ânus. O uso do léxico culto é menos regular nos poemas, e quando empregado podemos observar que é acompanhado de sentenças cuja elaboração sintática é bastante complexa, como em uma fala de Lobão (do poema *Chapéu*): “Que discussões estéreis/ Que azáfama de línguas!/ A manhã está clara e tão bonita!/ Voejam andorinhas/ Não vedes”. Ainda a respeito do estilo, são usadas algumas palavras na língua espanhola, são elas: “Me voy”, “agrandados” e “mono”. Que significam, respectivamente: “eu vou”, “tornar grande” e “macaco”. Elas são empregadas de maneira que no contexto de cada poema se pode deduzir o significado na língua portuguesa.

Quanto à construção composicional, temos poemas estruturados em versos curtos livres; cada poema tem um tamanho variável, entre 32 e 87 versos; existem algumas rimas livres. A maioria dos poemas não apresenta estrofes, são desenvolvidos em um único texto sem divisões. Ao final de cada poema há uma moral da história, também em versos curtos. Por apresentar essa característica que remete ao gênero fábula, conclui-se que o gênero poema em *Bufólicas* é hibridizado.

2.2. Análise dialógica de *Bufólicas*

Em *Bufólicas*, em cada um dos poemas há relações dialógicas, desde as particularidades de cada poema à totalidade da obra. Ao observar esse último nível, podemos destacar o diálogo que a

obra faz com os discursos sobre sexualidade, sexo, corpo, castigos sexuais etc. Esse diálogo entre a obra e o leitor/sociedade/críticos é ironizando, debochando e rejeitando aquilo que é aceito ou não moralmente sobre esses assuntos, por exemplo, a sexualidade de uma criança, a prostituição de uma idosa, o poder político de um rei *gay* através de seu pênis, a renúncia de uma rainha em prol de sua satisfação sexual etc. Esses discursos se configuram como proibidos ou marginalizados ao ter como foco figuras excluídas ou “guardadas” pela comunidade quando o assunto é sexo, como as crianças, idosas e mulheres. Entretanto, nos poemas esses assuntos não possuem conotação erótica, essas vozes se revelam de forma obscena (PÉCORA, 2002), chegando a serem sádicas e grotescas.

Ainda nesse diálogo com o discurso sobre a sexualidade, sexo e corpo (etc.), há as ilustrações do cartunista Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, mais conhecido como Jaguar. Cada poema, com exceção de *A rainha careca*, possui uma ilustração que tem como foco o corpo despido completo ou parcialmente, com ênfase nos órgãos sexuais (CAVALCANTE, 2015). A distribuição das ilustrações ao longo das edições foi alterada, não correspondendo à da primeira edição da editora Massao Ohno (1992). O que Hilst realiza com a língua, transformando-a em arma que ora camufla e ora expõe, Jaguar consegue nas ilustrações (CAVALCANTE, 2015), traçando um diálogo entre elas e os poemas.

Outra relação dialógica presente nos poemas é o eco dos gêneros conto de fadas e fábula em diálogos explícitos, como referências diretas a elementos chaves desses gêneros, ou em diálogos menos explícitos ao reformular o gênero em algum nível estrutural. Ocorre no caso dos contos de fadas na influência dos personagens escolhidos e suas histórias. Sabe-se que os contos de fadas destinam-se ao público mais jovem e infantil, como mecanismo de transmissão de princípios socioculturais de determinada época através da criação de um mundo e personagens mágicos, regulados por um maniqueísmo

entre o bem e o mal (BASTOS; NOGUEIRA, 2016), portanto, podemos considerá-lo como um gênero que atende também a uma função pedagógica. Assim, ao encontrar esses ecos discursivos dos contos de fadas presentes nos poemas, porém, de maneira distorcida (carnavalizada), deparamo-nos com uma literatura “pedagógica” para adultos, transmitindo princípios precisamente obscenos. Quanto aos personagens, por exemplo, temos no poema *A chapéu*, a Chapéu (neta), a avó e Lobão (homem), personagens que rememoram o clássico conto *Chapeuzinho vermelho*; também temos uma maga, fada, rainha, rei, anão etc., personagens presentes em vários contos de fadas.

Estão presentes em todos os poemas essas referências ao imaginário maravilhoso, mas as semelhanças, como dissemos, encerram-se por aí, esses personagens são introduzidos em um mundo invertido onde são altamente devassos. Mundo esse regido pela carnavalização, assunto da próxima subseção.

Já no diálogo entre os poemas e a fábula, sua marca mais explícita está nos elementos estruturais. Todos os poemas em seu final apresentam uma ou duas morais da história, elemento importado do gênero fábula. As fábulas também são gêneros usados para transmitir verdades adotadas por uma sociedade (PORTELLA, 1983), marcada pelo ensino moralizante das consequências de ações.

Percebe-se na utilização desses dois gêneros uma função pedagógica e didática. E isso é um fator que, pela hibridização estar nos poemas, estes se reconfiguram para expressar também uma mensagem, em alguns poemas se trata de avisos, como na moral da história de *Drida, a maga perversa e fria*, que diz: “Se encontrares uma maga (antes que ela o faça), enraba-a.”; em outros, trata-se de lições, resultados de ações dos personagens, como em *O anão triste*: “Ao pedir, especifique tamanho/ grossura quantia.”; em *A cantora gritante*: “Se o teu canto é bonito,/ cuida que não seja um grito.”

2.3. Análise da carnavalização em *Bufólicas*

A chamada *filosofia do riso* vai além do carnaval como festa, e o que repercute é o senso carnavalesco do mundo (FARACO, 2006). É este senso que alcança outros meios culturais e sociais, como a literatura, evocando nesses espaços sua força descentralizadora através do riso e do plurilinguismo (FARACO, 2006).

Os poemas bufólicos, por mais que provoquem risos, trazem um desconforto, pois o pano de fundo do riso carnavalesco é atrelado à crítica, ironia, paródia, dos costumes da sociedade vigente, visto que a “literatura carnavalizada ocupa-se do presente” (FIORIN, 2016), mas mantém laços com o passado, e por meio disso recria ou hibridiza gêneros.

A hibridização dos gêneros também significa uma abertura para o plurilinguismo, para uma “realidade linguístico-social [...] heterogênea” (FARACO, 2006, p. 85), para uma abordagem da sociedade plurilíngue. Justificando a falta de excitação da tetralogia, Pécora (2004) ressalta esse caráter de valorização do novo, da recriação da língua(gem) literária. O autor chama de *anarquia dos gêneros* (PÉCORA, 2017, p. 408) a hibridização genérica que, devemos ressaltar, não é exclusiva das obras hilstianas ou do campo literário, é uma possibilidades de (re)criação de todo gênero que “renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero.” (BAKHTIN, 2015, p. 121). Pécora (2017) diz que isso, a *anarquia dos gêneros*, é devido ao nível de conhecimento histórico que Hilst possuía sobre cada gênero que trabalhava, só assim poderia saber onde aproximar mantendo a particularidade de cada um.

Em *Bufólicas* também podemos observar as quatro categorias de percepção da realidade que a carnavalização oferece (FIORIN, 2016;

PONZIO, 2018). A primeira é a queda da ordem social hierárquica, o contato entre as pessoas, dessa forma, passa a ser mais próximo, íntimo e familiar. Como exemplo, temos *A rainha careca* Ula e seu encontro com o biscate peludo, os dois personagens representam posições sociais opostas, no entanto, desprezam-na e ficam juntos, pois colocam a felicidade e satisfação sexual antes disso. A linguagem nesse estágio é livre de qualquer norma linguística ou padrão moral, ela é obscenamente livre (FIORIN, 2016). Vemos isso na análise do estilo linguístico dos poemas, onde reina o plurilinguismo vocabular através da mescla da norma culta e informal/popular e da adoção de palavras da língua espanhola. Outro exemplo é o variado repertório lexical de significados para os órgãos sexuais.

A segunda refere-se à excentricidade, ou melhor, à abertura para o que antes era considerado errado, estranho, atípico, incomum, de forma que nesse ambiente carnavalizado são normais por fazerem parte desse todo. Por exemplo, a sexualidade de uma criança, como no poema *A chapéu*, que chega a sodomizar sua avó. Outro fator, aplicado a todos os poemas, é a linguagem que privilegia uma forma mais informal/popular, lembrando a fala cotidiana.

A terceira categoria é o contato entre instâncias antagônicas, como o profano e sagrado, belo e feio, alto e baixo. Poderíamos citar o poema *O anão triste*, o qual deseja ter seu pênis diminuído, pois do que adianta ter um membro exacerbado se “Nunca podia/ Meter o ganso na tia/ Nem na rodela do negrão.” (HILST, 2014, p. 230). É o que leva Cidão, o anão, a rogar a Deus por seu falo. Aqui temos a aproximação entre um desejo totalmente voltado para o sexo/sexualidade e Deus, um ser sagrado para várias religiões.

A quarta categoria é a da profanação, principalmente a de textos sagrados, como de missas, os quais são parodiados (FIORIN, 2016). Nos poemas não há paródias de textos sagrados, mas avaliamos como profanação a parodiação de textos voltados para crianças, como

tradicionalmente são as fábulas e contos de fadas. Outra profanação é a do belo. Em, por exemplo, *A cantora gritante* vemos que sua voz recebe nomes como “oitavas/Tantas tão claras”, “Na garganta alva”, “A Garganta Alva”, os quais associam sua voz ao puro, inocência. Com o desenrolar do poema, temos sua destruição, passando a ser não mais “aquela/ Que cantava tão bem”, para a “garganta-tesão”, eternizada com o “nabo” do jumento Fodão.

As *Bufólicas* permitem uma renovação literária e social, na medida em que operam uma hibridização/anarquização dos gêneros, vai promovendo o carnaval dos discursos, não impondo barreiras entre o que é infantil ou adulto, conjuga o que pode ser dito com o não-dito, possibilitando a construção de “um mundo utópico em que reinam a liberdade, a igualdade, abundância, a universalidade.” (FIORIN, 2016, p. 105), ao mesmo tempo isso só acontece por colocar “as coisas [...] às avessas.” (FIORIN, 2016, p. 105).

| Considerações finais

Ridendo castigat mores é a epígrafe de *Bufólicas*, frase em latim traduzida como “Rindo, castigam-se os costumes” (CAVALCANTE, 2015). Trata-se de algo que resume perfeitamente a obra e seu desejo de transcender. Não se trata de fazer piada com a moral social. Trata-se de romper, de zombar com tudo aquilo que por tradição é superior, portanto, é rir também da tradição literária canônica, dos críticos e das editoras que por décadas massacraram a escrita de Hilda Hilst. Ela faz de seus algozes bufões de quem devemos rir. O riso está no reino espantado com o falo de seu rei, em uma rainha sem pelos pubianos, na impunidade de uma maga má, na sexualidade de uma mulher idosa, no falo exacerbado de um anão, no cansaço da atividade sexual provocada por uma voz, em uma vila triste pela ausência de uma fada que lhes satisfazia. Faz renascer o gênero e sua estrutura, abrindo espaço para novas vozes e assim estabelecendo novos diálogos.

O que fez nascer não somente *Bufólicas*, mas a tetralogia pornográfica foi a necessidade que Hilst sentia em ter um público, ou seja, ela ansiava pelo outro(s), pelo “enfraquecimento do elemento monológico do discurso e do reforço do dialógico” (BAKHTIN, 2016, p. 114). Isso principalmente através do uso da língua(gem) popular (BAKHTIN, 2016), ou seja, da cultura popular.

Tendo em vista os vários diálogos cercados por respostas e perguntas de vários sujeitos e tempos socioculturais que *Bufólicas* suscita, sabemos que a análise proposta não se encerra aqui, visto que o diálogo na perspectiva bakhtiniana nunca se encerra. Como reflexo do diálogo contínuo, temos no Brasil uma abertura cada vez maior para as ideias do Círculo de Bakhtin que vem ganhando espaço desde os anos de 1980, principalmente pelo discurso pedagógico, sempre suscitando novos diálogos entre diferentes campos de conhecimentos (BRAIT; CAMPOS, 2009).

| Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 3 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. Apresentação do problema. *In:* BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 1-50.

BARROS, D. L. P. de. D. Polifonia e Enunciação. *In:* BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BASTOS, R.; NOGUEIRA, J. Estereótipos de gênero em contos de fadas: uma abordagem histórico-pedagógica. **Dimensões**, v. 36, p. 12-30, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/%20viewFile/13864/9817>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

CAVALCANTE, N. S. **Corpos e sexualidades que transgridem**: análise comparativa e gendrada dos poemas de *Bufólicas*, de Hilda Hilst. 2015. Dissertação (Mestrado em literatura comparada) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11786/3/2015_dis_nscavalcante.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HILST, H. **Bufólicas**. São Paulo: Globo, 2002.

HILST, H. **Pornô Chic**. São Paulo: Globo, 2014.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

MEDVIÉDEV, P. Os elementos da construção artística. *In*: MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2016. p. 193-207.

PÉCORA, A. Cinco pistas para a prosa de ficção de Hilda Hilst. *In*: HILST, H. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 407-417.

PÉCORA, A. Hilda Hilst morreu. Viva Hilda Hilst! **Pesquisa Fapesp**, n. 97, p. 86-89, 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2004/03/01/hilda-hilst-morreu-viva-hilda-hilst/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PÉCORA, A. Notas. *In*: HILST, H. **Bufólicas**. São Paulo: Globo, 2002.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PORTELLA, O. A fábula. **Letras**, v. 32, p. 119-138, 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SOERENSEN, C. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Travessias**, v. 11, p. 318-331, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370>. Acesso em: 11 jan. 2019.

VALE, R. P. G. do; MELLO, R. de. Língua pileata: Bakhtin, linguagem do riso e análise do discurso. **Revista inventário**, 11. ed., p. 1-17, 2012. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/11/LINGUA%20PILEATA-%20BAKHTIN%20finalizado.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WERNECK, H. Hilda se despede da seriedade. *In*: HILST, H. **Pornô Chic**. São Paulo: Globo, 2014. p. 245-250.

OS GÊNEROS DA DESINFORMAÇÃO

Ester Cordeiro da Fonseca

| Introdução

Em uma pesquisa de iniciação científica realizada, buscou-se estudar e descrever as notícias falsas, também conhecidas como *fake news*, como um gênero discursivo, a partir do referencial da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (2016), sobretudo, a teoria dos gêneros do discurso. Dessa forma, considerou-se que os gêneros são relativamente estáveis e que, portanto, possuem um caráter histórico, ou seja, estão em contínua remodelagem (FARACO, 2009, p. 127) e respondem sempre às necessidades de uma atividade humana, se originando de outros gêneros já existentes.

O trabalho de pesquisa visou, portanto, analisar as notícias falsas, que geralmente circulam em *sites*, *blogs* ou mídias sociais, buscando investigar suas características linguísticas e discursivas mais marcantes. Nesse sentido, foram analisados os três aspectos constitutivos dos gêneros do discurso: conteúdo temático, forma composicional e recursos linguístico-estilísticos (BAKHTIN, 2016).

No entanto, durante a investigação, encontrou-se um conjunto de diferentes tipos de *fake news*, os quais iam além da notícia *stricto sensu*, foco de análise da pesquisa. Essa variedade de outros gêneros também funcionava como uma forma de propagação de informações falsas na internet, por meio das redes sociais. Trata-se de gêneros emergentes e ainda pouco descritos. Após a leitura de Llorente (2017), e em uma tentativa de abranger todos esses gêneros, decidimos classificá-los como gêneros da desinformação, pois consideramos ser um termo que consegue definir o intuito maior das *fake news*: o de desinformar. Os gêneros encontrados

foram o que convenciamos chamar de “montagens”, *tweets*, mensagens ou correntes do WhatsApp. Apesar de não ser o foco da pesquisa inicial, alguns exemplos desses tipos de notícias falsas foram coletadas e serão, nesse recorte, analisadas de maneira breve, diferentemente das notícias falsas *stricto sensu*, que receberam uma análise mais complexa, com o foco nas dimensões dos gêneros discursivos formulados pelo Círculo de Bakhtin. O atual trabalho se apresenta como uma tentativa de expor o que foi encontrado durante a pesquisa inicial, a fim de trazer esclarecimento sobre as mais diversas formas de propagação de notícias falsas na esfera jornalística *on-line*, incorporado ao conceito supracitado de gêneros da desinformação.

1. *Fake News*: elementos históricos

As notícias falsas como são conhecidas hoje, muitas vezes propagadas por meio das redes sociais e associadas à propaganda, existem muito antes do avanço do mundo tecnológico. Em uma entrevista concedida à *Folha de São Paulo* (2017), o historiador americano Robert Darnton afirma que “os precursores do sensacionalismo e das mentiras hoje disseminadas por redes sociais vêm de muito antes [...] remontam pelo menos à Idade Antiga, mais precisamente ao século VI”. Darnton traça um paralelo entre o atual fenômeno das *fake news* e o passado, citando o historiador Procópio e seus escritos acerca do Império Justiniano. Procópio escreveu, entre outros textos, o que ele chamou de “*Anekdotá*”, que continham notícias falsas sobre Justiniano, arruinando assim sua carreira.

Com isso, Darnton lembra das campanhas presidenciais dos Estados Unidos no ano de 2016, momento fortemente marcado por notícias falsas, que prejudicaram o desempenho eleitoral dos candidatos. Esse momento é considerado, por muitos, decisivo na vitória de Donald Trump na corrida presidencial. O historiador acredita que sem as *fake news*, as redes sociais e a nova mídia, Trump

não teria sido eleito, pois as pessoas acreditam mais “nessas coisas”, referindo-se às notícias inventadas, do que na mídia séria.

Read (2016) afirma, ainda, que o Facebook foi o principal responsável pelo vasto alcance das notícias falsas divulgadas pela equipe de Trump, uma vez que as inverdades sempre fizeram parte de campanhas eleitorais, mas dessa vez contou com um aliado pra sua disseminação. Notícias, com o intuito evidente de prejudicar o desempenho da candidata Hillary Clinton, circulavam com muita frequência na rede social. Obter vantagem política é, a propósito, um dos maiores intuítos das *fake news* e consiste, justamente, “na perda de prestígio do político opositor quando a ele se atribui fato ou característica infame” (BRAGA, 2018, p. 207). Assim, Read (2016) acredita que o *Facebook* não foi só um agente crucial na campanha de Trump, mas, também, que ele é o distribuidor mais eficiente de desinformação da história da humanidade.

Assim, fica evidente que, por mais que as inverdades em formato de notícia sejam antigas, foi após a campanha presidencial dos EUA e a vitória de Trump que esse “problema passou para a primeira fila da consciência de uma parte da opinião pública ocidental” (LLORENTE, 2017, p. 21), sendo fortalecidos pelas mídias sociais, que são, consideravelmente, recentes. É o momento que o fenômeno ganha estudos mais aprofundados no meio das comunicações sociais.

Conforme Llorente (2017, p. 9),

[...] o panorama político e social dos próximos meses será marcado por esta conjuntura da pós-verdade, na qual o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário.

Esse momento é marcado pela repulsa à objetividade, onde a emoção ganha peso e a checagem de dados fica em último plano. Além do desprezo aos fatos objetivos e da perda de credibilidade das formas tradicionais de jornalismo, mediante o fortalecimento da mídia digital, existe ainda uma problemática marcada pelo desejo que as pessoas possuem em sustentar suas crenças pessoais por meio das mentiras, acreditando na versão dos fatos que mais legitima suas ideologias. Assim, segundo Llorente (2017, p. 11), “a pós-verdade não é sinônimo de mentira [...]. A pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional”.

Com esse cenário, em 2016, o Dicionário Oxford nomeou o termo “*post-truth*” como a palavra do ano, definindo-o como “relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief” (OXFORD, 2016), na tradução, “relativa a circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais”. *Post-truth* (Pós-verdade, no português) é, portanto, um termo que pode definir amplamente não só o ano de 2016 e o cenário político e midiático, mas também os anos que se sucederam.

Na necessidade de reafirmação de ideologias, são criadas as bolhas, uma vez que ideias contrárias, que não fazem parte do interesse de determinados grupos, não chegam aos seus alcances, e se chegam “são feitas para serem desacreditadas” (LLORENTE, 2017, p. 20). Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br (2018, p. 23), as redes sociais recolhem vastos dados pessoais de seus usuários, a fim de oferecer-lhe produtos, sugestões de amizades, notícias, entre outros itens, com base no que imaginam que será de nosso maior interesse e que, portanto, nos fará permanecer mais tempo em suas plataformas. É uma forma confortável, mas altamente perigosa de navegação, pois os usuários não desenvolvem o hábito

de lidar com a pluralidade de ideias, logo, de possíveis discussões e debates. A consequência disso é o ódio às diferenças e o desprezo pela verdade. É por esse motivo que as *fake news* e o discurso de ódio andam de mãos dadas.

2. Os gêneros do discurso

Bakhtin (2016, p. 12), em sua obra intitulada *Os Gêneros do discurso*, definiu os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Mas é importante discorrer acerca das esferas das atividades humanas, que são um elemento primordial para que esses enunciados sejam relativamente estáveis, ou seja, para que possuam características comuns, mas que mudam de acordo com a necessidade de cada esfera.

As atividades humanas e o uso da linguagem estão ligados, e o “emprego da língua efetua-se em forma de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Dessa forma, cada campo de atividade terá uma finalidade, que será refletida nos enunciados, por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Nota-se ainda que Bakhtin não pretende elaborar regras fixas a respeito dos gêneros, como comumente se vê, principalmente, no discurso pedagógico. Ele levou em conta, sobretudo, o processo de produção desses gêneros, atentando para a infinidade de formas que a utilização da língua pode se dar nas esferas das atividades humanas, como no campo artístico, político, científico, religioso, entre tantas outras (FIORIN, 2016). Há, então, o que Fiorin (2016), chama de “vínculo intrínseco” entre a linguagem e as esferas, configurando um processo de interação, função importante dos gêneros.

Como já foi dito, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, enunciados concretos, que são construídos por um tema, um estilo e uma organização composicional.

O primeiro elemento, dos três elementos constitutivos do enunciado, a ser tratado na obra é o estilo, a estilística. O estilo está totalmente ligado à exigência do gênero, ou seja, alguns gêneros possuem um estilo próprio, como é o caso dos cumprimentos, formulários, memorandos, documentos oficiais e militares, que contam com estilos mais padronizados, com uma estruturação específica e técnica. Existirá, também, um estilo individual, pois a ideia do enunciado será marcada pela visão de mundo do falante. Sendo assim alguns gêneros estarão mais propícios à expressividade desse estilo individual, como é o caso dos gêneros de literatura ficcional, cartas, editoriais jornalísticos, artigos de opinião e outros que podem refletir a individualidade do enunciador.

Como foi visto, cada campo possui uma condição específica de comunicação, cada gênero corresponde a essas condições e cada estilo corresponde a esses gêneros. Sintetizando, existem funções e condições de comunicação que vão gerar determinados gêneros, logo, gerarão enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

O conteúdo temático pode ser definido como o tema geral do gênero, “ele não é o assunto específico de um texto, mas é o domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (FIORIN, 2016, p. 69). O autor traz ainda os exemplos das cartas com conteúdo de relações amorosas, que podem ter um assunto como o rompimento ou a traição. Dessa forma, ao tratar do gênero notícia, tem-se como conteúdo temático os fatos e acontecimentos de importância coletiva, nos campos da educação, saúde, esporte, violência, sendo que cada notícia trará um assunto sobre esses mais diversos campos.

A construção composicional é, de acordo com Fiorin (2016, p. 69), “o modo de organizar o texto, de estruturá-lo”. É, portanto, o modo em que o texto está ordenado, como estão organizados seus parágrafos. Ainda usando a carta como exemplo, o autor afirma

que é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos. Da mesma forma, as notícias que, na maioria das vezes contam com datas e assinaturas, como um suporte do gênero, para inseri-las em determinado dia, mês e ano (não sendo o caso das notícias falsas).

O estilo está ligado à historicidade dos gêneros do discurso, ou seja, às mudanças que ocorrem na vida de uma sociedade. Assim, “os enunciados e seus tipos [...] são correias de transmissão entre a história das sociedades e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20). A forma que um gênero se dá numa determinada esfera da atividade humana muda e se amplia de acordo com o tempo, isso acontece tanto nos gêneros primários, quanto nos gêneros secundários. Dessa forma, “tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 21).

3. Os gêneros da desinformação

Esse estudo baseou-se em uma pesquisa mais ampla, que objetivava a análise de notícias falsas em *stricto sensu*, visando, através da comparação com o gênero notícia, uma descrição mais apurada da organização textual-discursiva das *fake news*. Para tanto, foram analisados os três aspectos constituintes dos gêneros do discurso: conteúdo temático, forma composicional e recursos linguístico-estilísticos. No decorrer desse estudo, entretanto, percebeu-se que as *fake news* se materializavam não somente em textos que guardavam semelhanças com as notícias tradicionais, mas também por meio de diversos outros gêneros. Após perceber esses outros tipos de *fake news*, incluímo-los em um conceito mais amplo, os de gêneros da desinformação. Pôde-se afirmar que as notícias falsas não são um gênero informativo, tal como as notícias “verdadeiras”, elas são “desinformativas”. Esse neologismo compreende o intuito maior das *fake news*: o de desinformar, pois trazem informações mentirosas, com o objetivo de induzir o leitor ao erro com um discurso apelativo,

que confirme determinada crença pessoal. Em Llorente (2017, p. 11), a pós-verdade ou o pós-jornalismo são chamados como a “arma da desinformação.”. No mesmo estudo, a desinformação causada pelas *fake news* é apontada como um problema social que afeta a realidade, distorcendo-a. Portanto, como já dito, a desinformação se materializa mediante a vários gêneros discursivos, tais como, as próprias *fake news stricto sensu*, as “montagens”, mensagens no WhatsApp, *tweets*, gêneros estes emergentes, ainda não descritos e que encontram um solo fértil de propagação nas redes sociais.

As redes sociais possibilitam que seus usuários compartilhem uma gama de conteúdos nos mais diversos formatos. Soares (apud BRAGA, 2018, p. 6) chama essa capacidade de disponibilizar em um só terminal vários recursos de mídia e conexões com outros *sites* e *links* de multimodalidade. Uma vez que a tecnologia tem um grande impacto na forma que as pessoas se comunicam, elas utilizam todos os mecanismos que a linguagem midiática pode oferecer para repassar seus mais diversos pontos de vista sobre acontecimentos diários. Com isso, as redes sociais oferecem a opção de compartilhamento de *links*, logo, de notícias vinculadas a *sites* ou portais desse gênero. No contexto de pós-verdade, reforçadas pelo momento das campanhas eleitorais nos Estados Unidos e no Brasil, é comum ver notícias falsas circulando por redes como Facebook, WhatsApp, Twitter, entre outras.

Allcott e Gentzkow (2017, p. 2) afirmam que as *fake news* são “sinais distorcidos não relacionados com a verdade”. Dessa forma, o conceito de notícias falsas abrange outros elementos, que não só o texto escrito. Durante a pesquisa, notou-se que as notícias falsas mais compartilhadas no período de eleição no Brasil faziam parte de um outro grupo de gêneros. Foram encontradas, especificamente, um número maior do que chamamos por hora de “montagens”.

3.1. As “montagens”

Abaixo, há o exemplo do gênero “montagem”, que pode ser incluído no conceito mais amplo de desinformação.

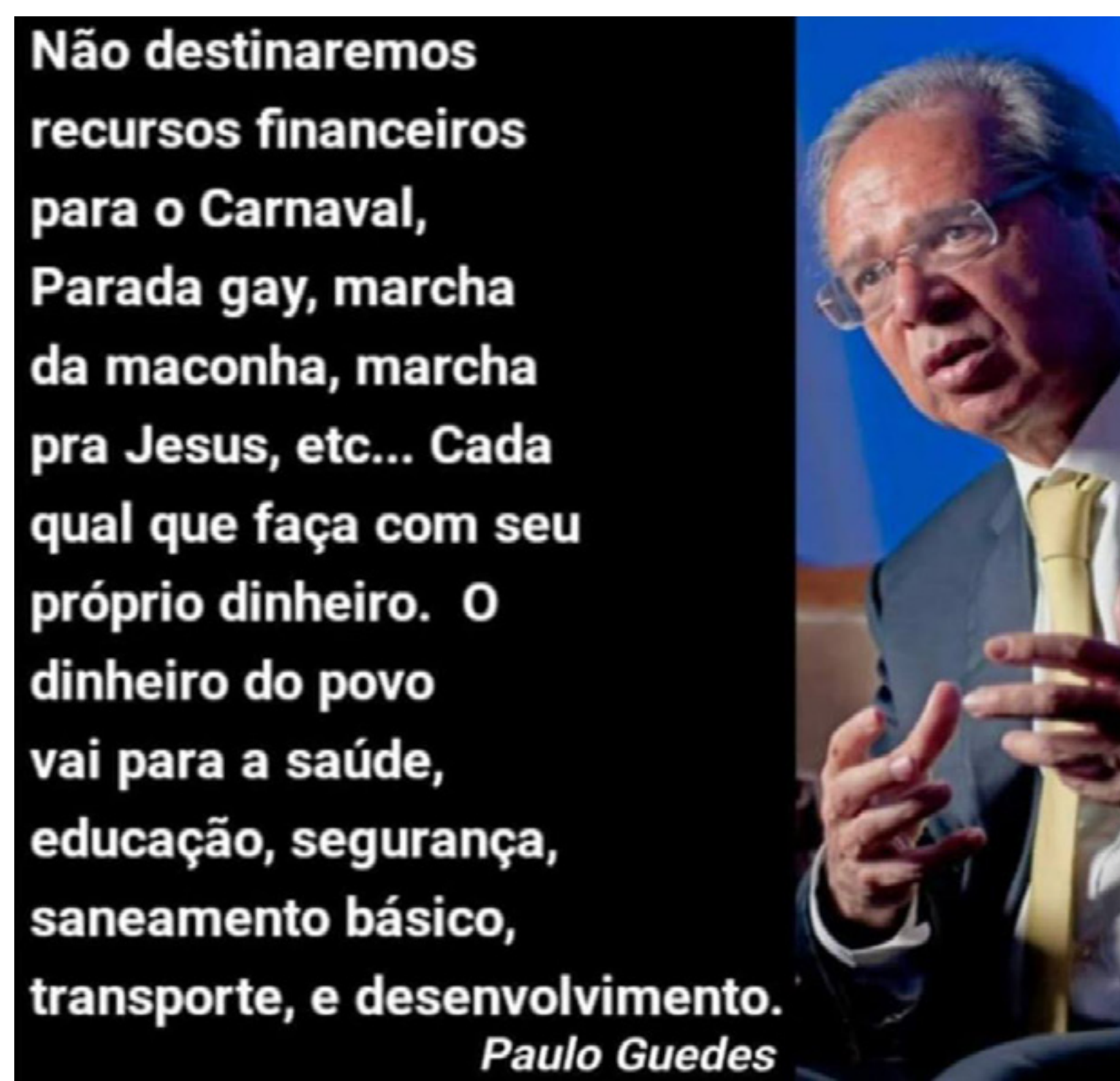


Figura 1 – Montagem

Fonte: E-farsas. Disponível em: <http://www.e-farsas.com/paulo-guedes-vai-cortar-recursos-para-o-carnaval-a-parada-gay-e-marcha-da-maconha.html>. Acesso em: 28 fev. 2019.

A imagem acima circulou, principalmente, no WhatsApp e no Twitter durante o mês de janeiro de 2019 e trata-se de uma montagem, pois não há publicações que registrem essa fala do ministro Paulo Guedes. Ela compõe-se de três elementos básicos: um texto curto; a foto a quem se atribui a fala, que, como se pode perceber, está, possivelmente em alguma palestra, entrevista etc.; e o nome do suposto autor da frase. O primeiro verbo colocado no texto está em primeira pessoa do plural, o que denota aproximação, um envolvimento pessoal do emissor, e do governo no qual faz parte, com a fala produzida.

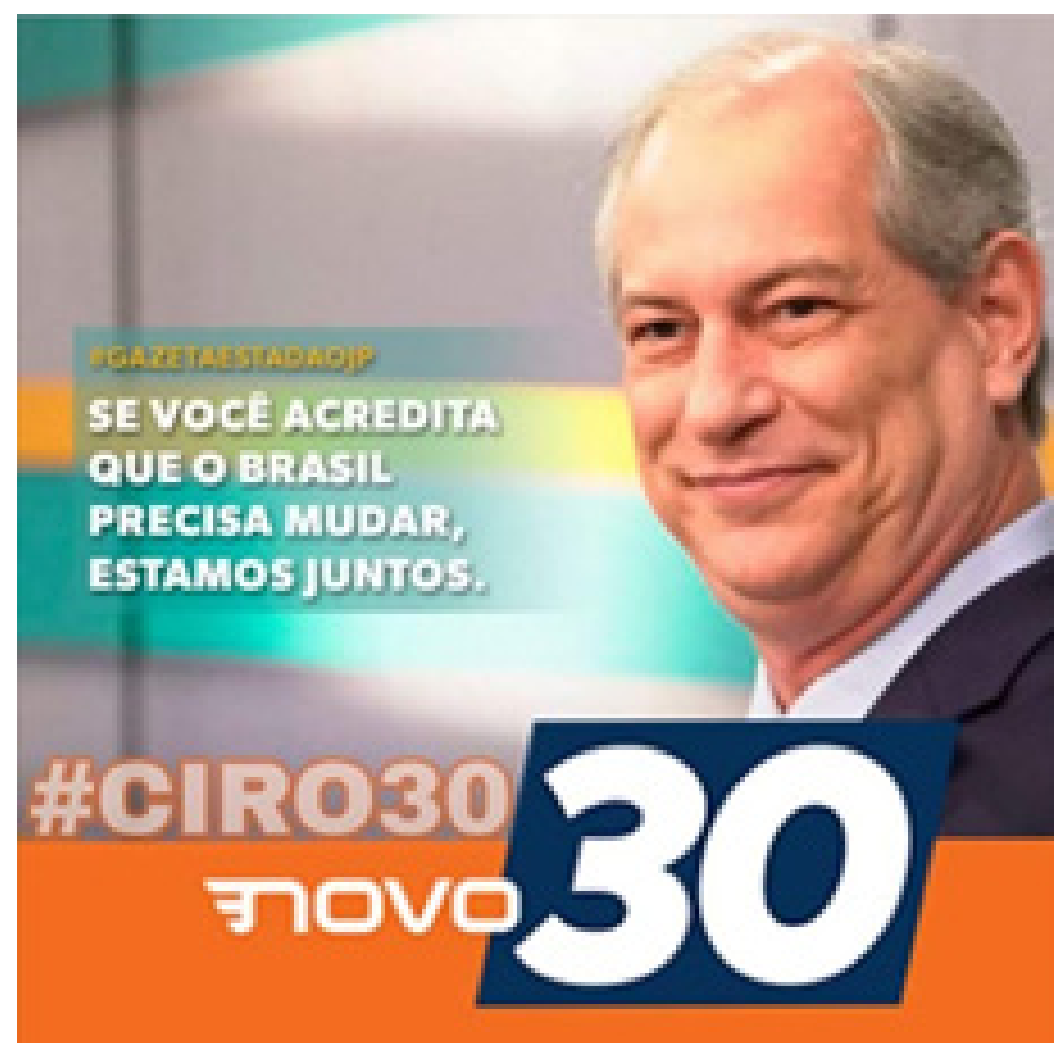


Figura 2 – Montagem

Fonte: Facebook (Foto excluída). Acesso em: 18 mar. 2019

Ciro Gomes foi candidato à presidência, mas seu número na campanha era “12” e não “30”. Seu partido era o PDT – Partido Democrático Trabalhista, e não o Partido Novo. O número e o partido exibidos na montagem são do também candidato à presidência João Amoedo. Na composição da imagem, há um foco principal no próprio número 30, no rosto do candidato *Ciro Gomes* e na *hashtag* “#CIRO30”.

3.2 Tweets



Figura 3 – Tweet

Fonte: G1 – Distrito Federal. Disponível em: <https://glo.bo/33uqVdS>. Acesso em: 30 set. 2019

No *tweet* (ou “*tuíte*”) acima, o deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF) publica uma informação falsa a respeito da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), assassinada brutalmente em março de 2018. Marielle não foi casada com Marcinho VP. Engravidou de sua única filha, Luyara Santos, aos 19 anos, cujo pai é Glauco dos Santos. Marielle também não foi eleita pelo Comando Vermelho. Segundo informações do G1, a vereadora recebeu 40% dos votos na Zona Sul e na Barra da Tijuca. Os locais nos quais ela recebeu a maior votação foram em Laranjeiras (2.237) e Jardim Botânico (1.926), sendo a quinta mais votada da cidade.

Geralmente os usuários do *Twitter* publicam acontecimentos cotidianos, com uma linguagem simples, mas há quem use para outros fins, como propagação política, por exemplo. Os *tweets* possuem um limite de 280 caracteres, um número relativamente pequeno, mas suficiente para propagar diversas mentiras. Há, ainda, a opção de *retweet* (função de replicação) ou curtir o *tweet*, funções responsáveis por gerar um engajamento ainda maior para a informação ali exposta.

3.3 Mensagens do *Whatsapp*

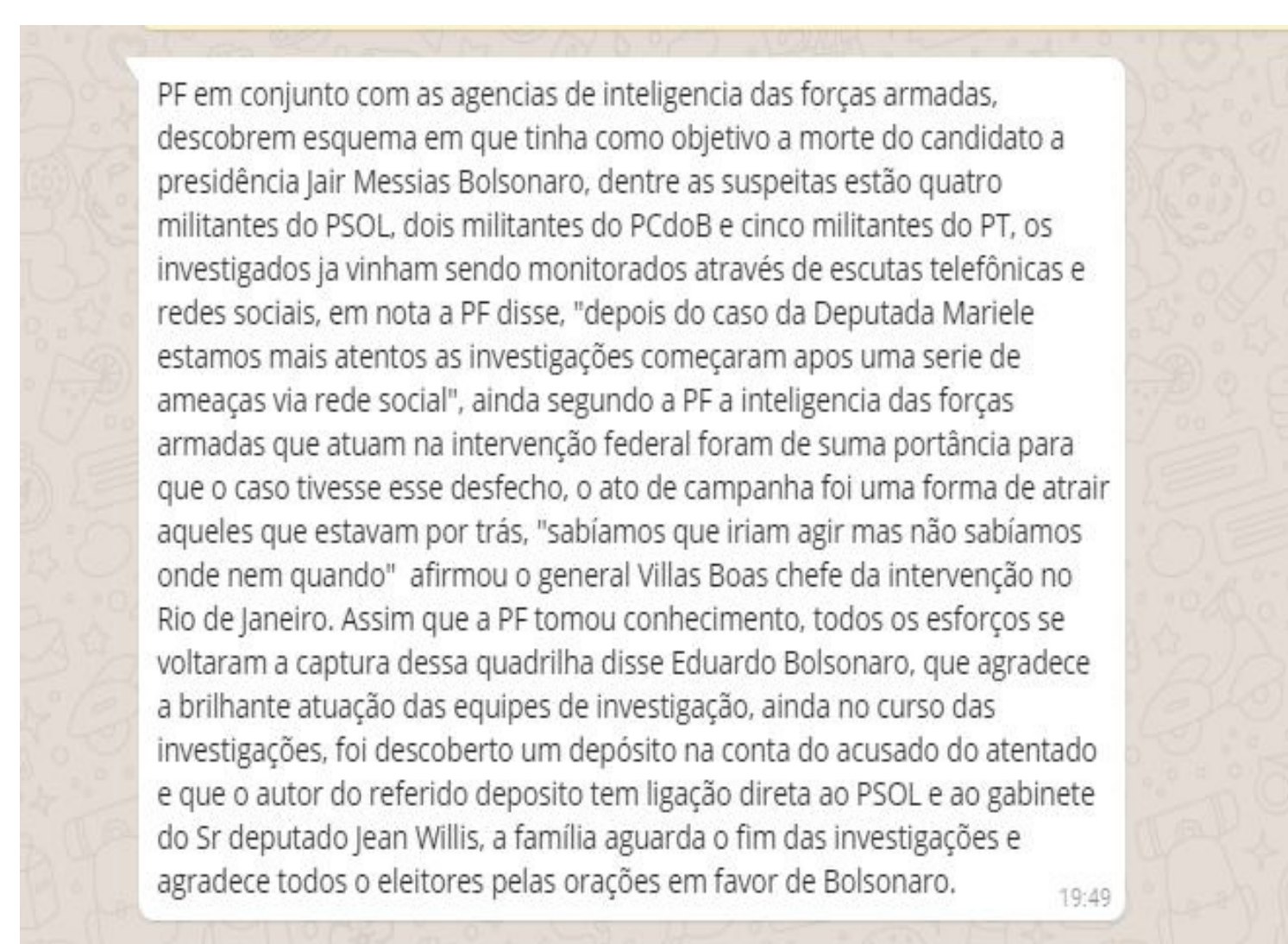


Figura 4 – Mensagem do WhatsApp

Fonte: Aos fatos. Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-o-ataque-bolsonaro/>. Acesso em: 10 out. 2019

Outro terreno fértil para a propagação de notícias falsas é o aplicativo WhatsApp. Há uma relação de intimidade entre os usuários dessa rede, que, geralmente, têm como contatos pessoas próximas da família, amigos do trabalho etc. Esse é um dos fatos que fortalece o fenômeno das *fake news*, uma vez que essa relação se baseia, sobretudo, em uma noção de confiança, dando credibilidade às informações repassadas. O WhatsApp se tornou um dos principais aplicativos de comunicação entre as pessoas e muitas vezes já se encontra incluso em alguns pacotes de internet, o que facilita o acesso. Há, portanto, uma certa praticidade no seu uso, visto que, assim como o Facebook e o Twitter, por exemplo, o aplicativo é gratuito, fácil de ser manuseado e rápido no envio de mensagens.

A imagem acima é um exemplo de mensagem que circulou, via WhatsApp, no período eleitoral de 2018. Ela é falsa, pois as declarações citadas no texto, tanto da Polícia Federal, quanto do general Villas Bôas, não existem.

Em mensagens como essa, a composição se faz, principalmente por vozes e referências, nesse caso, percebidas no suposto discurso da Polícia Federal e do general Villas Bôas, que tentam garantir a legitimidade da notícia exposta. Entretanto, elas não aparecem em conjunto com fontes especificadas e seguras. Os textos não são extensos, como os de uma notícia tradicional, e, geralmente, estruturam-se em apenas um parágrafo; possuem linguagem simples, com desvios da norma culta, erros de pontuação e ortografia; apelam, por exemplo, para sentimentos como raiva ou espanto. Isso se vê na frase: “esquema em que tinha como objetivo a morte do candidato a presidência Jair Bolsonaro”, onde se é revelado algo negativo e bombástico, e que, de modo geral, garantiria a indignação dos leitores.

| Conclusão

O avanço da tecnologia e o fortalecimento das mídias possibilitaram um acesso maior aos veículos de notícias, como os jornais *on-line* e *blogs*. As configurações do jornalismo atual também mudaram e fizeram com que o jornalismo tradicional perdesse força e credibilidade. Além disso, os acontecimentos no contexto político, principalmente no que se refere às campanhas eleitorais nos Estados Unidos e no Brasil, nos anos de 2016 e 2018, respectivamente, contribuíram ainda mais para o *boom* do fenômeno denominado *fake news*.

Portanto, levando em consideração esses acontecimentos e as análises feitas, é possível perceber que as notícias falsas são produzidas com o intuito de obter vantagens, sejam elas políticas e/ou financeiras. Analisando o seu destinatário e a força de influência que ele possui perante o enunciado, pode-se compreender, de uma melhor forma, os três elementos constituintes do gênero discursivo notícias falsas: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Ao perceber os mais diversos tipos de gêneros pelas quais as notícias falsas podem se materializar, desenvolvemos o conceito de gêneros da desinformação, uma vez que, ao contrário do próprio gênero notícia, as notícias falsas não são um gênero que informa, mas desinforma, distorce e confunde a realidade. Dessa forma, como foi possível ver, esse conceito mais abrangente engloba uma gama de gêneros discursivos, não somente as notícias em *stricto sensu*. O mais encontrado foi o gênero que denominamos de "montagens". Há, porém, diversos outros gêneros da desinformação, como as correntes do WhatsApp, *tweets*, e outros que não foram expostos aqui, como os *posts* do Facebook e os vídeos do YouTube. Todos estes, portanto, ainda carecem de elucidação e de uma descrição mais detalhada.

| Referências

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, Pittsburgh: American Economic Association, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.

ARAGÃO, A. O que se sabe, até agora, sobre o ataque a Bolsonaro. **Aos fatos**. 6 set. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/39WfJJf>. Acesso em: 10 out. 2019

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAGA, R. M. da C. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, R. V. (org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. v. I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>. Acesso em: 11 set. 2018.

CGI.BR lança Guia "Internet, Democracia e Eleições". **Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br**. 14 ago. 2018. Releases CGI.br. Disponível em: <http://bit.ly/2lSSSm2>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LLORENTE, J. A. A era da pós-verdade. Realidade versus percepção. **Uno**, n. 27, abr. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2lVg5UL>. Acesso em: 2 set. 2018.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual Geral da Redação**. 2. ed. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1987.

MARIELLE engravidou aos 16? Foi casada com o traficante Marcinho VP? Ignorava as mortes de policiais? Não é verdade! **G1**. 19 mar. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2VZIGAV>. Acesso em: 30 set. 2019.

POST-TRUTH. **English Oxford living Dictionaries**. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>. Acesso em: 6 fev. 2019.

READ, M. Donald Trump won because of Facebook. **New York Magazine**, New York, 9 nov. 2016. Select All. Disponível em: <https://nym.ag/2VYN424>. Acesso em: 5 fev. 2019.

VICTOR, F. Notícias falsas existem desde o século VI, afirma historiador Robert Darnton. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 fev. 2018. Ilustríssima. Disponível em: <http://bit.ly/2TTkM6r>. Acesso em: 23 set. 2018.

O DIALOGISMO ENTRE GÊNEROS NO PROJETO DE ENSINO “TEATROCAFÉ”: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca

| Introdução

Os gêneros do discurso são dialógicos. Hibridizam-se, autoparodiam-se, romancizam-se, enfim, não são estanques. Diferente dos teóricos formalistas, que tomavam os gêneros como meras abstrações formais, definidos por suas propriedades intrínsecas fechadas, para Bakhtin e seu círculo, importa relacionar as formas linguísticas dos textos com seus contextos, com seu desenvolvimento de temas e de significação (ROJO; BARBOSA, 2015).

Nesse sentido, compreendemos que um trabalho de abordagem dos gêneros do discurso deve prever o diálogo entre os variados gêneros. A partir dessa reflexão, propomos o projeto *TeatroCafé*, realizado na Escola Estadual Tenente Coronel Cândido José Mariano (CMPM V), da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC-AM) - gestão da Polícia Militar do Amazonas.

Esse projeto, aplicado por professores de Língua Portuguesa da referida escola, teve como enfoque os alunos da primeira série do Ensino Médio (cerca de quatrocentos estudantes), isto porque é nesse nível que se introduz no currículo o ensino sistemático da Literatura, em que são abordados os conceitos basilares para uma compreensão do que é o texto literário e quais são os principais gêneros da literatura.

Com o projeto *TeatroCafé*, pensamos que poderíamos abordar a reflexão sobre os gêneros literários de uma forma que mostrasse o dialogismo entre gêneros e os alunos se tornassem protagonistas de sua aprendizagem. Para isso, foi estabelecido um diálogo entre os gêneros do discurso conto e texto teatral por meio da leitura, da produção de textos e da encenação teatral.

| Problema de pesquisa

A Literatura é uma área da linguagem que costuma causar muitos questionamentos nos alunos. Afinal, para que serve a Literatura? Em que consiste o conhecimento literário? Muitas vezes, os discentes observam a literatura, ensinada na escola, como algo totalmente distante de seu cotidiano. Isso porque a leitura literária no espaço escolar é, normalmente, uma atividade massacrante, em que os estudantes devem ler um extenso texto de algum autor para responder algumas questões de interpretação de texto ou para debruçar-se em exercícios de gramática, que tomam o texto apenas como “pretexto” para esse tipo de enfoque.

Pensando nisso, compreendemos que é necessário levar o literário à escola de uma forma mais prazerosa para os discentes. Em um primeiro momento, poder-se-ia trazer o seguinte questionamento: “mas, afinal, alguns alunos já não leem *best-sellers*, baseados em filmes, e vice-versa, por que, então, não levar esse tipo de leitura à sala de aula?”. Então, podemos refletir que não basta a leitura por si só, é necessário fruir dos bens de alta cultura literária. É necessário suscitar nos alunos o conhecimento dos grandes clássicos da literatura para sua formação como seres críticos e reflexivos, pois é da escola a tarefa de levar esses clássicos à apreciação (CALVINO, 1993).

Portanto, compreendemos que não basta levar algo a ler aos alunos, mas incentivá-los a conhecer os bens prestigiados na nossa

sociedade, que, nesse caso, é o conhecimento das obras literárias canônicas, compreendendo por canônicas o seguinte: “A palavra cânone vem do grego *kánón*, através do latim *Canon*, e significava ‘regra’. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos e modulares.” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61).

Julgamos, porém, que essa não é uma tarefa simples, pois reconhecemos que a linguagem utilizada nesse tipo de obra muitas vezes se distancia do universo do qual os jovens do Ensino Médio estão acostumados a lidar. Sendo assim, a mera tentativa de apresentá-lhes textos canônicos à leitura não cumpre seu propósito de dar-lhes prazer ou fazê-los interessar-se por obras desse tipo, ao contrário, muitas vezes tornam a tarefa mais massacrante e enfadonha. Por isso, refletimos que é necessário cumprir dois propósitos no ensino da Literatura: o reconhecimento do valor da literatura clássica e a apreciação das obras canônicas de forma agradável.

A partir disso, pensamos em um projeto que apresentasse um autor da literatura universal, justamente por entendermos a necessidade de promover o conhecimento de obras canônicas pelos alunos do Ensino Médio. Assim, trouxemos à possibilidade diversos autores, Miguel de Cervantes, Dante Alighieri, Luiz Vaz de Camões, até chegarmos ao nome de William Shakespeare. Ora, mas por que o famoso *bardo inglês*?

O autor inglês chega até nossos alunos de forma muito aparente, pois existem diversas adaptações fílmicas, muito famosas entre os adolescentes, baseadas na obra desse autor, como *O Rei Leão*, inspirado em *Hamlet*; *Meu namorado é um Zumbi*, *10 Coisas que Eu odeio em você* e *Ela é o Cara*, adaptações juvenis de *Romeu e Julieta*, *A Megera Domada* e *Noite de Reis*, respectivamente. Assim, compreendemos que as obras do autor estão muito próximas desses jovens, cumprindo, assim, a função da literatura, qual seja, manter as

obras em um sistema vivo, como defende Antônio Candido (2006) na obra *Literatura e Sociedade*.

Assim, para esse projeto, julgamos que seria importante partir do conhecido para o desconhecido, a saber, daquilo que os alunos leem em seu cotidiano àquilo que nós, professores de Língua Portuguesa e Literatura, gostaríamos que lessem. Assim, ponderamos que apresentar um texto adaptado de William Shakespeare poderia ser uma forma mais agradável e simples de promover a leitura dos alunos desse importante autor da literatura universal.

| Metodologia

O projeto deu-se em colaboração entre quatro professores de Língua Portuguesa da primeira série do Ensino Médio da Escola Estadual Tenente Coronel Cândido José Mariano. Após definirmos o autor a ser tematizado no evento, passamos à escolha da obra. Optamos pelo livro *Contos de Shakespeare*, de Charles e Mary Lamb, com tradução de Mário Quintana. Em seguida, selecionamos os contos que seriam lidos, em sala de aula, com os alunos, e, depois, adaptados e encenados. Fixamos os seguintes: *Sonho de uma noite de verão*, *Muito barulho por nada*, *O mercador de Veneza*, *O Rei Lear*, *Macbeth*, *A megera domada*, *Noite de reis*, *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *o príncipe da Dinamarca* e *Otelo*.

Após essa etapa, introduzimos a discussão sobre os gêneros literários, indicando quais as características do gênero lírico, narrativo e dramático, focando mais particularmente no narrativo e no dramático, devido ao escopo do projeto. Após apresentar essa contextualização dos gêneros clássicos, partimos para a orientação sobre a concepção dos gêneros discursivos conto e texto teatral.

Ao apresentarmos o projeto aos alunos, indicamos a necessidade de eles produzirem uma adaptação de um dos contos lidos, pois era necessário transformar aqueles contos em textos teatrais, e,

além disso, que procurassem utilizar uma linguagem que mais se aproximasse de sua realidade e que cativasse o público presente na apresentação.

Dividimos as turmas em equipes e distribuimos funções, assim, os alunos seriam: atores, diretores, cenógrafos, sonoplastas, maquiadores, figurinistas e produtores de textos adaptados. Sobre a última função, enfatizamos que seriam orientados e que os textos adaptados passariam pelas nossas revisões até ser gerado o produto final.

Após a divisão das funções, os textos foram elaborados, revisados, até se chegar a um texto final. Assim, poderíamos dar início aos ensaios e foi justamente o que fizemos. No início de junho, começamos os ensaios. Enquanto uma parte da turma ensaiava, os outros estudantes, que não atuavam na peça, organizavam-se em suas funções de cenário, iluminação etc.

Depois de vários dias de trabalho, enfim, nos dias 26 e 27 de junho, demos início ao evento *TeatroCafé*. Tivemos, ainda, no primeiro dia do evento, a abertura realizada pelo professor Serge Margel²⁵, que apresentou aos alunos a importância dos clássicos universais da literatura.

Em seguida, iniciaram-se as apresentações. No primeiro dia, tivemos *Macbeth*, *Noite de Reis*, *Romeu e Julieta*, *O Rei Lear*, *Otelo*, *Mercador de Veneza*, *A megera domada* e *Sonho de uma noite de verão*, em apresentações de duas turmas diferentes. No segundo dia, apresentaram-se as seguintes peças teatrais: *Macbeth*, *o cowboy*, *Romeu e Julieta*, *Muito barulho por nada*, *Otelo*, *O Rei Lear*, *Sonho de*

25 Ensina filosofia na Universidade de Lausanne e na Universidade de Arte e Design, em Genebra. É Doutor em filosofia e estudos religiosos, pesquisador da Fundação Nacional de Ciências da Suíça. Também, dedica-se a pesquisar sobre Literatura, teatro e cinema.

*uma noite de verão, Noite de reis e Hamlet, o príncipe da Dinamarca, encenada por duas turmas diferentes*²⁶.

Para a compreensão de como se deu a questão do dialogismo entre gêneros no projeto *TeatroCafé*, explicamos em um breve resumo: foi oferecida à leitura, aos alunos, a obra *Contos de Shakespeare*, de Charles e Mary Lamb, com tradução de Mário Quintana, reunião de uma série de adaptações dos textos teatrais de William Shakespeare em forma de contos; a partir disso, os estudantes passaram a conhecer as histórias do *bardo inglês* nessas adaptações, então, iniciaram o processo de produção textual, realizando uma adaptação teatral de um dos contos lidos (cada turma ficou responsável por adaptar um ou dois textos), em que, mais uma vez, efetivou-se o dialogismo, uma vez que as obras originais de Shakespeare foram escritas em forma de peças teatrais.

Portanto, o trabalho deu-se sob uma tríplice dialogicidade: leitura de contos (adaptados das obras de William Shakespeare) – produção de um texto teatral (baseada em um dos contos lidos) – retorno ao diálogo com os textos originais de William Shakespeare, pois os textos do autor foram conhecidos de forma indireta pelos alunos por meio das adaptações lidas, nos contos, e relidos através das produções de textos teatrais, realizadas por eles próprios.

| Referencial teórico

Sabemos que todo enunciado é dialógico, pois responde a outro enunciado proferido antes, direta ou indiretamente. Os gêneros discursivos, como suportes do discurso, abarcam essa dialogicidade, no sentido de que também se relacionam entre si. Assim, não é incomum observar um gênero que nasce embasando-se em outro, como por exemplo, o gênero do meio digital *blog* dialogizou-se com o gênero carta.

²⁶ O *banner*, com a programação do evento, bem como as fotos de algumas peças teatrais encenadas estão disponíveis nas figuras anexas ao final do artigo.

Outra forma de dialogismo entre gêneros se dá por meio do hibridismo, que ocorre quando um gênero assume a função de outro ou mescla em sua composição as características de outros gêneros. Dessa forma, como toda a comunicação é efetivada por meio de textos, dispostos em gêneros, entendemos que o dialogismo ocorre entre os muitos textos da cultura, definidos a partir desse conceito (BARROS, 1999).

Um gênero que contribui para a dialogização de outros é o romance. Para Mikhail Bakhtin (1998), em sua obra *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*, o romance é o único gênero ainda por se constituir e sua essência está longe de ser consolidada, visto que não entra em harmonia com os gêneros antigos, descritos nas grandes poéticas do passado. Assim, o autor defende que não seja possível prever todas as suas possibilidades plásticas.

O romance, segundo o autor, acomoda-se mal com outros gêneros porque “[...] parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom.” (BAKHTIN, 1998, p. 399).

Segundo Pontes e Maciel (2009), por ser o grande gênero da Era Moderna, o romance granjeia a função de orientador de desenvolvimento dos gêneros que, por ele, são estilizados, parodiados e ressignificados. Assim, na época da supremacia do romance, “quase todos os gêneros resultantes, em maior ou menor grau, ‘romancizaram-se.’” (BAKHTIN, 1998, p. 399). Os outros gêneros, então, tal qual o seu vetor, tornam-se mais livres, suas linguagens são renovadas, inserindo-se elementos da autoparodização:

Eles dialogizam-se, e, ainda mais, são largamente penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor, pelos elementos de autoparodização; finalmente – e isto é o mais importante –, o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e

o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado). (BAKHTIN, 1998, p. 400).

Como não poderia deixar de ser na *época da supremacia do romance*, o gênero conto é também dialogizado. Assim, a economia dos seus meios narrativos, ao tratar “de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos” (GOTLIB, 2004, p. 20), permite que esse tipo de narrativa tenha um efeito único.

Assim, julgamos que, a partir da leitura de um conto, que possui “economia do estilo e a situação e a proposição temática resumidas” (GOTLIB, 2004, p. 8), seria possível adaptar a narrativa para a produção de um texto dramático, pois a partir do conflito, sucinto do conto, o produtor da adaptação teatral poderia selecionar aquilo que fosse mais conveniente para a ação que se daria no palco, apresentando, ao público, o que mais lhe causasse interesse.

| Resultados alcançados

Como resultados desse projeto, observamos que os alunos demonstraram um vívido interesse pela leitura de Shakespeare e pela realização das adaptações das obras desse autor. Consideramos que, ao motivar o conhecimento de um importante autor da Literatura universal entre os alunos do Ensino Médio, promovemos uma das funções primordiais da escola, qual seja, levar os clássicos da literatura à apreciação (CALVINO, 1993), isto porque a literatura universal configura-se como um direito a ser garantido a todos os homens (CANDIDO, 2011).

Esse interesse pela leitura das obras de Shakespeare foi percebido nas adaptações realizadas pelos alunos, que se mostraram leituras reflexivas das obras do autor, pois os estudantes modificaram, em seus textos adaptados, alguns elementos das obras de Shakespeare que melhor dialogavam com suas vivências pessoais ou até mesmo com seu interesse de cativar o público.

Podemos citar alguns exemplos dessas modificações no enredo das histórias originais de Shakespeare nas adaptações realizadas pelos alunos.

Na peça *Macbeth*, uma conhecida história em que a ambição é o propulsor da trama, Macbeth, general forte do exército do rei Duncan, comete um regicídio para tomar o lugar do monarca. Na adaptação realizada pela aluna Ana Klara Moraes, em contraposição à história de Shakespeare, quem ganha o protagonismo é Lady Macbeth, pois é ela quem mata o rei da Escócia.

Baseada no mesmo enredo, a peça *Macbeth, o cowboy*, adaptação da aluna Juliana Silva Rios Monteiro, como o título sugere, transporta a ação para o ambiente de faroeste, em que cenário e música de fundo, típicos de filmes desse gênero, deram um tom particular à encenação e encantaram o público.

Em *Rei Lear*, peça que retrata a ingratidão e traição de duas das três filhas do rei Lear, o monarca, vaidoso e insensato, oferece seu reino às suas filhas que mais lhes falassem palavras de amor em oposição àquela que o amava de verdade, mas não sabia expressar em palavras, e, por isso, Lear sofre terríveis consequências por seu ato. Na adaptação da aluna Yman Yasmin Freitas Tarayara, o bobo da corte ganha vários trechos de narração na peça, o que, no palco, transformou-se em um espetáculo à parte da aluna que atuou como bobo, possivelmente não coincidentemente, Yman, quem escreveu a peça.

A partir do que observamos nessas e em outras adaptações realizadas pelos estudantes, concluímos que, ao basearmos-nos nas orientações da BNCC do Ensino Médio, que preveem as “situações de trabalho mais colaborativas, que se organizem com base nos interesses dos estudantes e favoreçam seu protagonismo” (BRASIL, 2018, p. 472), alcançamos, por meio desse projeto, maior vivência ativa da aprendizagem dos gêneros do discurso e da literatura, conjugando

a leitura de obras baseadas em William Shakespeare, a produção de textos teatrais, a organização de uma peça e a encenação dos alunos.

Além disso, observamos outros pontos positivos do projeto, como: a interação entre os alunos para realizar o trabalho em equipe, bem como o intercâmbio pedagógico com professores de outras disciplinas.

| Conclusão

Auxiliar o alunado na compreensão dos gêneros do discurso é uma tarefa desafiadora do professor de Língua Portuguesa e Literatura. Isso porque não basta o ensino dos gêneros e suas estruturas, é preciso proporcionar situações de vivência com esses gêneros no contexto escolar. Além disso, a esse docente cabe, ainda, suscitar o interesse pela leitura e à apreciação dos clássicos universais da literatura, outro desafio que se mostra latente na prática docente, visto que é recorrente o discurso de que os alunos não têm interesse pela leitura, ainda mais quando se trata das leituras ditas obrigatórias da escola.

Dessa forma, a proposição de projetos e metodologias mais ativas da aprendizagem dos alunos é sempre bem-vinda para uma melhor abordagem didática da Língua Portuguesa e da Literatura no Ensino Médio.

Portanto, consideramos que o projeto *TeatroCafé* colaborou com uma prática mais participativa dos alunos, incentivando-os a serem protagonistas de sua aprendizagem, de forma que puderam vivenciar o trabalho com duas diferentes formas de linguagem, o texto escrito e a encenação teatral, e com os gêneros discursivos por meio dos textos lidos e produzidos. Assim, ponderamos que esse projeto cumpriu seu objetivo de levar algumas reflexões sobre literatura e as linguagens para os alunos partícipes do projeto.

| Figuras

AMAZONAS **SEDUC** **COLÉGIO**
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

**COLÉGIO MILITAR DA POLÍCIA MILITAR V
TEN. CORONEL CÂNDIDO JOSÉ MARIANO**

TEATROCAFÉ
ADAPTAÇÕES DE WILLIAM SHAKESPEARE

ORGANIZAÇÃO:
PROFA. MARIA GABRIELLA;
PROFA. CARLA CRISTINA;
PROF. RÔMULO RIBEIRO;
PROFA. MARIA ELCILENE.
ESTRELANDO:
TURMAS 1ª SÉRIE
1 AO 10
(MATUTINO):
1 E 2
(VESPERTINO)

DIAS: 26 E 27 DE JUNHO DE 2019
HORA: 6H50 ÀS 11H40
LOCAL: AUDITÓRIO NINA LINS

Arte: Lorena Rodrigues @imagolucis

PROGRAMAÇÃO
26/06/2019 (quarta-feira)

06h55-07h25 - Abertura: Prof. Dr. Serge Margel
07h25-07h55 - 1ª mat. apresenta (Resp. Profa. Gabriella): "Macbeth"
08h00-08h20 - 1ª série 5 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "Noite de Reis"
08h25-08h45 - 1ª série 5 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "Romeu e Julieta"
08h50-09h10 - 1ª série 3 apresenta (Resp. Profa. Gabriella): "O Rei Lear"
09h10-09h25 - Intervalo
09h30-09h50 - 1ª série 3 apresenta (Resp. Profa. Gabriella): "Sonho de uma noite de verão"
09h55-10h15 - 1ª série 8 apresenta (Resp. Profa. Carla): "Otelo"
10h20-10h40 - 1ª série 8 apresenta (Resp. Profa. Carla): "O mercador de Veneza"
10h45-11h010 - 1ª série 1 vesp. apresenta (Resp. Profa. Elcilene): "Sonho de uma noite de verão"
11h15-11h40 - 1ª série 2 vesp. apresenta (Resp. Profa. Elcilene): "A megera domada"

27/06/2019 (quinta-feira)

07h00-07h30 - 1ª série 2 mat. apresenta (Resp. Profa. Gabriella): "Macbeth, o cowboy"
07h35-08h05 - 1ª série 4 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "Romeu e Julieta"
08h10-08h30 - 1ª série 7 apresenta (Resp. Profa. Carla): "Muito barulho por nada"
08h35-08h55 - 1ª série 7 apresenta (Resp. Profa. Carla): "Otelo"
09h00-09h15 - Intervalo
09h20-09h40 - 1ª série 6 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "Hamlet, o príncipe da Dinamarca"
09h45-10h05 - 1ª série 6 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "O Rei Lear"
10h10-10h30 - 1ª série 9 apresenta (Resp. Profa. Carla): "Sonho de uma noite de verão"
10h35-10h55 - 1ª série 9 apresenta (Resp. Profa. Carla): "Noite de reis"
11h00-11h25 - 1ª série 10 apresenta (Resp. Prof. Rômulo): "Hamlet, o príncipe da Dinamarca"
11h30 - 11h40 - Encerramento

Figura 1 – Banner do evento “TeatroCafé”, ocorrido nos dias 26 e 27 de junho de 2019

Fonte: Própria autora (2019)



Figura 2 – Apresentação teatral *Macbeth*. Em cena, Macbeth e Lady Macbeth

Fonte: Própria autora (2019)



Figura 3 – Apresentação teatral *Rei Lear*. No palco, destaca-se no centro o bobo da corte

Fonte: Própria autora (2019)



Figura 4 - Apresentação teatral *Macbeth, o cowboy*. Na imagem, o cenário e o figurino indicam a ambientação faroeste da peça

Fonte: Própria autora (2019)

| Referências

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética:** a teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In:* BARROS, D. L. P. ; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade.** São Paulo: Edusp, 1999.

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos.** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: <http://bit.ly/39QjH6l>. Acesso em: 24 mar. 2019.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CANDIDO, A. O escritor e o público. *In*: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2WoFazi>. Acesso em: 13 jul. 2019.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2004.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PONTES, N. C.; MACIEL, D. A. V. Entre o narrar e o encenar: confluências e convergências entre o drama moderno e o conto literário. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS COMPARATIVOS, 4., 2009, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Editora Universitária, 2009. p. 1-10.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

| Obra base para o projeto

LAMB, C.; LAMB, M. **Contos de Shakespeare**. Tradução Mario Quintana. Porto Alegre: Editora Globo.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS: OS DISCURSOS DE VALOR PROPAGADOS NA ESFERA JORNALÍSTICA MANAUARA

Raquel Souza de Lira

Maria Evany do Nascimento

| Introdução

De Castro (2016) ressalta que o legado dos bens culturais das cidades narram a história da época na qual foram edificadas, no entanto, nos questionamos acerca do valor que lhes são atribuídos na contemporaneidade.

Este artigo contempla um dos objetivos do projeto *Os Discursos de valor atribuídos à Biblioteca Pública do Estado do Amazonas*, pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA/UEA), e pretende discorrer sobre a atribuição de valor direcionada ao edifício monumental sede da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas a partir das categorias de valor refletidas e/ou refratadas por meio dos signos linguísticos (VOLOSHINOV, 1979) veiculados no discurso jornalístico manauara.

Partindo do pressuposto teórico de Althusser, exposto na obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), compreende-se a esfera jornalística como uma esfera de produção e circulação de sentidos socialmente construídos com o intuito de perpetuar uma visão.

Esse pensamento concatena-se com o de Bakhtin, pois a "utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra

esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 279). Nesse sentido, os textos propagados no cenário jornalístico são determinados por situações sociais do cotidiano, abrangem enunciados concretos por meio de uma linguagem simples e, nesse caso, destinados a um público heterogêneo.

Conforme se observa nos editoriais: *Jornalismo e Sociedade; Amazonas em Tempo: 30 anos de jornalismo e evolução com a notícia; A vida em Manaus transcrita para a história*. O primeiro apresenta um jornalismo “[...] fundamentado em critérios éticos e técnicos, é uma ferramenta essencial na defesa de valores como a liberdade de expressão e de acesso a informações veiculadas de forma correta e responsável.” (A CRÍTICA, 19/04/2019). O segundo propõe “como lema mostrar todos os lados da notícia, através de um jornalismo imparcial e comprometido com a verdade.” (EM TEMPO, 06/09/2017). O último afirma que “[...] o veículo sempre teve e terá papel de destaque como guardião da história e da luta de todos os amazonenses.” (JORNAL DO COMMERCIO, p. A2, 2014).

Todavia essa tentativa de transparecer a realidade, a partir da linguagem, oculta sua opacidade ideológica (MITCHEL, 2016, p. 30), o que, nas palavras de Narzetti (2012, p. 49), compreende-se como “uma representação que faz alusão ao real, mas o que ela oferece de real é, na verdade, uma ilusão e oferece um conhecimento do mundo, que é, na verdade, o seu reconhecimento/desconhecimento”.

Essa representação pode ser observada a partir da identificação da formação discursiva (FD) presente na formação ideológica (FI), pois

A tese do caráter material das palavras e expressões significa que, uma vez que as FDs são elementos das formações ideológicas e, portanto, são atravessadas por tendências de classe, estas últimas estão diretamente relacionadas com o

fato que contraria radicalmente a ilusão da transparência, da evidência e da universalidade das palavras: o fato de que a divisão da sociedade em classes afeta a linguagem, o sentido; determina que o sentido varie (o que, no fim, das contas, desfaz a ilusão da evidência e da neutralidade do sentido). Assim, é no interior das formações discursivas que o sentido se constitui; que um sentido é *atribuído* a uma palavra. (NARZETTI, 2018, p. 652).

Nessa perspectiva discursiva, voltaremos nosso olhar para a atribuição de valor direcionada ao edifício-monumento Biblioteca Pública do Estado do Amazonas (BPAM), situado na Rua Barroso, n. 57 – Centro. Projetado pelo arquiteto José Castro de Figueiredo e construído entre os anos de 1905 a 1910 (IPHAM). Tombado como Monumento Histórico, pelo Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas (MESQUITA, 2019, p. 250).

| O discurso patrimonial aplicado à Biblioteca Pública do Estado do Amazonas

A palavra patrimônio origina-se da palavra latina *patrimonium*, antigamente associada à posse de propriedade herdada (GONÇALVES, 1996). Na contemporaneidade, é classificada como “bens culturais”, pois compreende um “conjunto de objetos e de atividades sociais e culturais” (GONÇALVES, 1996, p. 55) com o intuito de expressar características identitárias de uma nação ao longo do processo histórico.

Choay, na obra *A alegoria do patrimônio*, propõe uma análise do patrimônio edificado a partir das categorias de valor: nacional; cognitivo; econômico e artístico. Para a autora, o valor nacional é atribuído ao patrimônio relacionado à nação, que trazem em

seu bojo uma carga de sentido histórico do país (CHOAY, 2001). O segundo, valor cognitivo, remete “aos conhecimentos abstratos e às múltiplas competências”, ativando a memória coletiva dos cidadãos e o “sentimento de orgulho” (CHOAY, 2001, p. 117). O terceiro, valor econômico, corresponde à rentabilidade agregada ao bem e, também, ao capital financeiro que este representa enquanto patrimônio cultural voltado ao turístico. E por fim, valor artístico, relativo à imagem estética, ao patrimônio enquanto obra de arte.

Consoante com as ideias propostas por Argan, no livro *História da arte como história da cidade*, que postula as categorias de valor: estético e histórico, categorias concebidas por ele em um valor único, pois “[...] o valor histórico de um monumento consiste no fato de que existe e se vê, ou seja, se dá como forma sujeita à avaliação estética.” (ARGAN, 2005, p. 227).

Partindo do pressuposto que “[...] o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra” (VOLOSHINOV, 1979, p. 35), destaca-se a materialidade discursiva direcionada a esse patrimônio arquitetônico.

A notícia ‘*Carnaval das Letras*’ movimentava Biblioteca Pública com oficinas, filmes e música (A CRÍTICA, 04/02/2019) cita a primeira edição do evento “Carnaval das Letras” que ocorreu nas dependências do edifício da BPAM, das 14h às 16h, e também na Rua Barroso, após as 16h, no dia 10 de fevereiro desse ano. A matéria expõe a programação e as atividades gratuitas destinadas a todos os públicos, dentre as quais a “Bibliotour”, na qual os visitantes puderam conhecer um pouco da história da BPAM. Além disso, a programação ofertou contações de histórias; projeções fílmicas; oficinas; entre outras opções culturais.

Nessa notícia, no trecho “O evento, promovido pelo Governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado de Cultura (SEC), contará com diversas atividades culturais e terá acesso gratuito”,

observa-se um destaque para as políticas públicas de incentivo à cultura (NASCIMENTO, 2014), trazendo à tona a imagem do prédio como um espaço cultural de acesso livre a todos os públicos. Neste caso, é ressaltado o valor artístico do edifício (CHOAY, 2001).

Ademais, no fragmento “Haverá oficinas de máscaras e fanzine, contação de histórias, exibição do documentário ‘Carmen Miranda’ e da animação ‘Rio’, sessão de fotos e a tradicional ‘Bibliotour’, visita guiada que conta um pouco da história do espaço.”, são listadas as atividades desenvolvidas na BPAM, o que remete à categoria de valor cognitivo.

Na notícia veiculada no jornal *Amazonas Em Tempo*, nomeada *Domingo tem ‘Feira de Troca de Livros e Gibis’ na Biblioteca Pública* (28/06/2019), apresenta programação da 32ª edição do projeto idealizado para incentivar o hábito da leitura, mas, devido à adesão de muitos leitores, passou a oferecer também outras atividades de interação entre o público e o espaço da BPAM. Nessa edição, foi ofertado a “Bibliotour”, roda de leitura literária infantil, contações de histórias e espetáculo de dança.

Do texto dessa matéria destacam-se os trechos:

1. “O evento, que é promovido pelo Governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado Cultura (SEC), terá entrada gratuita.”

2. “O projeto [...] com o objetivo de promover a circulação do conhecimento, ampliar o acervo da Biblioteca, além de incentivar o hábito da leitura.”

3. “A programação desta edição contará com a ‘Bibliotour’, visita guiada pela Biblioteca Pública, contando a história e arquitetura de um dos patrimônios históricos mais emblemáticos do Amazonas.”

No fragmento 1, observa-se a importância da figura do Estado na promoção de políticas públicas de incentivo ao uso do espaço público (NASCIMENTO, 2014), o que também observamos na matéria do jornal *A Crítica* supracitada.

No trecho 2, observa-se a categoria de valor cognitivo, pois é ressaltado que esse espaço possibilita o acesso ao conhecimento (CHOAY, 2001).

No trecho 3, é notório o valor histórico e estético postulado por Argan (2005) e nacional e artístico proposto por Choay (2001), conforme é evidenciado na frase “um dos patrimônios históricos mais emblemáticos do Amazonas”.

Do ponto de vista discursivo, as duas notícias acima mencionadas foram escritas com base no conteúdo disponibilizado pela Assessoria de Imprensa da Secretaria de Estado de Cultura (SEC/AM), pois ao final delas constam, respectivamente, as seguintes frases: “com informações de assessoria de imprensa” e “com informações da assessoria”. Essas citações nos permitem inferir que no conteúdo discursivo apresentado há indícios da reprodução do discurso institucional propagado pela SEC e não necessariamente a visão discursiva desses jornais. Quanto ao jornal *Em Tempo*, essa hipótese se comprova na reprodução integral do texto publicado no *site* da Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas na mesma data e com o mesmo título da notícia supracitada²⁷.

| O discurso de valor: a materialidade valorativa de um corpus jornalístico

Essa análise concentrar-se-á de forma mais detalhada na notícia *Bibliotecas para livros e outras opções de lazer* (28/03/2019), assinada por Evaldo Ferreira, veiculada no *Jornal do Commercio*.

27 Notícias disponíveis em: SEC – <http://bit.ly/2Q2KeFu>. EM TEMPO – <http://bit.ly/2vLnjrv>

O texto parabeniza o bibliotecário David Carvalho tanto pela conquista do primeiro lugar do prêmio Genesino Braga, na categoria “Bibliotecário Destaque”, quanto por sua importante atuação na Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. David é o idealizador da Feira de Troca de Livros e Gibis, evento iniciado em 2016.

Nessa matéria também é divulgado a 29ª edição da Feira e, ainda, são listadas as atividades que foram ofertadas no domingo 31/03, tais como: encenação de conto infantil, roda de leitura mediada e oficina de fanzine. São destacadas outras atividades oferecidas pela BPAM ao longo do ano, dentre as quais: exposições temáticas com obras do acervo, exposições fotográficas no *hall* superior do prédio, projeções fílmicas e, ainda, é citado o uso desse espaço público para realizações de cursos gratuitos ou lançamentos de livros.

Nessa materialidade discursiva, destacam-se os seguintes enunciados concretos:

1: “Quem pensa que as bibliotecas públicas são coisas do passado, com seus velhos livros empoeirados lotando prateleiras, se engana.

2: “Basta um pouco de criatividade e ação para que estes espaços sejam transformados em atraentes locais de atividades e lazer.”

3: “David Carvalho [...], desde 2016, vem organizando uma série de eventos no belo casarão da rua Barroso.”

4: “Durante a Feira, o público também pode aproveitar a Bibliotour, uma visita acompanhada por um guia na qual é possível conhecer a história e arquitetura da Biblioteca.”

Constata-se no enunciado n. 1 a pressuposição da existência de um discurso socialmente construído a respeito do uso contemporâneo das bibliotecas. Nesse caso, o sujeito enunciativo traz à tona um discurso de não-valor atribuído às bibliotecas ao citar que elas “são coisas do passado”, apoiando-se em um discurso negativo acerca

do uso dos livros impressos, ratificado no trecho “velhos livros empoeirados lotando prateleiras”.

Todavia, esse discurso de não-valor, possivelmente propagado na sociedade, pode ser compreendido a partir das palavras de Voloshinov (2013, p. 80),

[...] trata-se antes de tudo de uma *unidade material do mundo*, que forma parte do horizonte dos falantes [...] e da *unidade das condições reais da vida*, que geram a *comunidade das valorações*: o pertencimento dos falantes a uma mesma família, profissão, ou classe social, a algum grupo social e, finalmente, a uma mesma época, posto que todos os falantes são contemporâneos.

Nesse caso, um público situado em um horizonte destoante do passado ou, ainda, que não contempla esse edifício-monumento em seu cotidiano. Portanto, instaura-se uma disputa de sentidos valorativos a respeito do que a visão jornalística supõe ser refletido na sociedade manauara acerca dos valores atribuídos à BPAM e ao que, de fato, o sujeito enunciativo apresenta discursivamente, ilustrando os fragmentos: “se engana” (enunciado n. 1); “Basta um pouco de criatividade e ação para que esses espaços sejam transformados” (enunciado n. 2); “belo casarão” (enunciado n. 3); “conhecer a história e arquitetura da Biblioteca” (enunciado n. 4).

No enunciado 2, inferimos que as bibliotecas não seriam atraentes aos olhos da sociedade, em suas configurações primárias. Nesse sentido, seria necessário transformar esses espaços em “locais de criatividade e lazer”, o que revela uma visão negativa, de um lugar não utilizado no cotidiano, mas constantemente refutada por uma visão positiva, de dinamicidade proposta por uma ressignificação desse espaço público, a partir dos eventos realizados, descritos no terceiro enunciado.

Quanto às categorias de valor, a partir do vocabulário utilizado, destaca-se o valor cognitivo (enunciado 2), valor artístico e estético (enunciado 3) e, no último enunciado, nota-se tanto o valor nacional quanto o histórico e estético.

Desse ponto de vista, ilustramos que a concepção de patrimônio é culturalmente construída, especialmente identificada no terceiro *corpus* analisado. Logo, os discursos veiculados na esfera jornalística local refletem o prédio da BPAM como um Centro Cultural de uso coletivo.

Assim, legitimam sua perpetuação na contemporaneidade e fortalecem, pela palavra, a concepção patrimonial dos bens culturais regionais, conduzindo a percepção valorativa daqueles que lêem tais jornais, pois, como diria Voloshinov, a “palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] é o modo mais puro e sensível de relação social.” (VOLOSHINOV, 1979, p. 34).

| Considerações finais

O presente artigo investigou o discurso valorativo aplicado ao edifício arquitetônico sede da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas considerando três notícias veiculadas nas páginas eletrônicas dos jornais manauara *A Crítica*, *Amazonas Em Tempo* e *Jornal do Comercio*. Porém, dos três textos propostos para análise, o terceiro *corpus*, *Bibliotecas para livros e outras opções de lazer*, evidenciou uma materialidade discursiva de maior relevância para essa pesquisa, salientando a necessidade de ampliação do recorte temporal, conforme proposto no projeto de pesquisa *Os Discursos de valor atribuídos à Biblioteca Pública do Estado do Amazonas* (PPGLA/UEA).

Pretende-se, com essa análise, iniciar as reflexões a respeito dos discursos de valor aplicadas aos bens culturais da cidade de Manaus, em especial, ao edifício monumental da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

Identificou-se, nos enunciados concretos (BAKHTIN, 2003), uma ou mais categorias investigadas, proporcionando momentos de reflexões acerca das atribuições de valor propagadas em notícias veiculadas na esfera jornalística manauara, suas influências na formação valorativa das gerações atuais e futuras sobre o patrimônio material edificado, impactando diretamente na perpetuação ou não-perpetuação dos bens culturais regionais.

| Referências

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Posições 2. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. 47-101.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação da Liberdade: Editora UNESP, 2001.

DE CASTRO, A. C. V. Das biografias urbanas à cultura das cidades: Richard Morse e a formação da metrópole paulista. **Risco**: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n. 22, p. 22-29, 2016.

GONÇALVES, J. R. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

MESQUITA, O. M. de. **Manaus**: história e arquitetura (1669-1915). 4. ed. revisada e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2019.

MITCHELL, W. J. T. **Iconología**: Imagen, texto, ideología. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016.

NARZETTI, C. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v18n3/1518-7632-ld-18-03-00647.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

NARZETTI, C. **O projeto teórico de Michel Pêcheux**: de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso. São Paulo: Annablume, 2012.

NASCIMENTO, M. E. **Do discurso à cidade**: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus. 2014. Tese (Doutorado em Artes e Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VOLOSHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOSHINOV, V. (BAKHTIN, M.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1979.

Fontes eletrônicas

A vida em Manaus transcrita para a história. **Jornal do Comercio**, Manaus, 31 dez. 2014. Disponível em: <http://digital.maven.com.br/pub/acervo/#page/2>. Acesso em: 22 jul. 2019.

‘CARNAVAL das Letras’ movimentada Biblioteca Pública com oficinas, filmes e música. **Portal A Crítica 2019**, Manaus, 4 fev. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2VZVxIF>. Acesso em: 20 jul. 2019.

DOMINGO tem ‘Feira de Troca de Livros e Gibis’ na Biblioteca Pública. **EM TEMPO - O Portal de conteúdo do Amazonas**, Manaus, 28 jun. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2vLnjrv>. Acesso em: 20 jul. 2019.

DOMINGO tem 'Feira de Troca de Livros e Gibis' na Biblioteca Pública. **PORTAL SEC**, Manaus, 28 jun. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2Q2KeFu>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FERREIRA, E. Bibliotecas para livros e outras opções de lazer. **Jornal do Comercio**, Manaus, 28 mar. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2VXL9uF>. Acesso em: 21 jul. 2019.

JORNALISMO e sociedade. **Portal A Crítica 2019**, Manaus, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://www.acritica.com/opinions/jornalismo-e-sociedade>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LUIZA, A. Amazonas em Tempo: 30 anos de jornalismo e evolução com a notícia. **EM TEMPO - O Portal de conteúdo do Amazonas**, Manaus, 6 set. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2ICPQC4>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MONUMENTOS e Espaços Públicos Tombados – Manaus (AM). **Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasil, s/d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1215/>. Acesso em: 22 maio 2018.

| Anexo

Bibliotecas para livros e outras opções de lazer

David recebeu prêmio Genesino Braga, na categoria Bibliotecário Destaque

Por Evaldo Ferreira

28 março 2019, 17h32

Quem pensa que as bibliotecas públicas são coisas do passado, com seus velhos livros empoeirados lotando prateleiras, se engana. Basta um pouco de criatividade e ação para que estes espaços sejam transformados em atraentes locais de atividades e lazer. É o que

está fazendo o bibliotecário David Carvalho, da Biblioteca Pública do Estado, que desde 2016, vem organizando uma série de eventos no belo casarão da rua Barroso.

Não por acaso David recebeu, na semana passada, o prêmio Genesino Braga, na categoria Bibliotecário Destaque, dado pelo Conselho Regional de Bibliotecários, 11ª Região, que reúne os estados do Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre.

“Nunca vi uma biblioteca como coisa do passado. Pela imensa quantidade de conhecimentos que esses espaços acumulam, eles precisam ser acessados cada vez mais por um maior número de pessoas”, disse.

David trabalha na Biblioteca Pública desde 2013 e três anos depois começou a materializar suas idéias organizando a 1ª Feira de Troca de Livros e Gibis.

“Vi esse tipo de feira em outros estados, e aprimorei aqui em Manaus. Neste domingo, 31, iremos realizar sua 29ª edição, que acontece todo último domingo de cada mês. A pessoa traz quantos livros quiser, nós os avaliamos, e entregamos um cupom para cada um deles. Esse cupom pode ser trocado por qualquer outro livro que esteja na feira”, explicou.

“Chegam a trazer livros que nós não temos em nosso acervo, nos interessam, e ficamos com eles”, contou.

“É muito bacana ver crianças trazendo gibis para trocar, como antigamente; jovens atrás de livros; bem como adultos e idosos em busca de novidades literárias”, revelou.

Durante a Feira, o público também pode aproveitar a Bibliotour, uma visita acompanhada por um guia na qual é possível conhecer a história e arquitetura da Biblioteca.

Neste domingo, com o apoio do Departamento de Literatura da SEC, por meio do Programa Mania de Ler, serão realizadas outras atividades. Das 9h30 às 10h20, personagens caracterizados vão encenar o conto infantil 'A princesa e o sapo'. Em seguida, das 10h30 às 11h20, haverá uma roda de leitura mediada de clássicos da literatura infantil, com as obras 'O pescador e o rei' e 'O jabuti e a onça'. Finalizando a programação, às 11h30, acontecerá uma oficina para produção de fanzines. Para participar, basta comparecer ao local.

Novos eventos em pauta

Outro evento idealizado por David começou este ano, em fevereiro. São exposições temáticas onde livros do acervo da Biblioteca relacionados ao tema são disponibilizados para o visitante.

"A primeira exposição, em fevereiro, foi de quadrinhos das décadas de 1970 e 80. Neste mês de março o tema está sendo as mulheres. Em abril será literatura amazonense e infantil. Em consonância com a exposição, acontecem exibições de filmes, geralmente com uma sessão pela manhã e outra à tarde. O objetivo dessas exposições é fazer com que o visitante conheça o material que temos em nosso acervo", falou.

Ontem, quinta-feira, estreou a exposição fotográfica 'Território Óbvio', do venezuelano Julián Aude Santacruz, composta por 20 registros retratando o cotidiano das comunidades indígenas tatuyo e dessana, do alto rio Negro.

"Devido à grande quantidade de fotógrafos existentes hoje em Manaus, retratando os mais variados tipos de assuntos, é provável que essas exposições se tornem mensais, individuais ou coletivas", revelou.

No sábado, 30, acontece a oficina 'Técnicas para fotografias com *smartphone*', ministrada por Nilton Leal, das 9h às 12h. O curso ainda terá uma sessão no dia 6 de abril. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até hoje, 29.

Às 15h o escritor Jan Santos lança seu terceiro livro, 'O dia em que enterrei Miguel Arcanjo e outros contos de fadas'. O livro foi uma das obras contempladas no Prêmio Conexões Culturais, da Manauscult, em 2017.

Fazendo a coisa certa

"Nossa idéia é transformar a Biblioteca num espaço dinâmico com palestras e discussões. O grupo Vírgulas Cardeais já realizou quatro rodadas intituladas 'Conversas Cardeais', sempre com temas ligados à literatura. Mas outros grupos, com outros temas, são bem vindos", adiantou.

"Trabalho sempre com eventos para os próximos dois meses. Começarei agora a organizar os de maio e junho, mas em abril ainda teremos a oficina 'Produção Independente e Escrita de Contos', na qual será ensinado o passo a passo para quem escreve um livro e quer editá-lo; e o projeto 'Lê Pra Mim', de contação de histórias, realizado por um grupo do Rio de Janeiro, com artistas nacionais e locais contando histórias para crianças. As crianças serão trazidas das escolas até aqui e depois levadas de volta", lembrou.

"Como o público está comparecendo bastante aos nossos eventos, acredito que estamos fazendo a coisa certa", comemorou.

A Biblioteca Pública abre de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Quando há eventos especiais, também abre aos sábados e domingos.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

Anndra Karolina da Silva Balieiro

É graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa do 8º período da Universidade do Estado do Amazonas. Faz pesquisas de IC em Análise do discurso. anndrabalieiro@gmail.com

Carlos Renato Rosário de Jesus

Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (1996), com Pós-graduação *lato sensu* em “Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna” (2003) e “Língua e Literatura Latina” (2005) pela mesma instituição. É Mestre (2008) e Doutor (2014) em Linguística - Estudos Clássicos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Fez estágio sanduíche em 2012 na Università degli Studi di Siena, Itália, sob supervisão do prof. Dr. Simone Beta. Trabalha como professor pesquisador Adjunto na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), desde julho de 2008, junto ao Departamento de Letras – Língua Portuguesa e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, onde desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Retórica clássica, Argumentação, Gramática e Prosódia do português brasileiro. carlosrenator@yahoo.com.br

Claudia Patricia Cadena Montoya

Formada no Brasil no curso de Letras – Língua e Literatura Inglesa, pela UFAM. Trabalha desde 2008 com o ensino de idiomas no Brasil. Atualmente desenvolve o projeto no mestrado em Letras da UFAM, na linha de pesquisa Análise de Discurso. cpcmontoya@gmail.com

Claudiana Narzetti

É doutora em Linguística e Língua Portuguesa e docente da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Faz pesquisas sobre a história e a epistemologia da AD francesa, bem como sobre discursos da contemporaneidade a partir dos pressupostos desse campo e em articulação com a análise dialógica do discurso. cn.narzetti@gmail.com

Colin MacCabe

Professor Honorário do Departamento de Letras-Inglês na Universidade de Pittsburgh, onde ensina Literatura Moderna, com ênfase particular no pré-modernismo, no modernismo e na Renascença e onde também ministra cursos sobre cinema, pesquisando psicanálise, Joyce, Godard, linguística e a história do inglês desde 1500. É autor de, entre outras obras, *A Portrait of the Artist at 70*, *James Joyce and the Revolution of the Word*, *T. S. Eliot*, *The Butcher Boy*, *Performance*, and *Diary of a Young Soul Rebel* (com Isaac Julien). Também editou várias obras, como *Signs of the Times: Introductory Readings in Textual Semiotics*, *The Talking Cure: Essays in Psychoanalysis and Language*, *High Theory/Low Culture*, *The Linguistics of Writing*, *Futures for English*, and *James Joyce: New Perspectives*. Mais recentemente, co-editou obras com a Oxford University Press, dentre as quais, *True to the Spirit: Film Adaptation and the Question of Fidelity* (2011) (com Kathleen Murray and Rick Warner), dois volumes de *Film and Empire* (2011) (com Lee Grieveson), e *Godard's Contempt: Essays from the London Consortium* (2012) (com Laura Mulvey). maccabe@pitt.edu

Ester Cordeiro da Fonseca

É acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas e é, atualmente, bolsista pela FAPEAM em um projeto de pesquisa em literatura. estercordeiro123@gmail.com

Emilly Monique Oliveira Silvano

É graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente realiza trabalhos na área de análise dialógica do discurso, desenvolvendo pesquisas com obras literárias. Também tem interesse nas linhas de análise do discurso francesa e divulgação científica. emillymonique.oliveira@gmail.com

Fernanda Dias de Los Rios Mendonça

É Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014) e Professora Adjunta II do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Discurso – LADI, CNPq, desenvolve pesquisas no âmbito da Linguística Aplicada e do Discurso, com ênfase na abordagem dialógica do Círculo de Bakhtin. fernandadelosrios@yahoo.com.br

Fernando Ferreira da Silva Ananias

Formado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela UFMT, tem cinco contos publicados na coletânea *Por Encomenda* (2012), e uma peça publicada pelo V Concurso Jovens Dramaturgos (2015). Atualmente, cursa Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. fernandoanancias32@gmail.com

Josué Jacob Almeida Mouzinho

Cursou Letras Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas, graduando em 2011. Em 2013, assumiu concurso para professor de Língua Portuguesa na SEDUC-AM e SEMED-Manaus. Em 2018, ingressou no Mestrado em Letras no PPGL-UFAM, com previsão de conclusão em 2020. josuejam@hotmail.com

Lorena Nobre Tomás

Professora efetiva do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas. Possui doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2019); mestrado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (2012); especialização em Leitura e Produção Textual (2003) e graduação em Letras - Língua Portuguesa (2002) pela Universidade Federal do Amazonas. Atua principalmente na área da leitura e produção textual, ensino de Língua Portuguesa e formação de professores. Desenvolve pesquisa na área da Análise do discurso, em especial sobre o discurso das mídias e as questões culturais. lorena_nobre@yahoo.com.br

Luiz Carlos Martins de Souza

Professor adjunto da Universidade Federal do Amazonas e psicanalista em formação. Doutorou-se em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2012), realizou estágio doutoral na University of California, Los Angeles (UCLA/EUA, 2010), pesquisando a discursividade no cinema. Atua como documentarista, curta-metragista e roteirista, tem experiência na área de Análise de Discurso com estudos dos processos de significação, ensino de Língua Portuguesa como primeira e segunda língua, identidades amazônicas, e com estudos sobre as relações entre linguagem verbal, audiovisual, psicanálise e ideologia (em roteiros de cinema, filmes, documentários, vídeos, redes sociais e educação a distância). E-mail: lukamartins@gmail.com.

Márcio José da Silva

É professor de Português (e de Inglês) e pesquisador do IFPE - *Campus Recife*, coordena o projeto de pesquisa “Filosofia, linguística e literatura – pontes semânticas ou discursivas e abismos epistemológicos” e orienta diversos planos de atividades. É mestre em Ciências da Linguagem pela UNICAP (2016), especialista em língua portuguesa (2010) e licenciado em Letras pela UFPE (2005). marcio.silva@recife.ifpe.edu.br

Maria Evany do Nascimento

É Dra. em Design (PUC-Rio). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, especialista em História e Crítica da Arte e graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Amazonas. Professora da Universidade do Estado do Amazonas (ENS/PPGLA). Líder do grupo de estudo *Intercidade* e do projeto *Design, identidade e imagem da cidade* (FAPEAM). mednascimento@uea.edu.br

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará e mestrado em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (Pós-Lit/UnB) e atua como docente na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas e na Secretaria Municipal de Educação de Manaus. gabriellafloress@hotmail.com

Max Alan Moura da Silva

É formado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Possui interesse em estudos relacionados à Literatura Africana e Análise do discurso francesa. Atualmente leciona na escola Hilda Ferreira. Desde criança demonstra interesse pela leitura e música. Possui uma grande paixão por instrumentos musicais, em especial, Clarinete. Nas horas vagas se interessa por política, filosofia e sobretudo é amante do futebol. maxalan.m.s@gmail.com

Renata Nobre Tomás

É doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2019), mestra em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (2013), especialista em Leitura e Produção Textual (2003) e graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2001). É professora do quadro efetivo do curso de Letras da UEA desde junho de 2008. Atua principalmente na área de análise do discurso bakhtiniana, leitura, produção textual e discurso das mídias sobre violência contra a mulher. renata_tomas@yahoo.com.br

Raquel Souza de Lira

É Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e suas Literaturas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA-UEA). Membro do grupo de estudo *Intercidade*. Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus).
raquelliralettras@gmail.com

Vitória Carvalho dos Santos

É graduanda do curso licenciatura em Letras – Língua e literatura portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e desenvolve pesquisas sob a ótica da Análise do Discurso voltada para textos literários. vivi.scarvalho@hotmail.com

Publique seu e-book com a gente!

Letraria 



AD francesa
(1969-2019):
50 anos de presença nos
estudos da linguagem

Letraria 